

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Ângela Hering de Queiroz

**MIGRAÇÃO FAMILIAR: DA QUEBRA À RECONSTRUÇÃO DAS
REDES SOCIAIS SIGNIFICATIVAS**

FLORIANÓPOLIS

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Ângela Hering de Queiroz

**MIGRAÇÃO FAMILIAR: DA QUEBRA À RECONSTRUÇÃO DAS
REDES SOCIAIS SIGNIFICATIVAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Profa. Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré.

FLORIANÓPOLIS

2008

“Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada,
aconchegada nos meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.”

Carlos Drummond de Andrade

Dedico este trabalho para minhas ausências:
mãe Maike, Oma Lia e Vô Xande.
Mãe, obrigada por me fazer migrar para a vida!

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles integrantes da minha rede que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste trabalho, meu sincero obrigada.

À minha Orientadora Professora Doutora Carmen L. O. Ocampo Moré, pela disponibilidade, apoio, suporte e abertura ao diálogo e à co-construção deste trabalho, que muito colaboraram para meu crescimento pessoal e profissional. Eu sou especialmente grata pela compreensão e colo materno nos momentos em que mais precisei.

Ao meu pai, Antônio Diomário de Queiroz, por sempre acreditar e me estimular a ir além dos meus limites. Obrigada pelo suporte, confiança e exemplo de força e superação. Agradeço também à Rosa Assunta de Cezaro, que soube entrar para a nossa família com doçura e afeto.

Aos meus irmãos, cunhados e sobrinhos: Simone, Santiago, Tiago, Maria Cristina, Gabriela, Alexandre, Melissa, Caterina, Isabela, Max, Mariana, Vítor, Lia, Pablo, Ana Clara, Lucas. Sou muito abençoada por fazer parte desta família, que não é grande apenas em número, mas principalmente em amor, compreensão, amizade e incentivo. Um carinho especial da dinda para as afilhadas Manuela e Gabriela.

Ao Patrick Alex Freitas da Silva, grande companheiro, pela compreensão durante minha “ausência” e por estar ao meu lado com palavras confiantes, de carinho e força, tornando esta jornada mais suave e feliz. Te amo!

À minha amiga-irmã, Naiane Carvalho Wendt, a quem, por ser tão importante na minha vida e na concretização deste trabalho, não encontro palavras para demonstrar minha gratidão!

Aos meus grupos de amizades: sistema fraterno, salada de frutas e confraria das primas, que entenderam minhas faltas e compartilharam os momentos tristes e alegres desta jornada. Muito obrigada por tudo o que vivemos e por tudo o que ainda viveremos juntas!

À Maria Aparecida Crepaldi, pelo incentivo e afeto ao longo desta jornada!

À Denise Duque e a todos os amigos e colegas do Familiare e da Ciranda Sistêmica, pela compreensão, apoio e amizade.

Ao Grupo de Estudos das “Carminianas” e ao Grupo de Formação em Orientação Profissional, pelas discussões engrandecedoras e pelo apoio.

À Faculdade Estácio de Sá, que permitiu a necessária dedicação para a conclusão desta dissertação. Agradeço também aos amigos e colegas de trabalho, pelas trocas e estímulos diários.

Aos importantes membros da minha rede, Carolina Fermino da Silva, Luciana Cristina Assini e Patrick Alex Freitas da Silva, que contribuíram no acesso às famílias que fizeram parte desta pesquisa.

À Lisiane Cristina Freitas da Silva, pelo auxílio importante na transcrição das entrevistas.

À Dulce de Queiroz Piacentini que, carinhosa e prontamente, aceitou fazer uma leitura cuidadosa e contribuir para enriquecer o texto deste trabalho.

Aos Professores e Funcionários do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, pela prontidão em atender-me sempre.

Às professoras Doutoras Ceneide Maria de Oliveira Cerveney e Ariane Kuhnen, por aceitarem de imediato o convite para participar da banca.

À professora Doutora Jadete Gonçalves, por aceitar contribuir como banca suplente.

A todas as famílias que gentilmente aceitaram dividir comigo parte de suas histórias.

Em especial, agradeço a Deus, por me guiar, proteger, fortalecer e colocar no meu caminho essa rede social de afeto!

RANCHO DE AMOR À ILHA

Cláudio Alvim Barbosa (Zinhinho)
Hino Oficial de Florianópolis

Um pedacinho de terra,
perdido no mar!...
Num pedacinho de terra,
beleza sem par...

Jamais a natureza
reuniu tanta beleza
jamais algum poeta
teve tanto pra cantar

Num pedacinho de terra
belezas sem par!
Ilha da moça faceira,
da velha rendeira tradicional.
Ilha da velha figueira
onde em tarde fagueira
vou ler meu jornal.

Tua lagoa formosa
ternura de rosa
poema ao luar,
cristal onde a lua vaidosa
sestrosa, dengosa
vem se espelhar...

SUMÁRIO

RESUMO	i
ABSTRACT	ii
1. INTRODUÇÃO.....	6
2. OBJETIVOS	10
2.1 Objetivo geral.....	10
2.2 Objetivos específicos.....	10
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
3.1 Pressupostos epistemológicos da pesquisa.....	11
3.2 Conceito de família e suas configurações.....	13
3.3 Transições familiares.....	16
3.4 Cultura e contexto de desenvolvimento	17
3.5 Migração	20
3.6 Migração e ciclo vital	23
3.7. Migração e Luto	27
3.8. Rituais	30
3.9. Rede social.....	33
3.10. Rede social e migração	37
3.11. Políticas públicas: suporte social.....	38
4. MÉTODO	41
4.1 Caracterização da pesquisa	41
4.2 Campo de pesquisa.....	41
4.3 Participantes	42
4.4 Procedimento	42
4.5 Instrumentos.....	43
4.6 Análise dos dados.....	46
5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	48
5.1. Caracterização das famílias participantes.....	48
5.1.1. Tabela 1: Dados sócio-demográficos das famílias participantes da pesquisa.....	49
5.1.2. Síntese das famílias e seus respectivos Mapas de Redes.....	51
5.1.2.1. Família Santos	51
5.1.2.2. Família Freitas	53
5.1.2.3. Família Souza.....	55
5.1.2.4. Família Monteiro	57
5.1.2.5. Família Silva.....	59
5.1.2.6. Família Marques.....	61
5.1.2.7. Família Barcelos	63
5.1.2.8. Família Cardoso.....	65
5.1.2.9. Família Nunes.....	67
5.2. Apresentação das categorias, sub-categorias, e elementos de análise.....	69
6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	70
6.1. Construção do processo de migração	70
6.1.1. Motivos	71
6.1.2. Decisão.....	74

6.1.3 Expectativas	80
6.2. Adaptação da família migrante	85
6.2.1. Moradia	85
6.2.2. Comparação cultural	87
6.2.3. Preconceitos	94
6.2.4. Reavaliação projeto de vida familiar	97
6.2.5. Biculturalismo	100
6.3. Transfiguração do mapa de redes significativas no processo de migração	101
6.3.1. Quebra da rede de origem	101
6.3.2. Reconstrução de novas redes no contexto migrante	107
6.3.3. Suporte social	111
6.4. Migração familiar e ciclo vital	112
6.4.1. Fase do ciclo vital familiar	113
6.4.2. Configuração familiar	116
6.4.3. Fronteiras dos sistemas e subsistemas	124
6.5. Metáforas	126
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
8. REFERÊNCIAS	132
9. ANEXOS	136
10. APÊNDICE	141

RESUMO

QUEIROZ, Ângela Hering de. **Migração familiar: da quebra à reconstrução das redes sociais significativas**. Florianópolis, 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré

Realizou-se este trabalho com o objetivo de caracterizar os aspectos das redes sociais constituídas durante o processo de migração e sua influência no ciclo vital das famílias. Para tanto, identificaram-se a configuração (estrutura, dinâmica e valores) e o momento do ciclo vital das famílias participantes do estudo, os aspectos da rede social facilitadores e inibidores do processo de inserção de migrantes na comunidade e os sentimentos da família sobre o processo de migração vivenciado. Participaram da pesquisa nove famílias que se mudaram para Florianópolis num processo de migração interna e que estavam estabelecidas na cidade num período de no mínimo seis meses e no máximo cinco anos. Fundamentou-se a pesquisa na Teoria Sistêmica, sustentada pelos pressupostos epistemológicos da ciência novo-paradigmática. Utilizou-se delineamento descritivo qualitativo no qual foram realizadas entrevistas semi-estruturadas que subsidiaram a construção do Mapa de Redes das famílias participantes da pesquisa. Os resultados enunciaram a configuração familiar e a rede social das famílias migrantes, que foi mapeada pelo Mapa de Redes, que por sua vez foi co-construído com as famílias. Os dados obtidos foram submetidos a uma análise de conteúdo e posteriormente organizados e agrupados em categorias. Nas considerações finais deste trabalho confirmou-se que: a migração teve impacto no ciclo vital de todas as famílias, independentemente da fase evolutiva, tendo em vista que atuava como um agente estressor que ao aliar-se com as transições desenvolvimentais gerava momentos de estresse que repercutiam na dinâmica familiar, facilitando ou prejudicando o processo de adaptação das famílias. A formação de novas redes sociais foi fundamental no processo de aceitação da cidade de destino. As famílias que conseguiram estabelecer redes mais próximas para todos os integrantes foram as que se consideraram adaptadas na cidade.

Palavras chaves: migração interna, redes sociais, ciclo vital familiar.

ABSTRACT

QUEIROZ, Ângela Hering de. **Family Migration: from the breaking to the reconstruction of significant Social Networks**. Florianópolis, 2008. Dissertation (Master in Psychology) Program of Post-Graduation in Psychology, Universidade Federal de Santa Catarina.

Person who orientates: Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré

This work was done with the objective to characterize the aspects of the social networks constituted during the migration process and its influence on the life cycle of the families. It has been identified configuration (structure, dynamics and values) and the life cycle moment of the families studied, the aspects of the social network facilitators and inhibitors of migrants insertion process in the community and the family feelings about the experienced process of migration. Nine families participated of the research. They moved to Florianópolis in a process of internal migration and were established in the city in a period of at least six months and maximum five years. The research was based on the Systemic Theory, supported by epistemological assumptions of new paradigmatic science. The semi-structured interviews were used to build the Social Network Map of the researched families. The results enunciated the familiar configuration and the social network of the migrant families. The data were submitted to a content analysis, and after they were organized and grouped in categories. As conclusion of this work one confirmed that: the migration had impact in the life cycle of all the families, independently of the evolution phase. It acted as a stress source that, when entering into an alliance itself with the developmental transitions, generated moments of stress that reflected in the family dynamics, facilitating or harming the process of adaptation of the families. The formation of new social networks was really important in the process of acceptance of the destination city. The families who could to establish closer social networks for all its members were ones that considered itself suitable and adapted to the city.

Keywords: internal migration, social networks, family life cycle.

1. INTRODUÇÃO

A migração faz parte da história da humanidade através da incessante exploração e dominação de novas terras e mundos. O Brasil, desde sua colonização com a chegada dos primeiros portugueses, foi contexto de sucessivos processos migratórios. De início, percebeu-se a presença marcante de imigrantes europeus, africanos e asiáticos, distribuídos por todo país, fortalecendo as lavouras, a mineração e a construção das cidades.

Em razão do processo de industrialização brasileira ocorreu o aumento das migrações internas em direção aos grandes centros urbanos, que correspondeu às mudanças no modo de produção e no sistema econômico (Singer, 1995). Nas décadas de 1970 e 1980, no contra-fluxo desta história, aconteceu a maior saída de brasileiros do país, num surto de emigração durante os anos de repressão militar, considerada migração política (Sales, 1991; Vianna, 1998).

O fenômeno da migração continua visível em todo o Brasil, como apontam os dados de 2004 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. No período de 1991/2000, um conjunto de municípios do Brasil apresentou ritmo de crescimento anual superior a 3%, considerado estatisticamente significativo. Neste grupo estavam seis capitais brasileiras que sofreram maior impacto com a migração: Manaus; Macapá; Rio Branco; Boa Vista; Palmas e Florianópolis (3,34%). Florianópolis tornou-se alvo especial para receber a migração de famílias, tanto vindas do interior do Estado de Santa Catarina, como provenientes de outros Estados brasileiros – principalmente São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul – e também de outros países, representados pelas famílias de argentinos, uruguaios e paraguaios.

A família, entendida como um sistema complexo e aberto, que influencia e é influenciada pelo contexto no qual está inserida, acompanha o movimento histórico dos processos migratórios. Na procura de melhores condições sócio-econômicas, as famílias

fazem da quebra de fronteiras de suas cidades de origem um desafio, em busca de novos projetos de vida. No processo de migração a família deixa para trás numerosos segmentos de sua rede social significativa. O afastamento de familiares, amigos, comunidade, colegas de trabalho e estudo, dentre outros, é vivido pelo sistema familiar como sentimentos de perda e luto, mas que devem ser minimizados pela necessidade de adaptação e de reconstrução de novas redes no ambiente (Sluzki, 1990, 1997).

De acordo com a literatura internacional (Falicov, 1996, 2001 e Sluzki, 1980, 1990, 1997) e nacional (Motta, Franco e Mota, 1999; Marra e Feijó, 2004; e Moré e Queiroz, 2007), a migração provoca um impacto decisivo nas redes sociais e no ciclo vital da família. O processo migratório tem as mais variadas conseqüências, seja em termos do comportamento individual de seus integrantes, afetando o processo saúde-doença, como a configuração das relações, ressignificando-as de modo a gerar novas referências de ação e comunicação entre os membros do sistema familiar. O impacto não é sofrido apenas pela família migrante, mas também pelas cidades escolhidas através do embate cultural ao qual ficam expostas.

Cervený e Berthoud (2002) afirmam que no Brasil o estudo sobre o ciclo vital das famílias é um desafio na medida em que co-existe um número significativo de arranjos familiares. Para as autoras, a família adquire um significado de extrema relevância enquanto representa tanto um fator de risco como de prevenção primária para emergência de situações-problema.

O desenvolvimento da família ocorre ao longo do Ciclo Vital, constituído por um conjunto de estágios sucessivos no processo de vida do ser humano. Cada estágio possui tarefas específicas que, tanto pelo indivíduo quanto pelo seu sistema familiar, devem ser superadas, desencadeando um processo de transição para uma nova etapa do ciclo (Carter e McGoldrick, 1989/2001; Cervený e Berthoud, 1997; Aspesi, Dessen e Chagas, 2005).

As transições familiares ao longo do ciclo de vida são ao mesmo tempo produto e produtoras de mudanças evolutivas. Elas ocorrem quando a posição de um membro da família no meio ambiente é alterada como resultado de uma mudança de papel, ambiente ou ambos (Bronfenbrenner, 1979/1996). Segundo Cowan (1991), as transições são consideradas normativas quando são previsíveis (puberdade dos filhos, casamento, saída dos jovens de casa) e não normativas quando não são esperadas (doença súbita, migração).

Bronfenbrenner (1979/1996) afirma que as transições ecológicas constituem-se como um experimento natural conveniente para a pesquisa e o estudo sistemático dos fenômenos desenvolvimentais. Assim, esta dissertação se constitui numa contribuição que soma seus resultados com outros estudos da mesma natureza, principalmente dentro da perspectiva integrada da família, migração, contextos e redes sociais.

É mister apontar o fenômeno da globalização como um aspecto que se soma à dinâmica dos processos migratórios, encurtando distâncias, aproximando as diferenças culturais e integrando economias, embora seja um fenômeno tido como atual e visível, principalmente pelo avanço da tecnologia dos meios de comunicação e mídia que tornam mais evidente a mobilidade dos grupos humanos. A acelerada quebra das fronteiras nacionais e internacionais teve um impacto decisivo nos contextos socioculturais, influenciando de forma proeminente o universo relacional da família, que precisa ser amparada com a construção de políticas públicas de suporte social e acolhimento nos contextos migratórios.

Acredita-se que a relevância do estudo das redes sociais das famílias migrantes está na possibilidade de implementação de ações educativas, de saúde e comunitárias, de mobilização de redes sociais mais vastas e um conseqüente suporte social para as famílias que vivenciam o processo da migração.

Entende-se que as propostas de intervenção devem ir além da prevenção, partindo para promoção de saúde e resiliência familiar. A contribuição desta pesquisa, para o campo do conhecimento, não é apenas para os psicólogos, mas também para os demais profissionais que trabalham com famílias, para melhor fundamentar o processo de compreensão da migração, fortalecendo as políticas públicas de proteção ao migrante.

Ante o exposto, no papel de terapeuta familiar e especificamente no papel de pesquisadora, formulou-se uma série de indagações a respeito “dessa família” que decide enfrentar o desafio de um projeto migratório e que leva implícita a ruptura de redes significativas: Como as famílias lidam com o corte de suas redes laborais, familiares, de amigos e comunitárias? Quais os membros do sistema familiar que são mais afetados com o processo migratório? Que perdas e ganhos eles têm?

Assim, diante deste universo de questionamentos, a pergunta de pesquisa que norteou os objetivos deste trabalho foi: **Quais as características das redes sociais constituídas no processo de migração e sua influência no ciclo vital das famílias?**

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Caracterizar os aspectos das redes sociais constituídas durante o processo de migração e sua influência no ciclo vital das famílias.

2.2 Objetivos específicos

- identificar a configuração (estrutura, dinâmica e valores) das famílias participantes do estudo;
- verificar o momento do ciclo vital em que a família se encontra;
- identificar aspectos da rede social facilitadores e inibidores do processo de inserção de migrantes na comunidade;
- identificar os sentimentos da família sobre o processo de migração vivenciado.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Pressupostos epistemológicos da pesquisa

A verdade absoluta é um ideal da modernidade de Descartes (1596-1650), que se impôs “o projeto de buscar alguma verdade sobre a qual não pairasse a menor sombra de dúvida e pudesse, assim, tornar-se o fundamento para toda a construção de conhecimento válido” (Figueiredo e Santi, 2003). O conceito de verdade está ancorado nas crenças de *simplicidade*, *estabilidade* e *objetividade* da modernidade e ciência tradicional que ainda hoje imperam não apenas nas práticas de pesquisa, mas também no senso-comum e no cotidiano (Vasconcellos, 2002).

A crença da *simplicidade* explica o todo por meio de suas partes, através da análise e busca das relações causais lineares (Vasconcellos, 2002). Dentro desta crença o mundo foi compartimentado, o tempo cronometrado, o conhecimento dividido em disciplinas e a especialização valorizada, de modo que cada profissional buscou ser um *expert* em seu campo de atuação. Na pesquisa, a simplicidade se mostra quando “elimina a diversidade qualitativa e se expressa em um só registro” (Najmanovich, 1995, p. 36), valorizando-se apenas os estudos quantitativos.

Outra crença é a da *estabilidade* do mundo, ou seja, que os fenômenos são determinados e reversíveis e, portanto, passíveis de serem controlados e previstos. Desta forma, a importância da ciência se encontra em estabelecer leis e princípios explicativos do universo (Vasconcellos, 2002).

Finalmente, a *objetividade* é a crença de que o observador deve ser neutro e objetivo para entender o mundo como ele realmente é. O cientista deve, então, colocar-se distante do sistema estudado, numa posição privilegiada, eliminando a subjetividade de

qualquer maneira. Portanto, “a descrição científica será tanto mais objetiva quanto mais se conseguir eliminar o observador e obter, de um ponto de observação exterior ao mundo, o nível fundamental de descrição” (Vasconcellos, 2002, p. 90).

A ciência tradicional acabou caindo na própria armadilha que criou quando ao chegar no átomo não encontrou a resposta, mas sim se deparou com a teoria do caos, o que desencadeou uma “transformação conceitual que vem na direção de uma nova metáfora do universo como uma rede ou trama de relações, e que os indivíduos estão como nós desta rede, excedendo amplamente a imagem de mundo proposta pela física” (Najmanovich, 1995, p. 59). Neste novo paradigma de ciência as crenças são transformadas de *simplicidade* para *complexidade*, *estabilidade* para *instabilidade* e de *objetividade* para *intersubjetividade* (Vasconcellos, 2002).

A *complexidade* abrange a noção de que o sujeito é “uma organização emergente da interação de suborganizações, dentre as quais se destacam a cognição, a emoção e a ação, que são as formas de interação do sujeito com o mundo”, tendo em vista que o todo é maior do que a soma de suas partes (Najmanovich, 1995, p. 64). Assim sendo não é possível considerar o sujeito separado do contexto, e as relações passam a ser consideradas recursivas e não mais lineares (Vasconcellos, 2002).

Nessa mesma direção está o conceito de *instabilidade*, “já que nos demos conta que somos parte da natureza e que o nosso conhecimento sobre ela está ligado a nossa própria transformação” (Najmanovich, 1995, p. 69). Este conceito tira das mãos do pesquisador o poder de determinação, previsão e controle sobre a natureza.

E a crença da *intersubjetividade* trata da impossibilidade de um conhecimento objetivo do mundo. Segundo Najmanovich (1995, p. 63) “ao conhecer não podemos desconectar nossas próprias categorias de conhecimento, nossa história, nossas experiências e nossas sensações”.

Esses três pressupostos fazem parte do Pensamento Sistêmico que Vasconcellos (2002) nomeia como o novo paradigma da ciência, o qual permite abordar os processos de mudança a que a família está exposta ao longo do ciclo vital.

As reflexões acima evidenciam as bases epistemológicas nas quais se ancorou o presente trabalho de pesquisa, o que permitiu trazer à tona os pressupostos do novo paradigma da ciência, considerando-os fundamentais para sustentar a análise dos processos de mudança da família, considerando a migração um dos fenômenos que afetam decisivamente as relações interpessoais e os objetivos familiares.

3.2 Conceito de família e suas configurações

O Pensamento Sistêmico entende que os fenômenos da natureza ocorrem dentro de um contexto maior, de forma que a família, que historicamente foi concebida como um sistema fechado, hoje é compreendida como um sistema aberto em constante interação com o contexto do qual participa. Dessen e Braz (2005, 114) afirmam que “a teoria sistêmica constitui um dos principais arcabouços teóricos para a compreensão da família como um sistema complexo”.

Na teoria sistêmica, os sistemas vivos, tais como a família, são regidos, segundo Dessen e Braz (2005), pelos princípios básicos a seguir: 1) o sistema é um todo organizado; 2) os padrões dos sistemas são circulares, tendo influência mútua e bidirecionalidade entre seus componentes; 3) os sistemas são abertos e estabelecem trocas com o exterior; 4) os sistemas são complexos, compostos por subsistemas interdependentes. Estas autoras, com base nesses princípios, definem família como “um todo, um grupo que tem uma estrutura, uma dinâmica e uma função, cujas relações entre

seus membros tendem ao equilíbrio e são reguladas pelos princípios de retroalimentação¹” (p. 115).

Andolfi (1996, p. 16) conceitua família como um “sistema aberto constituído por muitas unidades ligadas no conjunto por regras de comportamento e por funções dinâmicas, em constante interação entre elas e em intercâmbio com o exterior”. Indo além deste conceito, Kreppner (2003) acrescenta a dimensão temporal, na qual a família possui tarefas evolutivas que devem ser cumpridas em função do período específico de seu desenvolvimento enquanto grupo familiar e enquanto indivíduo pertencente a esta família.

Por ser um sistema que se move no tempo, a família apresentará fatalmente, ao longo do ciclo vital, diferentes configurações, em razão da entrada (nascimentos, adoção, casamento) e saída de membros (morte, separações), das mudanças nas relações de poder e nos papéis assumidos por cada membro, e dos rituais e crenças que podem ser quebrados ou construídos.

Minuchin (1982) explica que estrutura familiar é o “conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais os membros da família interagem” (p. 57). O autor afirma que a família deve ser capaz de adaptar-se às circunstâncias, mas sem perder a continuidade, “que proporciona um esquema de referência para os seus membros” (p. 58).

O sistema familiar pode ser dividido em subsistemas (parental, fraterno, conjugal), dentro dos quais cada membro tem diferentes níveis de poder e hierarquia. As fronteiras são as regras que definem quem participa e como dos subsistemas familiares (Minuchin, 1982). Sua função, segundo o autor, é proteger a diferenciação do sistema. Elas

¹ **Retroalimentação** – Mecanismos reguladores do sistema que objetivam garantir a estabilidade do sistema através da conservação da homeostase. A retroalimentação pode ser classificada como positiva ou negativa, dependendo do seu efeito sobre o desvio original no funcionamento do sistema. É negativa quando se refere ao efeito de reduzir a amplitude do desvio e positiva quando produz mudanças qualitativas no sistema (Vasconcellos, 2002).

podem ser nítidas, difusas ou rígidas, sendo que “a nitidez das fronteiras dentro de uma família é um parâmetro útil para a avaliação do funcionamento familiar” (idem, p. 59).

Para Cerveny e Berthoud (1997), as diferentes configurações familiares são moldadas pela correlação das características da estrutura, dinâmica e valores de cada família. As autoras salientam que a estrutura familiar é vislumbrada através de dados objetivos que desenham o grupo familiar, tais como: número de componentes, sexo, idade, religião, classe sócio-econômica, escolaridade, nacionalidade, profissão.

Segundo Moré (Comunicação Pessoal, 16 de dezembro de 2005, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Núcleo de estudos em Saúde e Comunidade. Florianópolis, UFSC), quando se alude à estrutura está se referindo a uma dada organização que permanece no tempo. Associado a isso, no processo de desenvolvimento familiar, as posições e os papéis dos integrantes que fazem parte da organização, são desafiados e colocados a prova no jogo interacional, no qual se constitui a dinâmica dessa família.

A dinâmica familiar, portanto, é o conjunto de formas de funcionamento familiar, relações hierárquicas e de poder. Cerveny e Berthoud (1997) postulam que a dinâmica pode ser observada, dentre outras coisas, através das metas familiares, dos papéis que cada membro da família assume, dos tipos de comunicação estabelecidos, das demonstrações de afeto, de como a família se reorganiza em situações de crise e transições, o que vai ao encontro da definição de estrutura familiar de Minuchin (1982).

Os aspectos da vida individual ou grupal que são passados entre os familiares configuram os valores da família. Segredos, tabus, mitos, crenças, religião, rituais e cerimônias realizadas desenham os valores que, geralmente, atravessam gerações e afetam todos os membros do sistema (Cerveny e Berthoud, 1997).

Considerando que a família é o primeiro contexto de socialização do indivíduo, existindo uma interdependência entre a trajetória de desenvolvimento do indivíduo e de sua

família (Minuchin, 1982; Dessen, 1997; Kreppner, 2000, 2003), ao pesquisar o tema, faz-se necessário não perder de vista o desenvolvimento individual dos integrantes e o momento do ciclo vital por ela vivenciado.

3.3 Transições familiares

Aspesi, Dessen e Chagas (2005) diferenciam estágio de desenvolvimento e período de transição, embora estes conceitos estejam diretamente interligados. Enquanto o estágio é compreendido como “um conjunto de padrões comportamentais e habilidades característicos de determinada idade ou fase do ciclo de vida do indivíduo [e família], a transição refere-se aos períodos de passagem de um estágio para o outro (...)” (p. 23). Em consonância com as autoras, Kreppner (2003) descreve as transições como janelas entre os estágios, nas quais novas habilidades são estabelecidas para lidar com as mudanças que estes períodos estabelecem.

Dentro da perspectiva Bio-ecológica do Desenvolvimento Humano, “ocorre uma transição ecológica sempre que a posição da pessoa no meio ambiente é alterada em resultado de uma mudança de papel, ambiente ou ambos” (Bronfenbrenner, 1979/1996, p.22). Bronfenbrenner considera ainda as transições ao longo do ciclo de vida ao mesmo tempo como produto e produtoras da mudança evolutiva.

As transições geram mudanças na percepção que as pessoas têm de si mesmas e dos outros, bem como das relações que estabelecem com outros significativos. São consideradas como processos de longa duração que resultam numa reorganização qualitativa tanto no comportamento interno quanto externo, ou seja, tanto a nível psicológico quanto comportamental da família (Bronfenbrenner, 1979/1996; Cowan, 1991). Estas ocorrem durante todo o período de vida e, segundo Cowan (1991), são classificadas como normativas e não-normativas. As transições normativas são aquelas

esperadas dentro do ciclo de vida da família, de acordo com a cultura ou subcultura (ex. nascimento dos filhos). As não-normativas são as não esperadas (ex. migração), ou as esperadas que ocorrem fora do tempo previsto (ex. gravidez na adolescência).

As principais transições familiares no ciclo vital são: saída dos filhos jovens adultos de casa – ninho vazio; casamento; nascimento do primeiro filho; chegada dos irmãos; entrada na creche/escola; migrações; adolescência dos filhos; mudanças de emprego; desemprego; entrada e saída de pessoas na família; divórcio; recasamento; aposentadoria; internações hospitalares e morte.

As transições são consideradas por Carter e McGoldrick (1989/2001) estressores horizontais, que podem ser tanto desenvolvimentais, quando são esperadas pelo sistema familiar e pela cultura na qual a família está inserida, quanto imprevisíveis, quando afetam o sistema de forma inesperada como, por exemplo, a morte precoce de um de seus integrantes.

3.4 Cultura e contexto de desenvolvimento

A cultura é conceituada por Ferreira (1975) como o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, dos valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma dada sociedade. É um dos elementos que integram o contexto no qual está inserido o indivíduo (ou família) em desenvolvimento, em que se contempla as condições de vida, sistemas sócio-histórico-culturais, ambiente físico e pessoal (Cohen e Siegel, 1991).

Aspesi, Dessen e Chagas (2005) sustentam que “fatores relacionados à idade, ao gênero, ao estágio de vida, à trajetória e ao curso de vida, se inseridos em um dado contexto, assumem certas características que, analisadas sob outros contextos, dificilmente seriam iguais” (p. 19). A família deve acomodar-se a uma sociedade para assegurar a

continuidade de sua cultura (Minuchin, 1982). Assim sendo, os estudos com famílias devem incluir a sua complementaridade com a sociedade.

A Perspectiva Bio-ecológica do Desenvolvimento Humano considera que o desenvolvimento desenrola-se em um contexto de interações entre o ser humano e seu contexto de vida. É possível identificar duas fases distintas nas pesquisas de Bronfenbrenner: a primeira com a descrição do modelo ecológico, que sustenta principalmente o papel do ambiente durante o desenvolvimento, dando pouco destaque aos processos individuais, e a segunda quando o autor propõe uma interação dinâmica entre os conceitos principais do modelo ecológico com os elementos individuais da pessoa em processo de desenvolvimento, compondo o modelo bio-ecológico.

Neste modelo, o desenvolvimento humano é concebido a partir de quatro núcleos dinâmicos e interdependentes: o Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo - PPCT. O *processo* é definido como uma troca de energia entre a pessoa em desenvolvimento e as pessoas, objetos e símbolos no ambiente externo imediato. O segundo núcleo refere-se às características da *pessoa* como produtoras indiretas e produto do desenvolvimento, pois ao mesmo tempo em que influenciam os processos proximais, são também por eles constituídas.

O *contexto* de vida da pessoa é organizado socialmente por uma série de subsistemas sobrepostos (microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema), que ajudam a amparar e guiar o crescimento humano. Estes subsistemas não são fixos, e tampouco estanques ou mutuamente exclusivos; caracterizam-se pela possibilidade simultânea de ocorrência e pelo dinamismo ao longo do *tempo*.

O microssistema é definido por Bronfenbrenner (1979/1996) como o ambiente com características físicas e materiais específicas no qual ocorre um padrão de atividades,

papéis e relações interpessoais experienciadas² pela pessoa em desenvolvimento. É neste contexto que ocorrem os processos proximais, as interações face-a-face por períodos constantes e prolongados, promovendo desenvolvimento. Como exemplos de microssistemas pode-se citar a família nuclear, creche, escola e amigos próximos.

Em seqüência está o mesossistema que inclui “as inter-relações entre dois ou mais sistemas nos quais a pessoa em desenvolvimento participa ativamente” (Bronfenbrenner, 1979/1996, p. 21). Este sistema é ampliado à medida que a pessoa passa a participar de um novo ambiente, tais como relações entre a família e a escola, a família e a vizinhança, a família e o trabalho.

O exossistema refere-se aos ambientes nos quais a pessoa não participa, mas onde ocorrem eventos que a afetam, como é o caso dos trabalhos dos pais para o filho e da escola da criança para os pais (Bronfenbrenner, 1979/1996). Nos processos familiares três exossistemas influenciam o sistema sobremaneira: o trabalho dos pais, a rede de apoio social e a comunidade na qual a família está inserida (Bronfenbrenner, 1986; Narvaz e Koller, 2004).

O macrossistema, por sua vez, é caracterizado pelo conjunto de crenças, ideologias, valores, religião, governo, leis, cultura e subculturas que afetam diretamente a família.

O cronossistema foi acrescentado no modelo ecológico na década de 1980, e não é considerado apenas como uma característica do crescimento humano, idade cronológica, mas como uma propriedade do meio circundante não apenas do ciclo da vida, e sim ao longo da história. No modelo bio-ecológico da década de 1990, o cronossistema foi incorporado como sendo o núcleo *tempo* do modelo PPCT (Processo, Pessoa, Contexto e Tempo).

² Experienciada “indica a maneira como a pessoa percebe e dá significado ao que vivencia no meio ambiente, o que vai além das características objetivas do meio” (Narvaz e Koller, 2004, p.57)

3.5 Migração

Dispor de outro modo, deslocar, dar outra direção a, desviar, substituir, alterar, modificar, transferir, variar, transformar, converter, sofrer modificação, tornar-se diferente do que era, passar, fugir e desaparecer são algumas das definições do dicionário Aurélio (Ferrera, 1975) para o verbo *mudar*, implicado, necessariamente, no fenômeno da migração. Pensar a migração de forma abrangente e ilimitada, segundo Vianna (1998), permite elaborar várias acepções para este estado de passagem, figuradas ou não, de modo que “o termo migração pode dar origem a diversos discursos e metáforas, uma vez que o ato de migrar, de deslocar-se, acompanha o desenvolvimento e o surgimento das espécies” (p. 1).

Etimologicamente a palavra migrar vem do latim “**migrare**”, de maneira que migrar, segundo o dicionário Aurélio (1975), corresponde ao ato de mudar-se de uma região para outra ou de um país para outro. De acordo com Hull (1979), a migração é um fenômeno complexo que envolve a mudança permanente de endereço após transpor a fronteira de uma unidade administrativa. Desta forma, estão excluídas dessa classificação “as populações nômades, as migrações sazonais, o movimento de pessoas com mais de uma residência, os deslocamentos de visitantes, turistas e pessoas que viajam regularmente” (Renner e Patarra, 1980, p. 237).

McGoldrick (1989/2001) argumenta que a migração é disruptiva em si mesma, pois exige um reajustamento familiar, sendo então considerada como um estágio extra no ciclo vital. Segundo a autora, ocorre “um prolongado processo desenvolvimental de ajustamento, que afetará os membros da família de modo diferente, dependendo de sua fase de ciclo de vida no momento da transição” (p. 77).

Marra e Feijó (2004) definem a migração como um processo complexo, vivido como uma crise de identidade e que envolve aspectos como cultura, etnia, condições sociais e geográficas que impacta o relacionamento conjugal e familiar.

O conceito de migração que será adotado nesta pesquisa é o de Moré e Queiroz (2007), no qual a migração é um “fenômeno de mobilidade social atual e que se caracteriza por um processo dinâmico e complexo, para o qual converge uma diversidade de aspectos, decorrentes de fatores econômicos, sócio-culturais e psicológicos, e que dão as bases para a *irrupção do novo* nas relações familiares” (p. 123-4).

Tendo em vista que a migração é um processo, é possível subdividi-la em algumas etapas. Calvo (2006), em concordância com Sluzki (1980), elencou quatro períodos principais: etapa preparatória, momento da migração, período de assentamento e integração e fenômenos transgeracionais. De forma semelhante Tizón (1993) classificou em: preparação para a migração; período da migração propriamente dita; assentamento do indivíduo ou família migrante; período de adaptação e integração com a nova cultura.

A migração também pode ser dividida entre migrações internas e internacionais. As migrações internas são as que acontecem dentro do território nacional ou regional, enquanto que as internacionais transpõem os limites da federação. O principal ponto de distinção destes conceitos se dá nos aspectos legais da migração, já que a migração internacional exige uma ampla documentação para a sua legalização.

O choque cultural, conceituado como o “processo paralelo de aprendizagem de significados e habilidades e o sentimento de ser aceito” (Mota, Franco, Motta, 1999, p. 127), é vislumbrado tanto na migração interna quanto na internacional. O migrante interno pode sentir-se um estrangeiro em seu próprio país, ocorrendo sentimentos de estranheza e insegurança que podem ser intensificados pelos valores e hábitos do novo lugar (Ferreira, 1996).

No processo de migração ocorre uma tensão entre a adaptação sócio-cultural e a preservação da identidade, definida por Boekstijn (1989) como *dilema do migrante*. Ao encontro deste conceito vai à metáfora *provisório-permanente* construída por Vianna (1998), que ressalta as intenções de retorno do migrante à sua cidade ou país de origem, expressas desde sua partida, acentuando o dilema no qual se encontra.

Falicov (2001) também salienta que o dilema do migrante não é “ser ou não ser”, mas sim um constante “ir embora ou ficar”, o que corrobora a afirmação de Calvo (2006) de que o migrante fica entre a necessidade/desejo de explorar novos territórios e a necessidade/desejo de fincar raízes e permanecer em terras conhecidas.

A revisão de Mota et al. (1999) a respeito dos processos de aculturação contribui para o entendimento do processo de estresse, e conseqüente risco à saúde, associado à migração. Segundo Ferrera (1975), aculturação é o “conjunto de fenômenos provenientes do contato direto e contínuo de grupos de indivíduos representantes de culturas diferentes” (p. 33).

O processo de aculturação não é necessariamente negativo, podendo se resolver num “biculturalismo”, ou seja, a junção da cultura de origem com a nova, sem maiores conseqüências ao bem-estar (More e Queiroz, 2007). Concluem Mota et al. (1999) que “a adoção de uma estratégia alternativa para adaptação a um novo ambiente é reconhecidamente dependente do grau de diferença cultural entre o grupo migrante e a população hospedeira e o grau de consciência dos migrantes em relação a tais diferenças”.

Falicov (2001) profere que a habilidade de adaptar-se às mudanças e de também manter a continuidade com a cultura original, ou seja, não viver entre dois mundos, mas sim em dois mundos, faz da família migrante uma família resiliente. A resiliência é a capacidade do ser humano responder de forma positiva às situações adversas que enfrenta, mesmo quando estas comportam risco potencial à saúde e/ou desenvolvimento (Tavares,

2001; Silva, Elsen e Lacharité, 2003). O conceito de resiliência familiar de Walsh (1998) pugna que a capacidade reparadora presente na família para superar as crises e adversidades e de sair fortalecida dela.

A resiliência se constrói numa rede de relações e de experiências vividas ao longo do ciclo vital e através das gerações, capacitando a família a reagir de forma positiva às situações potencialmente provocadoras de crises, superando estas dificuldades e promovendo sua adaptação de maneira produtiva a seu próprio bem estar (Silva, Elsen e Lacharité, 2003, p. 150).

A perspectiva sistêmica, aporte teórico desta pesquisa, de acordo com García e Rodríguez (2002), permite compreender a forma com que os processos familiares mediam a superação de uma crise, de que maneira o grupo familiar afronta e/ou diminui situações de estresse e, no caso do processo migratório, como se reorganizam no seu novo entorno.

3.6 Migração e ciclo vital

A definição de ciclo como fenômenos que se sucedem em determinado ritmo no processo de vida de um indivíduo pode ser ampliada para o desenvolvimento familiar. De acordo com Cerveny e Berthoud (2002, p. 21) o “ciclo vital familiar é um conjunto de etapas ou fases definidas sob alguns critérios (...) pelos quais as famílias passam, desde o início da sua constituição em uma geração até a morte do ou dos indivíduos que a iniciaram”. Os critérios para definir os estágios variam; dentre eles pode-se citar: idade dos pais, dos filhos, entrada ou saída de pessoas na família.

A psicologia adotou o conceito de ciclo vital principalmente através dos terapeutas familiares que o utilizavam como referencial de base para o trabalho com as famílias. Na década de 50, o sociólogo Duvall introduziu o conceito de ciclo vital que já compreendia o desenvolvimento familiar em estágios em torno de fatos nodais. Para este autor, a família atravessa oito estágios: casais sem filhos, famílias com filhos até 30 meses,

famílias com crianças em idade pré-escolar, famílias com crianças em idade escolar, famílias com filhos adolescentes, famílias com jovens adultos, casal na meia idade e envelhecimento (Cervený e Berthoud, 1997).

Diversos autores (Hill, 1970; Rodgers, 1960; Minuchin e Fishman, 1990) já estabeleceram diferentes critérios para definir menos ou mais estágios no ciclo vital. Entretanto, o estudo mais estruturado e referenciado é o apresentado no livro publicado nos Estados Unidos em 1989 e traduzido para o português em 1995: “The family Life Cycle”, de Carter e McGoldrick. Este livro abarca uma pesquisa realizada com famílias americanas de classe média do final do séc XX.

Carter e McGoldrick (1989/2001) propõem uma classificação do ciclo vital em seis estágios: saindo de casa - jovens solteiros; a união de famílias no casamento - o jovem casal; famílias com filhos pequenos; famílias com adolescentes; lançando os filhos e seguindo em frente e famílias no estágio tardio da vida. As próprias autoras ressaltam que estes dados devem ser contextualizados no tempo e no espaço nos quais foram pesquisados e que a aplicação rígida destas idéias pode ter um efeito prejudicial, não podendo ser generalizado para todas as famílias e culturas. Carter e McGoldrick (1989/2001) também ampliam o conceito de ciclo vital quando acrescentam os aspectos multigeracionais, em que a família é compreendida como todo o sistema emocional de pelo menos três gerações.

De acordo com Cervený e Berthoud (2002), o estudo sobre o ciclo vital das famílias brasileiras é um desafio na medida em que co-existem vários arranjos familiares no Brasil:

(...) não existe “família brasileira”, mas sim “famílias brasileiras”, configuradas por padrões econômicos, sociais e culturais diversos, nos quais perpassam ainda características da vida contemporânea, seja rural ou urbana, que demanda do ciclo familiar adaptações e transformações, no movimento constante de adequação funcional às vicissitudes da vida (p. 13).

No Brasil, um estudo pioneiro sobre o ciclo vital foi desenvolvido pelo Núcleo de Família e Comunidade da PUC-SP, coordenado por Cervený e Berthoud (1997). Foi realizada uma pesquisa com 1105 famílias do Estado de São Paulo da qual, associada à experiência clínica e pesquisas anteriores das autoras, surgiu a proposta de caracterização da família brasileira em quatro etapas - família nas fases de aquisição, adolescente, madura e última-, em que está ancorada a presente pesquisa.

A fase de aquisição abrange o nascimento da família, através da formação do casal e do nascimento dos filhos e das fases iniciais da vida familiar. De um modo geral, é nessa etapa de vida que a família tem a tarefa de aquisição do patrimônio, de formas de relacionamento e de aquisição de novos papéis entre os membros da família. Embora durante todas as fases as famílias continuem adquirindo novos papéis, bens e funções, é nesse momento que ocorrem predominantemente as aquisições na família (Cervený e Berthoud, 2002).

Quando o adulto jovem migra, o potencial de adaptação na nova cultura é maior, principalmente em termos de carreira e escolha matrimonial, apesar de ele estar mais vulnerável ao isolamento social nas etapas futuras do ciclo de vida em função de um rompimento com sua herança (McGoldrick, 1995).

Os casais ainda sem filhos, segundo Prado (2006, p. 36), “geralmente negociam diferenças importantes do sistema, como a definição dos papéis de gênero, as fronteiras em torno do casal dentro do sistema familiar e a forma de cada um se relacionar com o meio social”.

Os filhos pequenos e em idade escolar também têm um papel importante na família quando da migração. As crianças tendem a se adaptar mais rapidamente do que os pais e assumem o papel de traduzir a nova cultura para os pais (McGoldrick, 1995).

Se por um lado os filhos pequenos ajudam na formação de rede da família, principalmente das mães, que acabam conhecendo os pais dos colegas dos filhos, por outro lado a família ampliada lamenta não acompanhar o desenvolvimento dos sobrinhos ou netos. Prado (2006, p. 36) afirma que essas crianças se tornam alvos das constantes negociações com a família de origem, “pois tanto os avós como as crianças exigem mais contatos”. Assim, mesmo com encontros menos freqüentes, as conversas telefônicas e virtuais ficam mais intensas.

Também é fundamental considerar a forma de comunicação da família com seus filhos pequenos. Às vezes, a família considera que mudanças não são coisas para crianças dar palpite e acabam não falando abertamente com elas. Com isso, ocultam coisas necessárias à preparação da mudança, gerando grande inquietude; por isso, mudanças sem explicações podem se transformar em experiências negativas (Prado, 2006, p. 37).

Quando os filhos entram na adolescência se inicia o período que Cerveny e Berthoud (2002, p. 61) denominaram de fase adolescente, que é caracterizada pela “busca de novos significados existenciais e novos papéis a serem assumidos na vida e na dinâmica familiar”. Nessa fase ocorrem mudanças pessoais e relacionais entre os subsistemas familiares bem como questionamentos de crenças, regras e valores. Acontece ainda um “alinhamento das crises evolutivas”, no qual os filhos transitam da infância para a adolescência, os pais da fase de adultos jovens para adultos maduros e os avós, geralmente, entram na velhice (McGoldrick, 1995; Cerveny e Berthoud, 2002).

Se na fase de aquisição a rede dos filhos ainda é formada em maior parte pela rede dos pais, na adolescência eles já possuem suas próprias redes que são afastadas pela migração da família, o que os faz vivenciar um processo de luto. Nesta idade os filhos, na maior parte, não podem optar em não acompanhar os pais e muitas vezes não participam da decisão da migração (McGoldrick, 1995; Cerveny e Berthoud, 2002; Prado, 2006)

Segundo Prado (2006) a migração pode causar uma reação negativa nos adolescentes, que culpam seus pais de os arrancarem de sua vida anterior e de seus amigos. Por ainda possuírem uma identidade frágil, precisam de um marco de referência seguro. Os adolescentes perdem as referências do contexto (valores, regras, amizades), tornando-se a migração, assim, fator de risco para o seu desenvolvimento.

A terceira fase começa quando os filhos chegam a fase adulta e a família passa a vivenciar um período de maturidade. Novamente as relações entre pais e filhos precisam ser alteradas para que os filhos possam sair de casa e ocorrer uma reestruturação do sistema conjugal, re-negociando regras de convivência e padrões de relacionamento.

A última fase caracteriza-se pelo envelhecimento dos pais e a convivência com perda de funções (ex. aposentadoria) e papéis (ex. morte do cônjuge). Na cultura ocidental o idoso continua sendo desvalorizado e precisa confrontar-se com preconceitos e limitações que esta etapa traz consigo.

Cada estágio de desenvolvimento possui tarefas desenvolvimentais específicas que devem ser superadas tanto pelo indivíduo quanto pelo sistema familiar. Ao serem superadas desencadeiam um processo de transição para uma nova etapa do ciclo vital (Carter e McGoldrick, 1989/2001; Apesi, Dessen e Chagas, 2005).

3.7. Migração e Luto

Calvo (2006) preleciona que antes de partir o migrante idealiza seu destino, mas que ao chegar não encontra o que esperava. Ao chegar, as condições de vida são muitas vezes mais difíceis do que ele imaginava. Pode haver dificuldade de encontrar trabalho e

moradia adequados, dificuldade com a língua, sentimentos de exclusão, o que dificulta a aceitação na nova situação.

Passados os primeiros momentos de novidade e ao observar as diferenças culturais do local em que se encontra, aparece a nostalgia, que muitas vezes é acompanhada de tristeza, choro, mudanças de humor, sentimentos de culpa, somatizações e desordens psíquicas. Assimilar as perdas exige um processo de reorganização interna e familiar, que é facilitado quando os ganhos (não apenas financeiros) superam as perdas e os migrantes visualizam que estão “lucrando” com o processo de migração. Quando a família idealiza sobremaneira sua cidade/país de origem, utiliza-se da nostalgia como refúgio e resistência ao novo meio, dificultando a reestruturação da nova vida e o processo de adaptação na cidade/país de destino (Calvo, 2006).

A migração, segundo Calvo (2006), envolve perdas psicológicas e sociais que resultam em um processo de luto, o qual pode ser definido como um luto simples, quando a pessoa consegue realizar seu projeto migratório (definido como o planejamento do que pretende fazer e conseguir na cidade/país destino, as expectativas familiares) ou um luto complicado, quando a conjunção de circunstâncias sociais e pessoais dificulta a elaboração das perdas.

Ao colocar que deixar de lado e esquecer suas origens não é recomendado ao migrante, pois a elaboração do luto migratório se caracteriza por um equilíbrio entre a assimilação do novo e a ressignificação do que foi deixado para trás, processo complexo de elaboração, integração, e não isento de dor e sofrimento, Calvo (2006) vai ao encontro do conceito de “biculturalismo”.

O luto migratório possui algumas características, enunciadas pelo autor que o diferencia dos demais processos de luto:

1. É um luto *parcial, recorrente e múltiplo*: é *parcial* já que as perdas não são totalmente claras, completas ou irrevogáveis, o que é conceituado por Falicov (2001) como perdas ambíguas; é *recorrente* na medida em que é reativado por meio de contatos telefônicos, internet, reencontros, de forma que o desejo de retorno é mais forte quanto mais recorrentes forem os contatos; e é *múltiplo* porque se perdem muitas coisas de uma só vez, todas valiosas, importantes e significativas. Dentre as perdas, o autor destaca as da rede social, da língua (no caso de migrações internas, a perda do sotaque) e cultura de origem, da terra (paisagens, cores, cheiros, luminosidade), do nível social, do contato com o grupo étnico, da saúde (principalmente nos processos de somatização), do projeto migratório, bem como o luto de não poder retornar (seja por condições econômicas, administrativas ou legais).
2. Existe uma *ambivalência contínua*: todas as perdas implicam alguns ganhos e a elaboração das perdas supõe um processo de crescimento do indivíduo e da família. Assim, os êxitos são reconfortantes, porém produzem sentimentos contraditórios.
3. O luto migratório é *transgeracional*: a maneira com que gerações anteriores ao migrante elaboraram o luto migratório interfere diretamente na forma com que a família irá assimilar a migração. Numa família, o modo como os pais elaboram os lutos influencia diretamente em como os filhos irão enfrentá-los.
4. Quando *o migrante retorna* para cidade natal: o retorno é compreendido como uma nova migração, pois no período em que esteve ausente ocorreram mudanças tanto no indivíduo/família como na cidade/país natal.

5. O luto migratório também é *sentido por quem fica*: quem fica sente a ausência de quem partiu, que de igual forma tem o processo reavivado com a comunicação constante e prolongado com os reencontros.
6. O luto migratório *afeta a identidade*: quando o luto é elaborado pelo indivíduo e família existe um grande enriquecimento pessoal e relacional. A família incorpora novas habilidades, recursos e vivências que ajudam a enfrentar novos desafios.
7. O processo de migração possibilita *regressões psicológicas*: diante de situações novas, nas quais o indivíduo se sente inseguro e amedrontado (constantes nas migrações), ele pode regressar para etapas anteriores nos quais os enfrentamentos foram eficazes na busca de apoio. As condutas regressivas mais frequentes são: dependência e comportamento submisso, e queixa e protesto infantil frente situações de frustração.

3.8. Rituais

Ainda que seja um período de transição, a migração não possui rituais de passagem como no caso de outras transições que possuem rituais culturais como, por exemplo, o batismo, casamento e velório. Falicov (2001) sustenta que, ao migrar, a família perde raízes no nível físico, social e cultural, e, embora não existam rituais de transição, as famílias normalmente criam formas de enfrentar as perdas ambíguas através do que a autora caracterizou como *rituais espontâneos*, que agem como fatores protetores e promotores de resiliência familiar. A autora os subdividiu em quatro categorias:

1. Visitas, envios de mensagens e remessas de dinheiro de forma regular: proporcionam que as famílias mantenham conexões com a rede social de origem.

2. A recriação de espaços étnicos e sociais - rituais de recriação: consiste na criação de paisagens e práticas urbanas que reproduzem o ambiente público, os cheiros, sons, sabores e linguagens da cidade natal. Em algumas cidades, bairros inteiros são construídos de acordo com outra cultura. Estas ações auxiliam a reconstrução de laços com a terra natal.
3. Rituais de memória: as famílias recontam as histórias de sua cultura de origem, mantêm a língua ou expressões da terra natal, criando uma narrativa do passado e construindo, principalmente, pontes com os filhos que são criados na outra cultura.
4. Preservação dos rituais culturais tradicionais: rituais do ciclo de vida, formas de comemorar casamentos e aniversários; rituais cotidianos, tais como a comida, forma de vestir, higiene; rituais religiosos, crenças religiosas que são mantidas e busca por igreja equivalente; rituais de saúde e de cura folclórica, representados pelas crenças culturais e de cura que permanecem concomitantes com a medicina tradicional.

Da mesma forma que os rituais promovem resiliência, existem alguns fatores de risco para as famílias migrantes que, de acordo com Falicov (2001), dificultam o processo de adaptação na cidade/país de destino. A autora definiu cinco categorias: migrações forçadas ou sem preparação adequada; passagens traumáticas; polarizações nas famílias; separações e reuniões – narrativas de vidas separadas e celebrações de reuniões; e as transições do ciclo de vida.

As migrações forçadas não ocorrem por um processo de decisão democrático e voluntário. Muitas vezes os membros da família são persuadidos, mas não convencidos de que a mudança será positiva, principalmente crianças, adolescentes, mulheres que normalmente seguem seus maridos (embora algumas vezes seja o contrário) e idosos que

migram com os filhos para ajudá-los ou para serem cuidados. Estas pessoas normalmente têm mais dificuldade de adaptação, diferente dos que decidem ativamente migrar. As famílias que migram sem preparação são as que tomam a decisão precipitadamente, por uma oferta difícil de ser recusada ou por algum fato inesperado (Falicov, 2001).

Falicov (2001) diz que passagens traumáticas ocorrem quando a pessoa ou família são violentadas, roubadas ou exploradas por pessoas ou patrões inescrupulosos ao cruzarem a fronteira. Nas migrações internacionais estes fatos ocorrem principalmente por abuso de autoridade dos funcionários da **alfândega** e para imigrantes que não conseguem regularizar vistos no país, gerando uma situação de medo bem como sentimentos de culpa e vergonha.

As polarizações nas famílias têm lugar principalmente entre casais, que se dividem e ficam em pólos opostos de ambigüidade. Um quer ficar enquanto o outro quer voltar, um idealiza o lugar, enquanto outro o denigre, um é otimista em relação à migração, enquanto o outro se torna pessimista.

Separações dentro das famílias nucleares também são freqüentes, segundo Falicov (2001). Ela ressalta que as partidas e os reencontros colocam todos os subsistemas da família em situação de perdas ambíguas e torna obscuro quem está dentro e quem está fora da família. Estas separações e reencontros podem gerar problemas estruturais, emocionais e psicossomáticos em todos os seus membros.

Paralelamente à migração, é inevitável o surgimento de outras transições do ciclo de vida, sejam elas normativas ou não-normativas. Quando estas se passam na cidade de origem e o migrante não pode comparecer e participar dos rituais (como, por exemplo, a morte súbita de algum parente), aumenta o sentimento de culpa e o faz repensar sua migração e questionar se deve retornar ou não para sua cidade de origem. Considerando-se que as transições são períodos de crise e reorganização familiar, quando ocorrem duas ou

mais ao mesmo tempo, é possível que a família encontre mais fatores estressantes e com isto retarde o processo de adaptação na cidade de destino.

3.9. Rede social

Desde a inserção da mulher no campo de trabalho, e acentuando-se com o advento das pílulas anticoncepcionais, nas famílias o número de filhos por casal está decrescendo e com isso a rede familiar sofre uma respectiva diminuição. Cerveny e Berthoud (2002) prevêem que este processo “provavelmente vai ter uma grande influência na família extensa das próximas gerações e (...) a rede social de relações ou mesmo a comunidade vão se configurar no futuro como substitutas dessa família ampliada” (p. 20).

A rede social pessoal é conceituada por Sluzki (1997) como “a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas ou define como diferenciadas da massa anônima da sociedade” (p. 41-2). As redes incluem o conjunto de vínculos interpessoais que abrangem a vida de uma pessoa: “família, amigos, relações de trabalho, de estudo, de inserção comunitária e de práticas sociais” (idem, p. 37). A rede social contribui para auto-imagem do indivíduo e, da mesma forma, da família, que compartilha muitas pessoas da rede e também propicia uma ampliação para a rede de seus membros.

O Mapa de Redes, proposto por Sluzki (1990, 1997), tem como objetivo caracterizar a rede social pessoal e dar visibilidade à rede de apoio que cada indivíduo utiliza. O autor dividiu o mapa em quatro quadrantes: família, amizades, relações de trabalho e escolares e relações comunitárias, no qual destaca serviços de saúde.

Nestes quadrantes, o autor inscreveu três áreas, sendo um círculo interno de relações íntimas, um círculo intermediário com relações com menor grau de compromisso e um círculo externo de conhecidos e relações ocasionais. O Mapa de Redes é desenhado

colocando-se no centro o indivíduo e pontos para cada relação em seu correspondente quadrante e nível, conforme a figura 1:

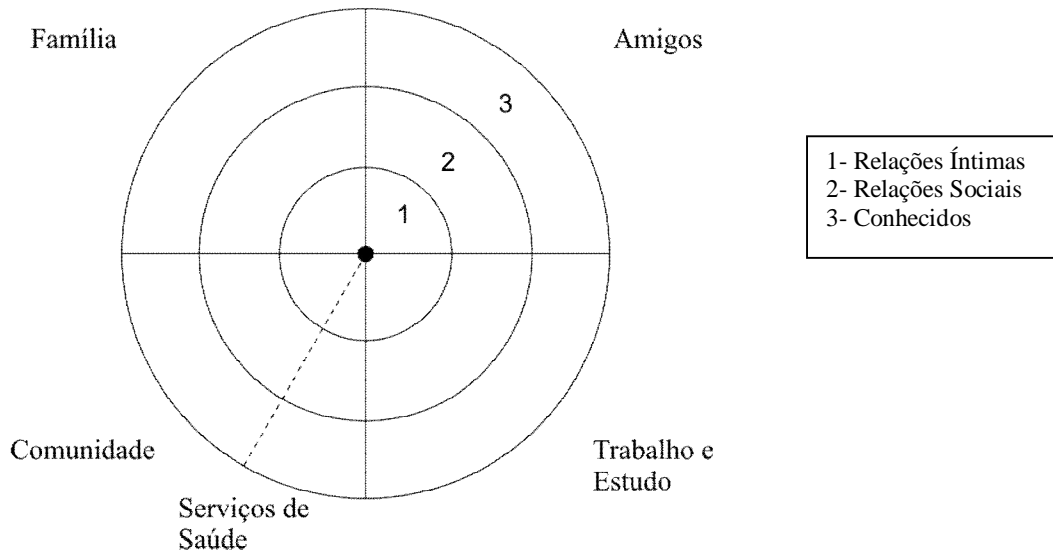


FIGURA 1: Modelo de Mapa de Redes proposto por Sluzki (1990, 1997).

O Mapa de Redes é um registro estático de um momento a que o indivíduo se refere ou de algum momento reconstruído pelo informante. Os critérios de inclusão na rede devem ser estabelecidos de acordo com os propósitos da investigação. A rede pode ser avaliada em termos de suas *características estruturais*, das *funções dos vínculos* e dos *atributos de cada vínculo*.

As *características estruturais* são as propriedades da rede em seu conjunto e foram classificadas por Sluzki pelo: tamanho; densidade; composição [distribuição]; dispersão, homogeneidade/heterogeneidade, tipo de funções.

O **tamanho** compreende o número de pessoas na rede. As redes de tamanho médio são mais efetivas do que as pequenas ou as muito numerosas. As muito pequenas podem ser prejudiciais quando seus membros evitam contato para evitar sobrecarga ou quando de fato se sobrecarregam para atender as demandas dos indivíduos. Já as redes numerosas correm o risco da inafetividade na hipótese de que outro está cuidando do

problema. A migração traz, num primeiro momento, a redução da rede social pessoal e é comum um membro da família se sobrecarregar para atender as demandas de todos (Sluzki, 1997; Prado, 2006).

A **densidade** caracteriza-se pela conexão entre membros independentemente do informando. Uma densidade baixa reduz a efetividade pela falta do poder potencializador da comparação entre impressões sobre um indivíduo ou situação. Uma densidade muito alta, por sua vez, pode ocasionar uma exclusão de membros ou a pressão para adaptação às regras do grupo, fato que pode dificultar a aceitação de novos integrantes no grupo, principalmente de migrantes que possuem culturas e valores diferentes, causando estranhamento e discriminação.

Por seu termo, a **composição** ou **distribuição** refere-se à proporção do total de membros localizada em cada quadrante e cada nível. Quando as redes ficam muito localizadas em poucos espaços dentro do mapa, elas são consideradas menos flexíveis e efetivas, pois assim geram menos opções do que as redes de distribuição mais amplas. A distribuição entre todos os quadrantes auxilia as famílias migrantes na medida em que amplia a possibilidade de estabelecimento de várias redes, possibilitando uma melhor adaptação na cidade de destino.

A **dispersão** caracteriza-se pela distância geográfica entre os membros e os recursos utilizados para a manutenção das relações, já que afeta a acessibilidade das redes, a eficácia e velocidade de respostas em situações de crise. Neste aspecto ressalta-se que os progressos recentes das tecnologias de comunicação, tais como internet e telefonia, possibilitam o acesso intenso e altamente reativo destas redes virtuais, tornando-as potencialmente sensíveis.

A **homogeneidade** ou **heterogeneidade** demográfica e sócio-cultural destacam variáveis de idade, sexo, cultura e nível sócio-econômico dos integrantes das redes, que

demonstram possíveis tensões entre sub-redes com características muito diferentes. No processo de migração, as novas redes possivelmente possuem características sócio-culturais distintas, dificultando o processo de aceitação e construção de novos vínculos.

Os **atributos de vínculos específicos**, tais como a intensidade, compromisso, durabilidade, história em comum, são aspectos mais difíceis de serem estabelecidos com a nova rede. Os migrantes, ao romperem com as antigas redes, precisam elaborar o luto pelas perdas de vínculos que possuíam as características citadas, prejudicando o processo migratório.

As **funções dos vínculos**, desempenhadas por cada vínculo e pelo conjunto, também são deixadas de lado na migração. Configuram-se nos tipos predominantes de intercâmbios interpessoais característicos de vínculos específicos e nas combinações do conjunto dos vínculos. Sluzki (1990, 1997) destacou algumas funções: companhia social (realização de atividades conjuntas ou simplesmente estar juntos); apoio emocional (intercâmbios com uma atitude emocional positiva, clima de compreensão, empatia); guia cognitivo e conselhos (proporcionam informações pessoais, sociais e modelos de referência); regulação social (reafirmam responsabilidades e papéis, permitem dissipação da frustração e da violência e favorecem resolução de conflitos); ajuda material e de serviços (colaboração financeira ou de serviços com especialistas, abrange os serviços de saúde); acesso a novos contatos (abertura de portas para novas conexões com pessoas e redes que até então não faziam parte da rede do indivíduo/família).

Os *atributos de cada vínculo* são as propriedades específicas de cada relação que avaliam: qual a **função predominante** ou combinação de funções de cada vínculo; a **multidimensionalidade**, ou seja, quantidade de funções desempenhadas por uma mesma rede; a **reciprocidade**, que se refere à existência de simetria nas redes, de modo que um indivíduo desempenha função equivalente à que recebe do outro; a **intensidade** que

identifica o compromisso com a relação, a **frequência dos contatos**, de forma que quanto maior for a distância, maior é a necessidade de manter o contato ativo para manter a intensidade; e, finalmente, a **história** da relação, que revela desde quando as pessoas se conhecem, contendo fatores que estimulam a manutenção do vínculo.

Existe forte evidência de que uma rede social pessoal estável, sensível, ativa e confiável protege a pessoa contra doenças, atua como agente de ajuda e encaminhamento, afeta a pertinência e a rapidez da utilização de serviços de saúde, acelera processos de cura, e aumenta a sobrevivência, ou seja, é geradora de saúde (Sluzki, 1997, p. 67).

3.10. Rede social e migração

A rede social do indivíduo e da família sofre um forte impacto com o processo da migração. De acordo com Sluzki (1997), “estas mudanças estão estreitamente associadas a um aumento da frequência de perturbações psicossomáticas e interpessoais”, já que são um evento capaz de alterar os padrões de organização familiar.

A necessidade de adaptar-se ao novo ambiente impacta as configurações familiares. Em virtude da migração, a estrutura da família pode ser alterada (algumas famílias nucleares podem ser divididas, a situação sócio-econômica pode tanto melhorar quanto piorar, o pai ou mãe podem perder emprego), a dinâmica familiar também sofre modificação mediante novos papéis e relações hierárquicas assumidas pelos integrantes, e os valores familiares (segredos, mitos, crenças, dentre outros) têm um embate com os diferentes costumes e crenças da cultura na qual a família ingressa.

Lisboa (2002) realizou um estudo sociológico sobre as mulheres migrantes de origem cabocla e o processo de tornarem-se líderes comunitárias na cidade de Florianópolis. Por meio do método biográfico e relatos orais foram pesquisados onze

mulheres e três homens de migração interna. A autora identificou um papel decisivo das redes sociais no processo de aculturação ao espaço e à cultura urbana por parte das famílias migrantes.

Em virtude da mudança, cada membro do sistema familiar precisa deixar segmentos de sua rede social pessoal. Embora as tecnologias de comunicação (internet, telefone) favoreçam que os laços não sejam definitivamente quebrados, a família passa por um processo de perda e luto, mas tanto a distância como a necessidade de adaptação ao novo ambiente exigem que a família construa uma nova rede.

Uma nova rede é então construída pela família contendo pessoas remanescentes da rede anterior e “os novos vínculos que são incorporados conforme o tempo e as circunstâncias permitam” (Sluzki, 1997, p.91), formando um rearranjo no Mapa de Redes. O reconhecimento das perturbações da rede, do luto pelos vínculos e funções perdidas tem implicações preventivas e de promoção de saúde dentro do contexto do ciclo vital da família migrante.

3.11. Políticas públicas: suporte social

Os períodos de transição, e em especial os não-normativos, como é o caso da migração, se forem sobrepostos às situações de risco e vulnerabilidade, aumentam a probabilidade de que a família sofra disfunções ou patologias no curso de seu desenvolvimento (Aspesi, Dessen e Chagas, 2005). Werner (1995) e Rutter (1987) destacam a importância do suporte social como fator de proteção. Uma rede de suporte social engajada pode representar uma base segura para a família, com potencial para neutralizar os efeitos negativos do ambiente sobre o seu desenvolvimento.

Silva (2003) refere-se ao suporte social como o “aspecto funcional de uma rede social efetiva, capaz de verdadeiramente apoiar a família durante os períodos em que ela enfrenta situações adversas” (p. 13).

O suporte social de uma pessoa ou de uma família é constituído por recursos formais como os serviços de saúde, as organizações comunitárias e religiosas, e pelos recursos informais, tais como, a própria família ampliada, os amigos e outros capazes de efetivamente darem o apoio que as pessoas necessitam, nos momentos em que se encontram mais fragilizadas (Silva, 2003, p. 13).

O suporte social é um processo, e não apenas uma ação pontual, e capacita a família a “funcionar com versatilidade e maiores recursos obtendo, conseqüentemente, saúde, informações, bens, serviços e ajuda na crise” (Mota, Franco, Motta, 1999, p. 122). Assim, Silva (2003) considera que o suporte social possibilita a inserção da pessoa ou família na sua comunidade, pois “a efetividade de uma rede de suporte social depende, portanto, da aceitação dessa rede e do reconhecimento de suas ações como algo capaz de ajudar” (p. 81).

Brofenbrenner (1979/1996) aponta que as políticas públicas têm o poder de afetar o bem-estar e o desenvolvimento dos seres humanos, ao determinar suas condições de vida. “A preocupação com a política pública por parte dos pesquisadores é essencial para o progresso no estudo científico do desenvolvimento humano” (p. ix).

Assim, as pesquisas sobre migração tornam-se necessárias para subsidiar e embasar estas políticas, destacando o papel dos pesquisadores e dos profissionais de saúde na promoção de saúde e a prevenção de doenças nas famílias migrantes.

Ao concluir esta revisão de literatura, destaca-se que os temas apresentados, embora separados didaticamente, se constituíram numa trama complexa, no sentido dos múltiplos olhares possíveis para a compreensão do processo da migração e seu impacto na

família. Os prismas da complexidade, da intersubjetividade e da imprevisibilidade estiveram presentes de modo transversal nas análises dos dados desta pesquisa.

4. MÉTODO

4.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa configurou-se em um levantamento de dados, de cunho descritivo, que, segundo Rauen (1999), objetiva coletar informações dos participantes sobre um dado problema, possibilitando uma aproximação contextualizada à realidade a ser pesquisada. Gil (2002) e Triviños (1987) também definem este tipo de pesquisa pela utilização de técnicas padronizadas de coleta, ordenação e classificação de dados, que tem como objetivo a descrição das características de uma população ou fenômeno, e o estabelecimento de relações entre variáveis e fatos.

Esta pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa dos dados que caracteriza-se pela apreensão de significados nas falas e nos comportamentos observados dos participantes, interligados ao contexto em que se inserem e delimitados pela abordagem conceitual do pesquisador (Biasoli-Alves, 1998). A pesquisa qualitativa tem como foco a fidelidade ao universo de vida cotidiana dos participantes. Captar os diferentes significados auxilia na compreensão da relação entre o indivíduo e seu contexto (Biasoli-Alves, 1998). Nesse sentido, Berg (1995) consigna que a “pesquisa qualitativa se refere aos significados, conceitos, definições, características, metáforas, símbolos e descrições de coisas” (p. 3).

4.2 Campo de pesquisa

A pesquisa foi realizada no município de Florianópolis nos anos de 2006 e 2007 e contemplou moradores de diferentes bairros da cidade. A capital de Santa Catarina tem uma área de 436,5 km², que compreende a parte continental e a ilha, com uma população de 369.781 habitantes (segundo estimativa do IBGE, 2003). Florianópolis tem sua economia alicerçada nas atividades do comércio, prestação de serviços públicos, indústria

de transformação e turismo e, mais recentemente, a indústria do vestuário e a informática vêm se tornando também setores de grande desenvolvimento.

A migração é um fenômeno atual e crescente em Florianópolis, cuja população cresceu com a conjugação de muitas culturas, caracterizando a capital catarinense como uma cidade cosmopolita.

4.3 Participantes

Participaram desta pesquisa nove famílias que estavam vivenciando o processo de migração. Para caracterizar o fenômeno da migração, fez-se a exigência que a família estivesse estabelecida na cidade de destino, pois, como sugerem Renner e Patarra (1980), este é um referencial necessário ao estudo da migração.

Os critérios de seleção das famílias foram: 1) famílias que tenham migrado no período de no mínimo seis meses e no máximo cinco anos; 2) ser migração interna; 3) que todos os membros concordassem em participar da entrevista, já que para a construção do mapa todos deveriam nomear suas redes, inclusive as crianças.

As famílias eram provenientes de classe sócio-econômica e cultural média, segundo os indicadores financeiros, o tipo de habitação e a escolaridade. Tomou-se como referência os dados da Fundação SEADE (Sistema Estadual de Análise dos Dados) para validação da qualidade de vida. Como a entrevista foi com toda a família a escolaridade considerada foi a do sistema parental; que ficou entre nível médio, técnico e superior.

4.4 Procedimento

Antes do início da pesquisa proposta, este projeto foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas com seres humanos, conforme determina a Resolução nº 196 do Conselho Nacional de Saúde, de 10 de outubro de 1996. Também foi efetuado um estudo piloto com uma família migrante, que permitiu verificar a consistência e o tempo de

duração da entrevista semi-estruturada, assim como concretizar a utilização do mapa de redes. Esta entrevista não consta no número de participantes da pesquisa.

As famílias foram convidadas para participar deste trabalho por meio de ligação telefônica na qual eram explanados os objetivos e os procedimentos da pesquisa. Os contatos foram obtidos através da matrícula de alunos transferidos de outras cidades em uma escola da rede pública e da indicação de pessoas da rede da pesquisadora. Os próprios pesquisados recomendaram famílias que cumpriam os critérios estabelecidos na pesquisa, recurso denominado 'bola de neve', o qual consiste em localizar pessoas mediante indicação que, progressivamente, vão indicando outras pessoas que se encaixem nos critérios definidos (Prado, 2006).

As entrevistas foram marcadas com a família no local e horário indicados pelos entrevistados, sendo que todas ocorreram na sua residência, com a participação de todos os membros da família nuclear, inclusive as crianças. Antes da entrevista ainda foram explicados os objetivos do estudo, o sigilo dos dados (de forma que a família não fosse identificada), e que os entrevistados poderiam desistir a qualquer momento da pesquisa. No caso de concordância, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (anexo 1).

A coleta de dados, com duração média de uma hora e meia, foi realizada por meio de um roteiro de entrevista semi-estruturado, a partir da qual foi construído o Mapa de Redes da família. O mapa foi confeccionado junto com os participantes no momento da entrevista, a qual foi gravada e transcrita na íntegra para análise.

4.5 Instrumentos

O instrumento utilizado foi a entrevista semi-estruturada, que, segundo Biasoli-Alves (1998), é composta de um roteiro de tópicos que “seguem uma formulação flexível e a seqüência e minuciosidade ficam por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que

acontece naturalmente” (p. 145). Os tópicos da entrevista elaborada para esta pesquisa (anexo 2) foram subdivididos em cinco temas centrais: 1) Dados de identificação; 2) Processo de decisão de migração; 3) Processo de adaptação na cidade de destino; 4) Rede social da família; e 5) Expectativas da família.

Nesta pesquisa a entrevista subsidiou a construção do Mapa de Redes, proposto por Sluzki (1990, 1997), o qual foi adaptado para caracterizar as redes sociais da família e não apenas do indivíduo. Para tanto colocou-se um círculo a mais a fim de inserir no centro do mapa o genograma da família nuclear, no qual cada membro da família era representado por uma cor diferente para destacar a sua rede. No dia da entrevista a pesquisadora levou, em folha A3, um modelo do mapa de redes adaptado, que está exemplificado na Figura 2:

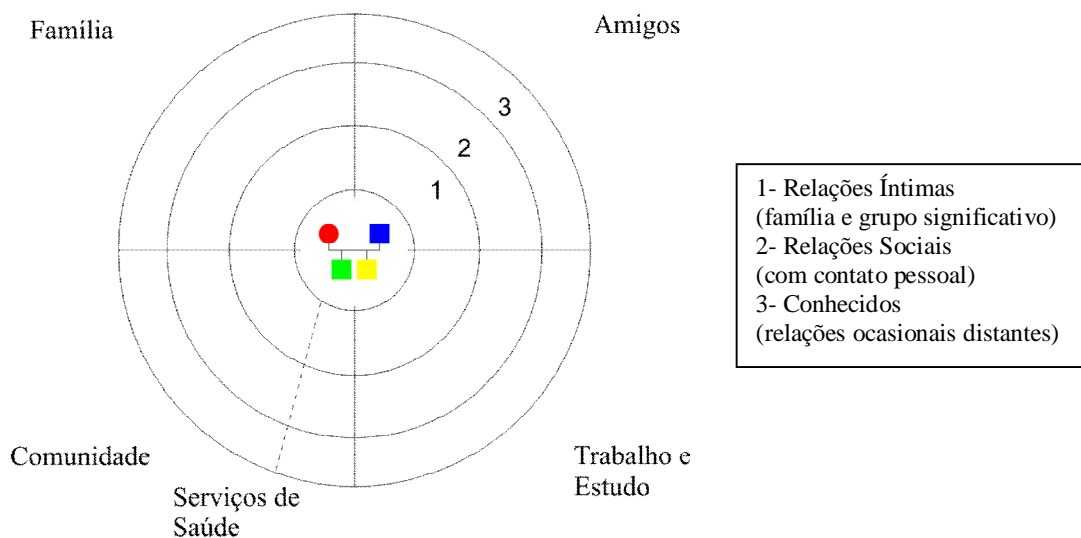


FIGURA 2: Modelo de Mapa de Redes proposto por Sluzki (1990, 1997) com o acréscimo do genograma da família migrante no centro do mapa

Após ser explicado o objetivo e a forma de funcionamento do mapa, cada entrevistado citou sua rede e a pesquisadora anotou os nomes para evitar que fosse mencionada duas vezes a mesma pessoa. Além de verificar a proximidade e o vínculo dos integrantes da rede, questionou-se se eles eram de Florianópolis ou se moravam em outras cidades. É importante destacar que os membros que não eram de Florianópolis não

moravam necessariamente na cidade de origem do participante, principalmente as famílias que já haviam migrado e carregavam redes de várias cidades, bem como parentes e amigos que também migraram e já estavam em outras partes do país (alguns inclusive no exterior).

Na confecção final dos mapas, foram utilizados no genograma os símbolos propostos por Minuchin (1982) e McGoldrick & Gerson (1995) (anexo 3). Para os integrantes da rede, o nome das pessoas foi substituído por um símbolo que indica apenas o seu sexo. A cor deste símbolo variou de acordo com o membro da família ao qual estava relacionado. Como no caso alguns membros da rede estavam relacionados a todos os integrantes da família eles foram pintados com a cor marrom. Em todas as famílias foram citados alguns grupos de pessoas que o entrevistado fazia questão de incluir, porém não os mencionava individualmente. Observou-se que estes grupos só apareceram nos níveis dois e três, tendo sido criado para eles o símbolo de três circunferências reunidas.

Com o objetivo de que fosse possível vislumbrar, na análise, em quais áreas da comunidade o migrante conseguiu estabelecer mais facilmente suas redes, foram acrescentadas no quadrante da comunidade, além dos Serviços de Saúde (cruz), já destacados por Sluzki (1990, 1997), mais duas áreas: religião (igreja), que contempla os representantes da comunidade religiosa, e vizinhança (casa), que alude, além dos vizinhos, integrantes dos centros comunitários. A legenda de símbolos e cores que foram utilizadas pode ser vista ampliada no anexo 4.

O Mapa de Redes, segundo Sluzki (1997), é um registro estático do momento que o indivíduo (no caso desta pesquisa a família) está vivenciando, mas que não se limita ao espaço geográfico em que a pessoa está inserida. Os quatro quadrantes também foram divididos em duas áreas, cidade de Florianópolis (sombreada) e outras cidades, para destacar a dispersão da rede da família migrante. O critério de inclusão das redes, bem como a escolha do quadrante e nível que as pessoas ficariam, foi estabelecido pelos

próprios participantes. O Mapa de Redes adaptado e que foi utilizado para a análise está exemplificado na Figura 3:

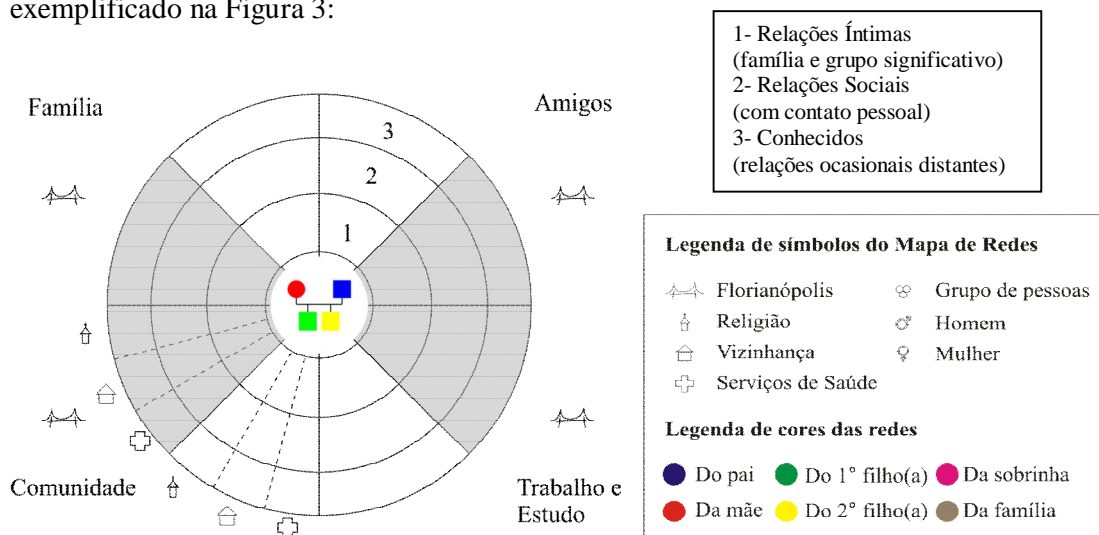


FIGURA 3: Modelo de Mapa de Redes proposto por Sluzki (1990, 1997) com o acréscimo do genograma da família migrante no centro do mapa, das subdivisões do quadrante comunidade em religião/vizinhança/serviços de saúde e das subdivisões de todos os quadrantes destacando a cidade de Florianópolis das demais.

4.6 Análise dos dados

Para análise dos dados foi utilizada como referência a "Grounded theory" (teoria fundamentada empiricamente), proposta por Strauss e Corbin (1990), a qual permite trabalhar com dados verbais de diferentes origens. Especificamente neste estudo, o desafio era integrar os dados advindos do Mapa de Redes e a entrevista semi-estruturada em torno dos objetivos propostos.

Assim, os passos para a análise foram: 1- leituras sucessivas do material textual das entrevistas e dos dados identificados no Mapa de Redes, com o intuito de compreender e ampliar o significado do discurso apresentado pelas famílias migrantes. 2- Verificar aspectos comuns ou semelhantes, características diferenciais e inéditos entre os Mapas de Redes das famílias e dos dados das entrevistas. 3- Identificar pontos nucleares que se mantiveram na diversidade e na complexidade dos dados emergentes. Tais pontos foram a base de referência para o estabelecimento e nomeação das categorias principais de análise.

4- A partir destas categorias, relacionar as sub-categorias e seus respectivos elementos de análise, os quais auxiliaram numa melhor descrição, compreensão e sustentação das categorias principais.

5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A caracterização das famílias participantes ocorreu através da apresentação dos dados sócio-demográficos, bem como de uma breve síntese de cada uma delas, seguida pelo seu respectivo Mapa de Redes, na busca de um entendimento contextualizado de cada família.

Os resultados foram também resumidos em um quadro de categorias, subcategorias, e elementos de análise, procurando capturar e integrar os diferentes aspectos presentes no processo da migração. Os resultados foram analisados no capítulo seis.

5.1. Caracterização das famílias participantes

Para apresentação e melhor visualização dos dados obtidos na caracterização das famílias pesquisadas, elaborou-se a tabela 1, que apresenta os dados sócio-demográficos das famílias entrevistadas.

5.1.1. Tabela 1: Dados sócio-demográficos das famílias participantes da pesquisa

Família	Nome**	Idade	Escolaridade	Ocupação	Religião	Condições Moradia*	Bens da Família	Cidades de Origem	Tempo Migração	Fase Ciclo Vital
Santos	Pedro	24	Superior incompleto	Supervisor de vendas	Luterano	Apartamento alugado, com seis cômodos	Carro	Porto Alegre	1 ano e 2 meses	Aquisição
	Juliana	26	Superior incompleto	Representante de vendas	Evangélica			Fortaleza		
Fretas	João	25	Superior	Estudante	Católico	Apartamento alugado, com cinco cômodos	Apto próprio em Curitiba, carro	Curitiba	2 anos	Aquisição
	Maria	24	Superior	Farmacêutica	Católica					
	Gabriel	1	-	-	Católico					
Souza	Fábio	30	Técnico	Técnico	Católico	Apartamento alugado, com cinco cômodos	Casa própria em BH, carro	Belo Horizonte -> Porto Alegre	3 anos	Aquisição
	Tatiana	29	Médio	Do lar	Católica				2 anos e meio	
	Carlos	4	Pré-escola	-	Católico				2 anos e meio	
Monteiro	Marcelo	25	Médio	Vendas	Evangélico	Casa alugada, com cinco cômodos	Carro	São Paulo	1 ano e 7 meses	Aquisição
	Fernanda	24	Superior incompleto	Estudante	Evangélica					
	Márcio	6	Pré-escola	-	Evangélico					
	Jonas	1	-	-	Evangélico					
Silva	Ricardo	34	Superior	Enfermeiro	Budismo	Casa emprestada, com cinco cômodos	Carro	Florianópolis -> Içara	1 ano	Aquisição
	Larissa	32	Médio	Secretária	Evangélica			Içara		
	Rafael	7	1ª Série	-	Evangélico					

* Todas as residências tinham água, luz, esgoto e pavimentação na rua. ** Todos os nomes são fictícios

Família	Nome**	Idade	Escolaridade	Ocupação	Religião	Condições de Moradia*	Bens da Família	Cidade de Origem	Tempo Migração	Fase Ciclo Vital
Marques	Sandro	34	Técnico	Técnico	Católico	Apartamento alugado, com seis cômodos	Carro	Recife	2 anos	Aquisição
	Andréa	31	Superior incompleto	Do lar	Católica					
	Bianca	6	1ª Série	-	Católica					
Barcelos	José	45	Técnico	Técnico	Não pratica	Apartamento alugado, com seis cômodos	Carro	Maranhão -> Porto Alegre	2 anos	Adolescente
	Débora	38	Médio	Cabeleireira	Não pratica					
	Tiago	13	7ª Série	Estudante	Não pratica					
Cardoso	Antônio	46	Médio	Auxiliar administrativo	Católico	Apartamento próprio, com nove cômodos	Apto próprio em Florianópolis, carro	Aracajú -> Lages	5 anos	Adolescente
	Silvia	44	Médio	Do lar	Católica					
	Amanda	15	1º ano Ensino Médio	Estudante	Católica					
	Jorge	12	7ª Série	Estudante	Católico					
	Vilma	17	Médio	Estudante	Católica				1 ano	
Nunes	Gilberto	49	Superior	Engenheiro aposentado	Espírita	Casa própria, dois pavimentos, com treze cômodos	Casa própria em Florianópolis, carro	São Paulo	1 ano e 6 meses	Madura
	Luise	47	Superior	Agente imobiliária	Espírita					
	Gustavo	21	Superior incompleto	Estudante	Não pratica				3 anos	
	Renato	18	Médio	Estudante	Católico				1 ano e 6 meses	

* Todas as residências tinham água, luz, esgoto e pavimentação na rua. ** Todos os nomes são fictícios

5.1.2. Síntese das famílias e seus respectivos Mapas de Redes

5.1.2.1. Família Santos³

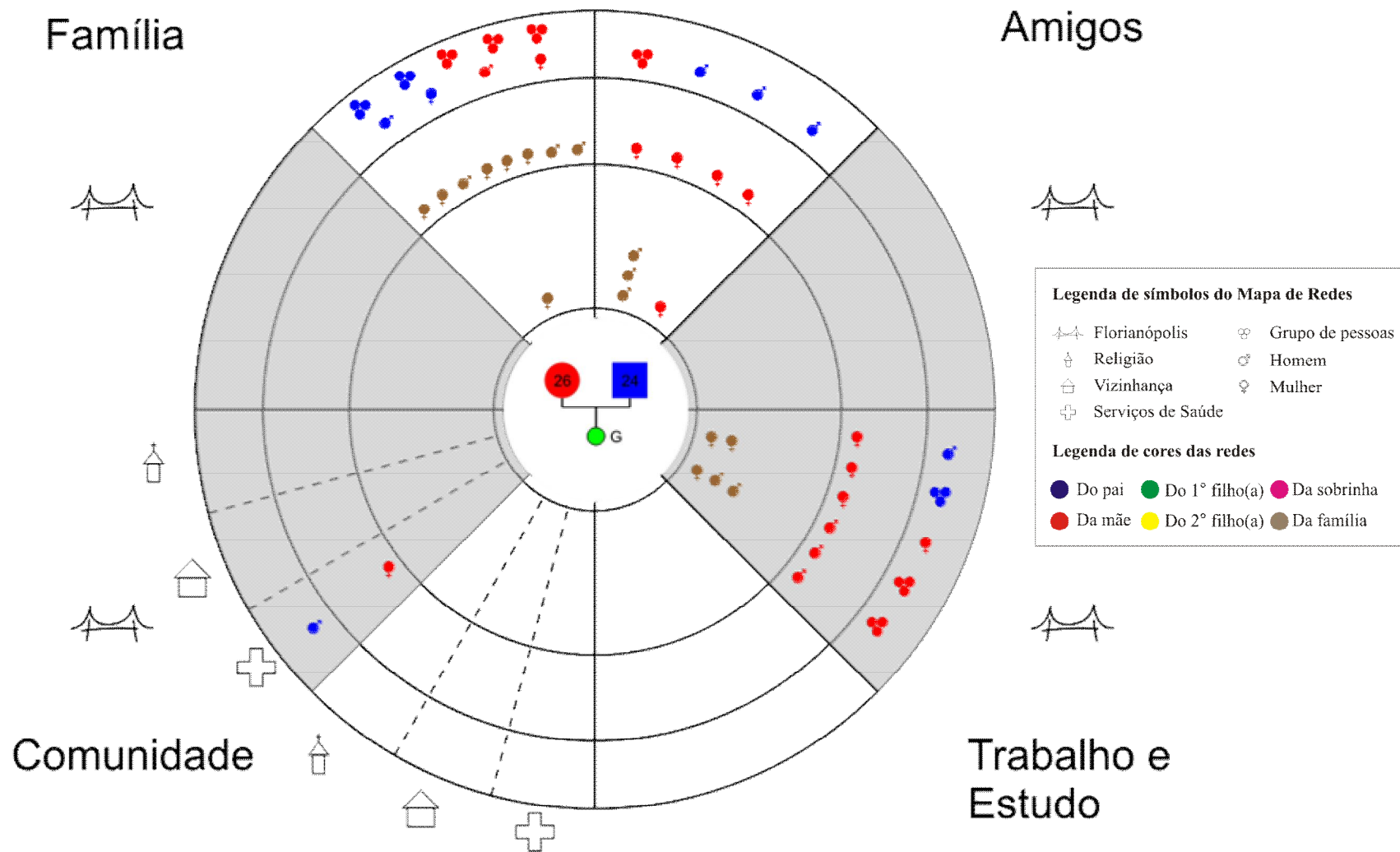
A família Santos era composta por Pedro (25 anos), representante de produtos farmacêuticos, e Juliana (26 anos), estudante de administração, que estava grávida de 4 meses. Pedro era de Porto Alegre e Juliana, de Fortaleza. Eles se conheceram em São Paulo e, após 5 meses de namoro à distância, casaram-se para conseguirem ficar juntos. Juliana abandonou seu emprego e faculdade, casou e se mudou para a cidade do marido. Assim que Juliana chegou em Porto Alegre, Pedro recebeu uma promoção no trabalho para assumir uma supervisão no Estado de Santa Catarina, na cidade de Florianópolis e, como afirmou Pedro, “na verdade não teve decisão nenhuma, como era uma situação de ganho financeiro a gente veio”.

O Mapa de Redes deste casal aponta que as redes que estabeleceram em Florianópolis foram através do trabalho e do estudo e também na área da saúde em razão da gravidez de Juliana. As relações de primeiro nível eram ligadas ao casal, que não distinguia as amigas da esposa e do marido, com exceção de uma amiga de Fortaleza que Pedro não teve oportunidade de conhecer. Dentro do quadrante da família, a mãe de Juliana foi o único vínculo alocado no primeiro nível. Este casal demonstrou ter fronteiras fechadas ao estabelecer poucos vínculos próximos, inclusive nas cidades de origem, fato que corrobora relato de Juliana que dizia se sentir muito só e apenas apoiada pelo marido.

A entrevista foi realizada quando Juliana e Pedro estavam em Florianópolis há um ano e dois meses. Ao migrar, os objetivos desta família, em fase de aquisição, era ganho financeiro e crescimento profissional. Com a gravidez, Pedro passou a buscar emprego no Rio Grande do Sul para ter o filho mais próximo da família e amigos.

³ Todos os nomes foram alterados para preservar a identidade dos participantes.

Figura 4: Mapa de Redes Família Santos



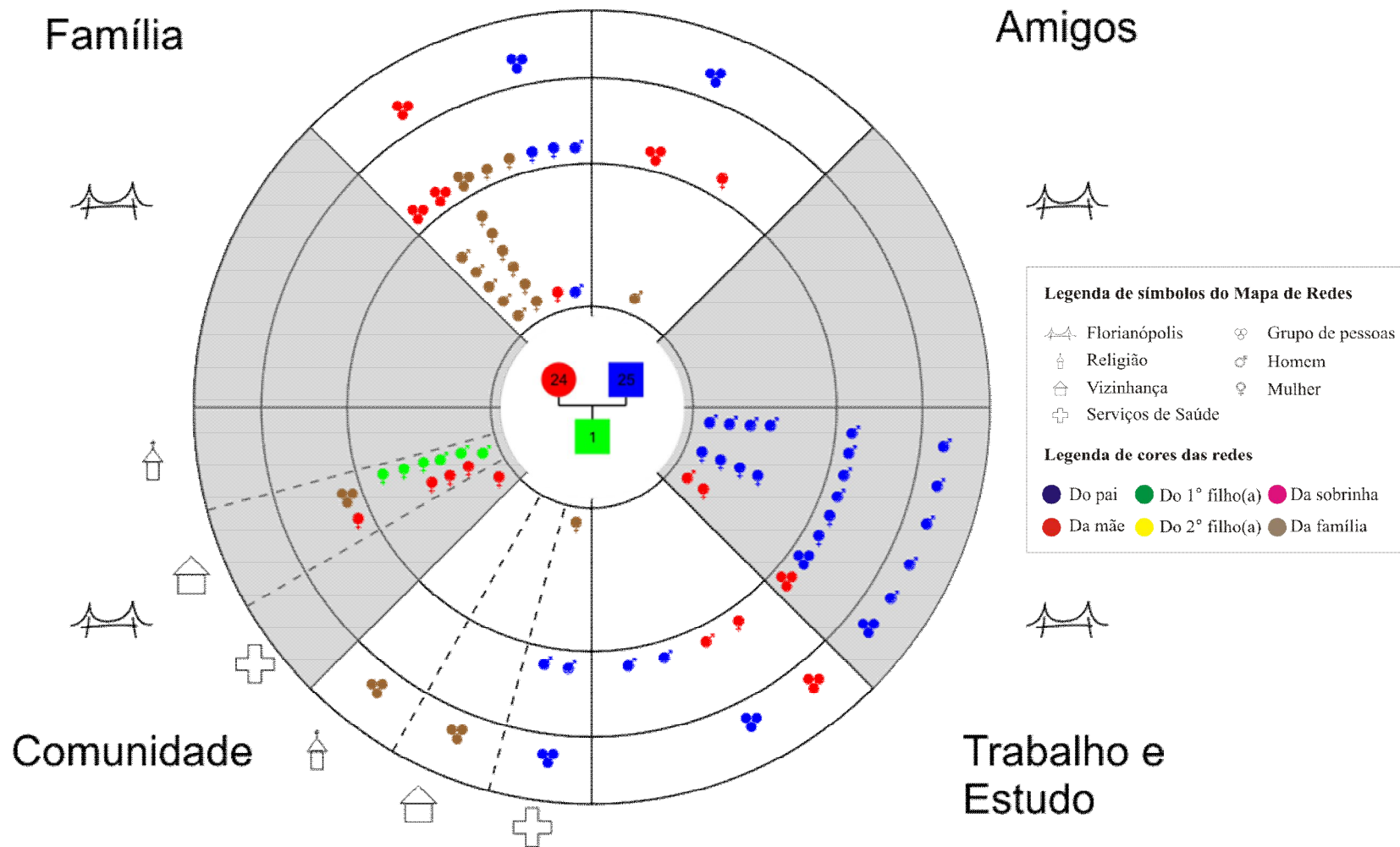
5.1.2.2. Família Freitas

João (25 anos), mestrando em engenharia, Maria (24 anos), farmacêutica, e Gabriel (1 ano) compõem a família Freitas. No momento da entrevista, estavam em Florianópolis há 2 anos, oriundos de Curitiba. Maria tinha recém-descoberto a gravidez de Gabriel quando João foi aprovado para fazer mestrado em Florianópolis. Apesar de uma perda financeira momentânea, tendo em vista que com a gravidez Maria não pretendia trabalhar em Florianópolis, a perspectiva do mestrado – e ganhos financeiros superiores com esta titulação –, o clima mais ameno, as belezas naturais e a proximidade da cidade de origem do casal, foram os motivos que fizeram esta família, em fase de aquisição, migrar.

No mapa desta família visualiza-se que, enquanto o marido estabeleceu em Florianópolis redes relacionadas ao estudo, Maria e Gabriel criaram vínculos na comunidade. No seu depoimento, Maria afirmou que Gabriel fez amizade com crianças da vizinhança e que isto favoreceu que ela se relacionasse com as suas mães. Na cidade de origem o casal se afastou de amigos e colegas de trabalho e estudo, embora tenham mantido os vínculos com os familiares através de visitas frequentes e internet.

Com a finalização do mestrado e a aprovação de João num concurso público em Curitiba, o casal pretende retornar para a cidade de origem. Maria afirmou que no começo pensava em ficar em Florianópolis, “mas aí com o tempo eu fui mudando de idéia, principalmente por causa dele [do filho], eu já acho que é longe demais da família”.

Figura 5: Mapa de Redes Família Freitas



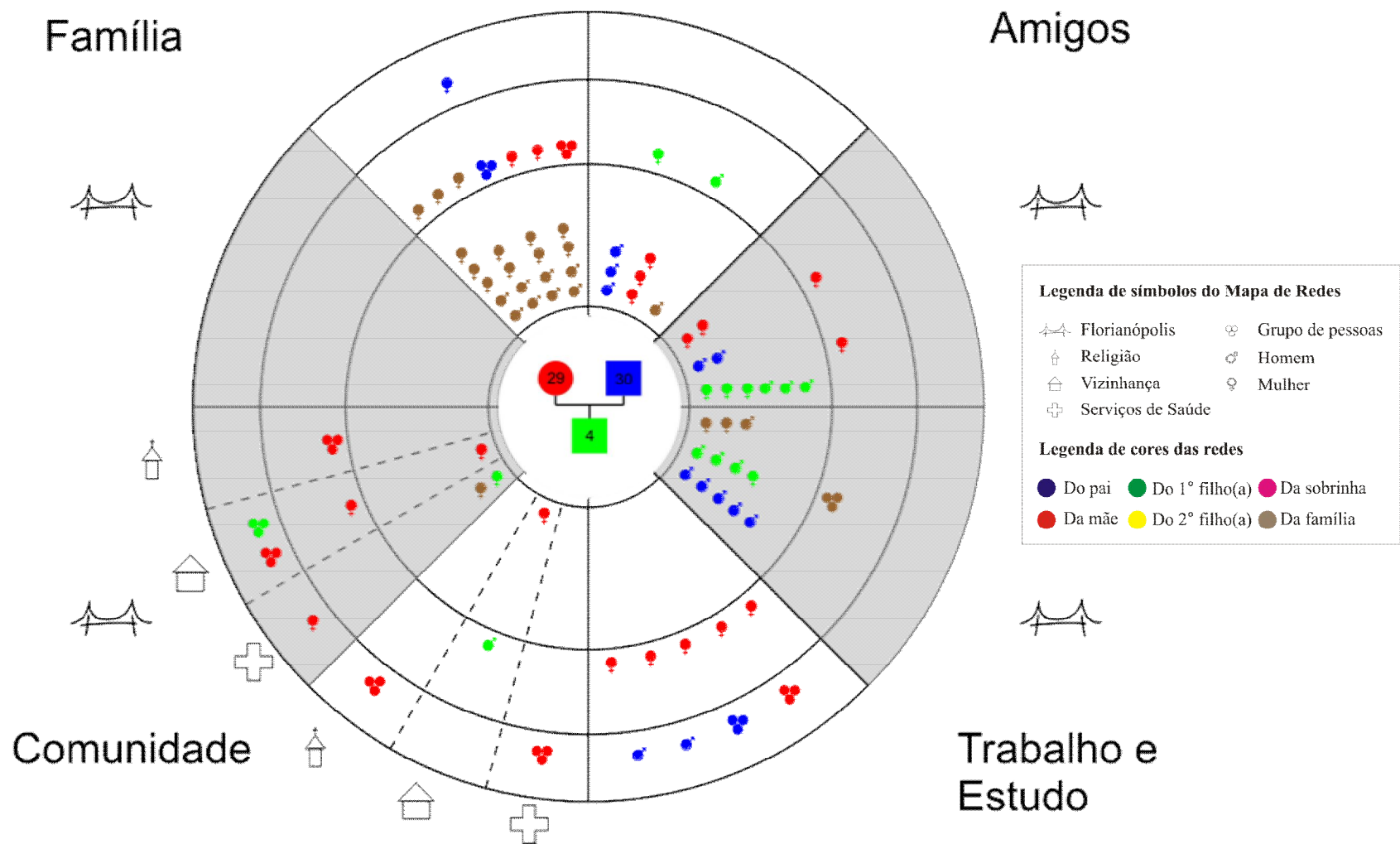
5.1.2.3. Família Souza

A família Souza era formada por: Fábio (30 anos), técnico de telecomunicações, Tatiana (29 anos), dona de casa, e o filho Carlos (4 anos). A família migrou pela oportunidade de emprego de Fábio, pois como ele é técnico especializado em um ramo específico, apenas em Florianópolis existem oportunidades de vagas na sua área. Fábio migrou há três anos para a cidade enquanto que a família veio definitivamente há dois anos. A família era de Belo Horizonte, porém esteve uma curta temporada em Porto Alegre antes de vir para a capital catarinense.

O mapa da família Souza aponta que a família possui em Florianópolis redes de relacionamentos nos quadrantes amigos, trabalho e estudo, e comunidade. Carlos, com apenas quatro anos, foi quem estabeleceu o maior número de vínculos na cidade de destino. A esposa, que não trabalhava, relatou que fez suas redes através dos contatos do marido e do filho. O casal enfatizou ainda que os amigos que fizeram na capital catarinense não eram nativos, mas sim oriundos de outras cidades e estados. Apesar de distante geograficamente dos familiares, eles mantiveram contato freqüente através de telefonemas e internet.

A família, em fase de aquisição, esclareceu que estava em Florianópolis unicamente por motivo financeiro e que não planejava a vida futura na cidade, até porque “se achasse, em Belo Horizonte, um trabalho para ganhar metade do que ganha aqui, já teria ido embora”.

Figura 6: Mapa de Redes Família Souza



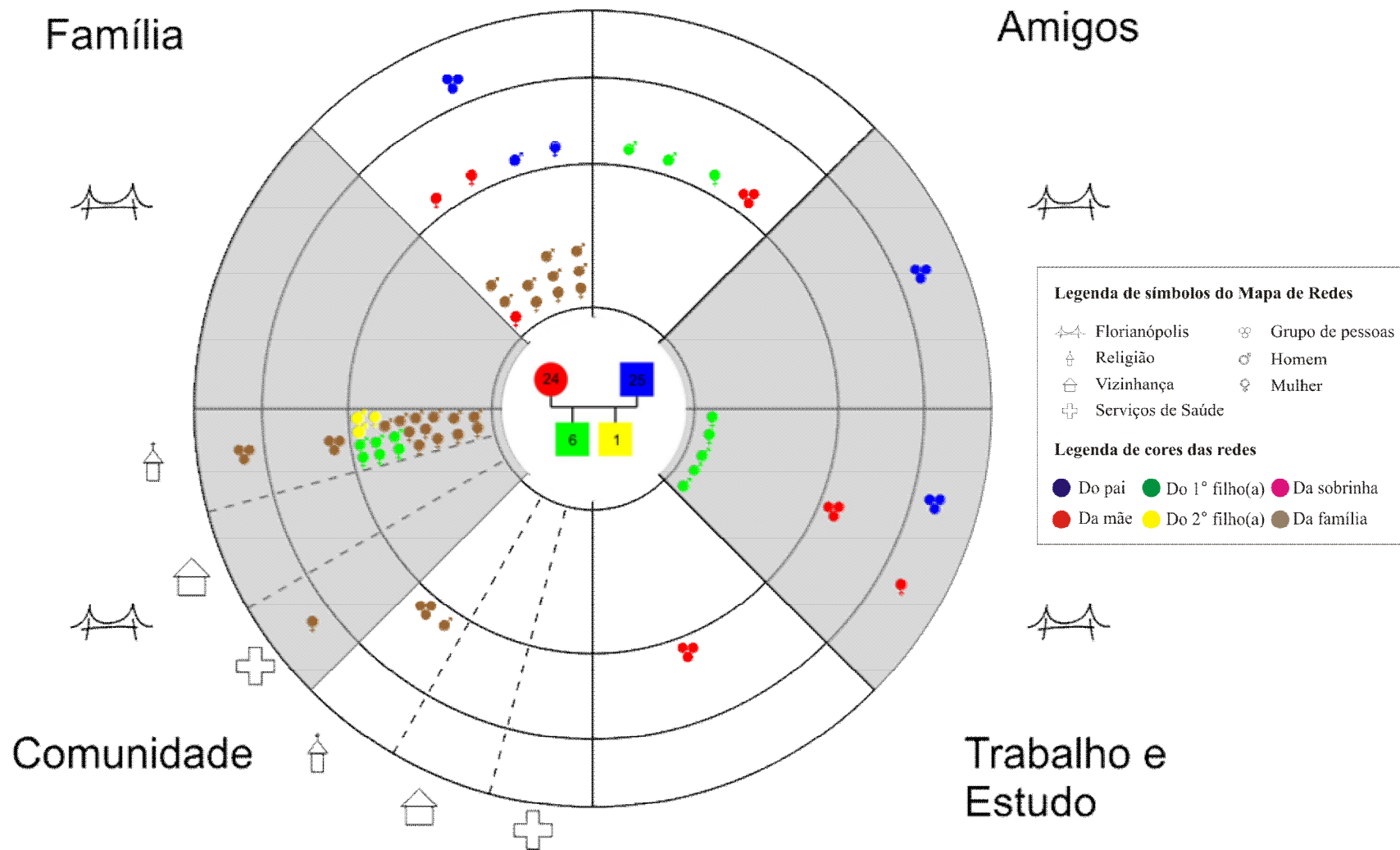
5.1.2.4. Família Monteiro

A família de Marcelo (25 anos), representante, Fernanda (23 anos), estudante de jornalismo, Márcio (6 anos) e Jonas (1 ano e 8 meses) havia migrado há 1 ano e 7 meses – um mês após o nascimento do filho caçula - de São Paulo para Florianópolis por motivo religioso. Eles são evangélicos e participam de projetos sociais da Igreja.

Ao visualizar o mapa desta família, percebe-se que a grande concentração de redes estabelecidas em Florianópolis estava na área da comunidade relacionada à religião. Apenas o filho de seis anos possuía vínculos de primeiro nível na sua escola. Por sua vez, Fernanda estava retornando para a faculdade e apenas conhecia superficialmente os colegas de turma. Na cidade de origem, os contatos que permaneceram foram, principalmente, com as famílias ampliadas, com as quais mantinham contato através de visitas, telefone e internet.

Esta família, em fase de aquisição, teve perdas financeiras e atribuiu a migração a uma vocação de Deus. Apesar de afirmarem que estão felizes em Florianópolis, não sabiam se permaneceriam na cidade, pois “os limites são onde o Senhor quiser” e eles seguiriam os direcionamentos de Deus.

Figura 7: Mapa de Redes Família Monteiro



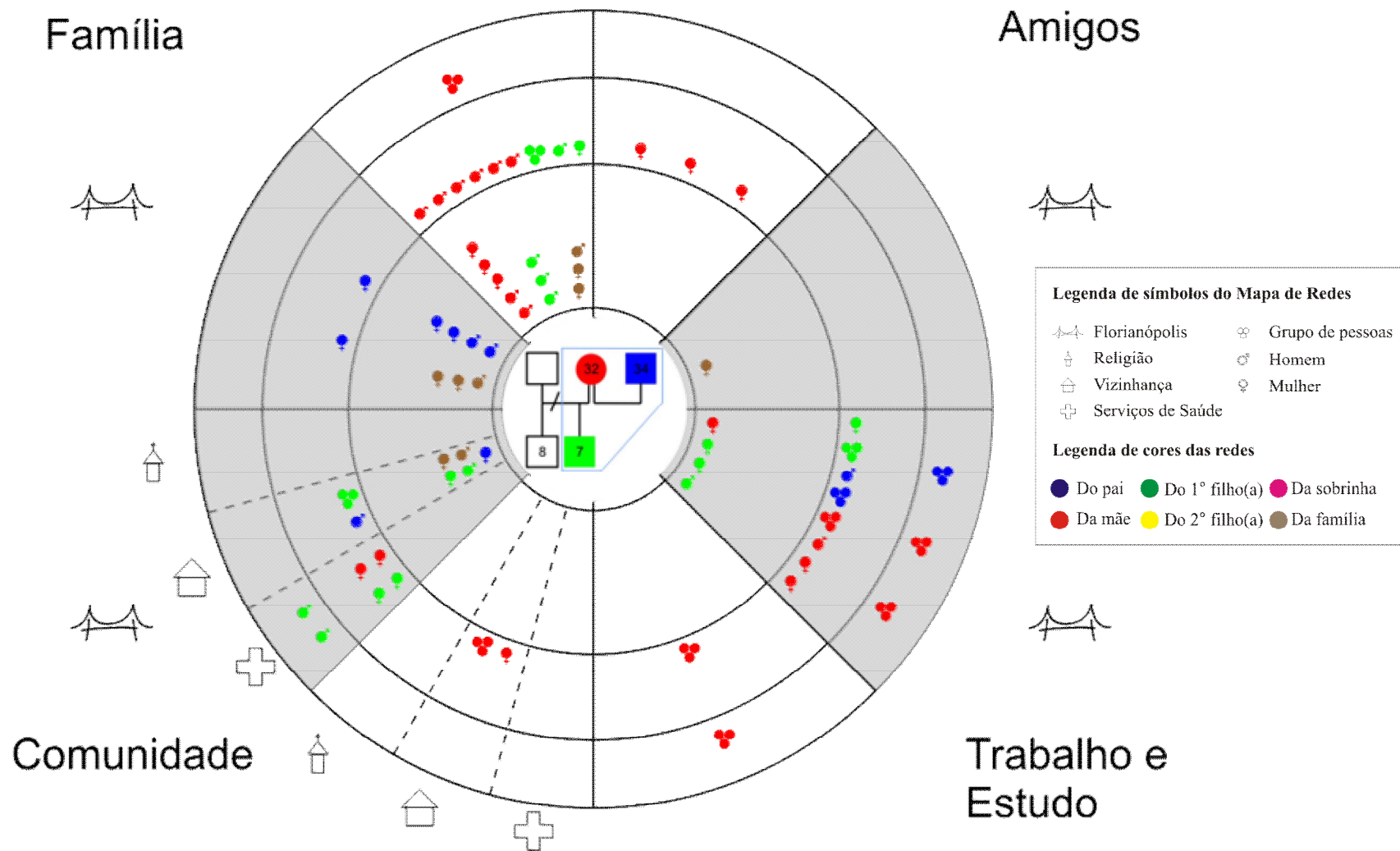
5.1.2.5. Família Silva

A família Silva era composta por Ricardo (34 anos), enfermeiro, Larissa (32 anos), secretária, e Rafael (7 anos). Ricardo nasceu em Florianópolis e foi com 30 anos para a cidade de Içara, Santa Catarina, na qual conheceu e se casou com Larissa, que era divorciada e mãe de dois filhos: Rafael e Luiz (8 anos). Ricardo passou em um concurso público em Florianópolis e a família resolveu migrar, mesmo ganhando um pouco menos, em busca de estabilidade financeira e também proximidade da família de Ricardo, bem como para usufruir os recursos e serviços oferecidos pela universidade e centro comunitário. A migração implicou na decisão de Larissa deixar o filho Luiz com o pai, pois, segundo ela, “o menino era muito apegado ao pai e eu não quis forçar a barra”.

No mapa dos Silva percebe-se que Ricardo, por ser de Florianópolis, possuía redes no quadrante da família na capital de Santa Catarina. Larissa e Rafael estabeleceram vínculo com os pais e uma tia de Ricardo e também mantiveram contato, por meio de visitas e telefonemas, com seus familiares na cidade de origem. Embora tenham apontado poucos contatos de amizade, esta família aludiu vários vínculos na comunidade, embora não tenham computado nenhuma rede na área da religião. O trabalho de Ricardo e Larissa, bem como o estudo de Rafael, também foram fontes de redes, embora não tão próximas quanto às relações da comunidade e da família.

Apesar de esta ser a família que veio da cidade mais próxima de Florianópolis (190 Km), Larissa não conseguia ter contato freqüente com o filho, por ter medo da estrada e também porque seus familiares não possuíam acesso à internet. Esta família não tinha previsão de sair de Florianópolis.

Figura 8: Mapa de Redes Família Silva



5.1.2.6. Família Marques

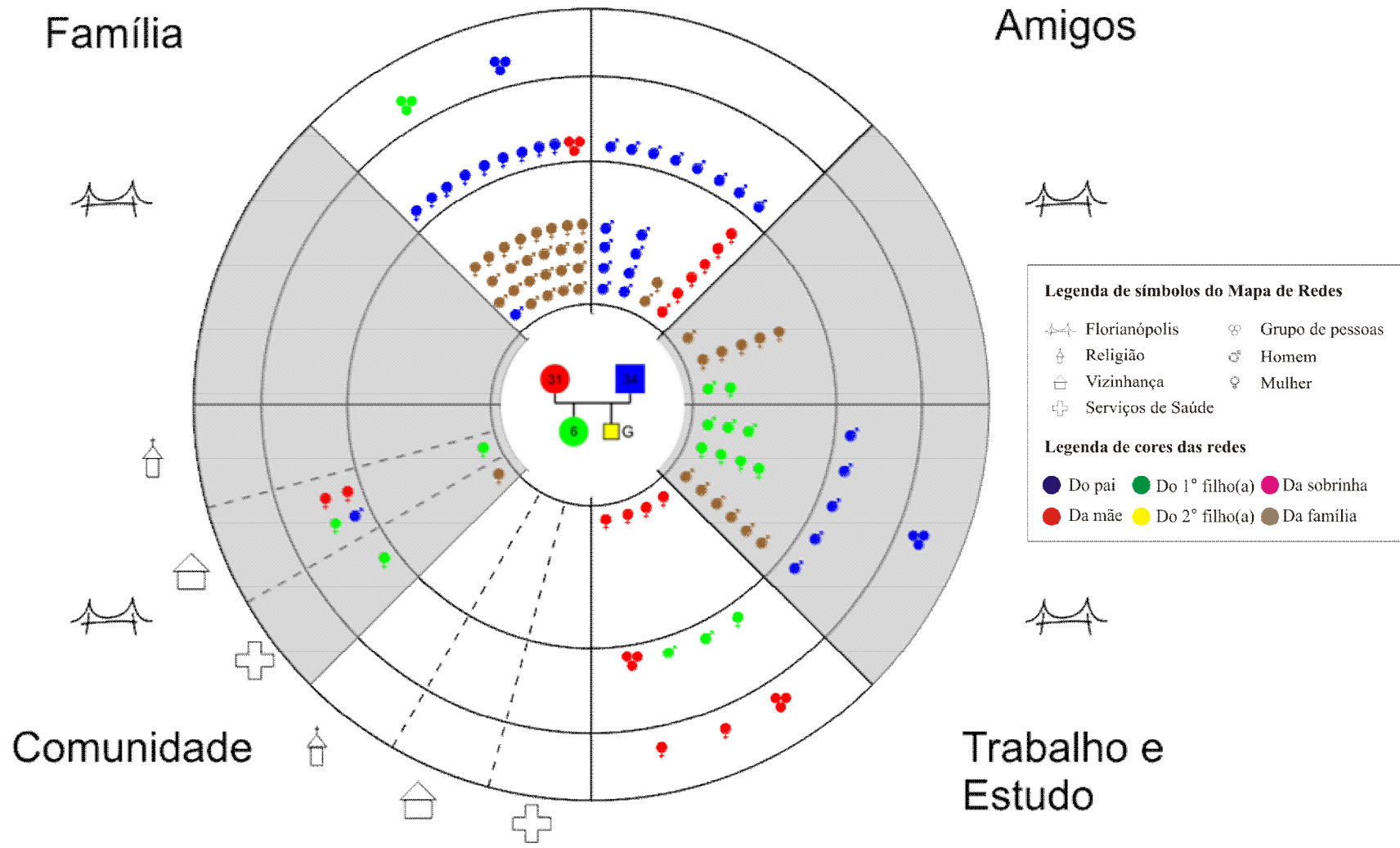
Sandro (34 anos), técnico em eletrotécnica, recebeu uma proposta de emprego em Florianópolis e veio com sua mulher Andréa (32 anos), estudante de história e a filha Bianca (6 anos). No dia da entrevista, a família havia migrado há 1 ano e 5 meses e Andréa estava grávida de 7 meses. A cidade natal desta família é Recife, porém a família morou em Vitória antes de vir para Florianópolis.

A decisão e a mudança da família Marques, também em fase de aquisição, ocorreram em duas semanas e toda a família extensa se posicionou contrária em virtude da distância, além de ainda pressionarem para que eles retornassem para a cidade natal.

O mapa desta família aludiu que a maior parte dos relacionamentos próximos desta família estava na cidade de origem, dentro dos quadrantes amizades e amigos. Em Florianópolis, a maior rede se encontrava no quadrante do trabalho e estudo, sendo que os relacionamentos que estavam vinculados a toda família eram oriundos do trabalho de Sandro. Andréa afirmou que as amizades estabelecidas em Florianópolis eram com famílias também migrantes. O único vínculo mais forte, segundo ela, era a médica (área da saúde) que estava acompanhando sua gravidez e lhe passava bastante segurança. A filha de seis anos foi quem mais estabeleceu redes, inclusive na vizinhança.

Sandro já tinha propostas para voltar e eles pretendiam deixar Florianópolis assim que possível, quando aparecesse uma proposta boa, que cobrisse a de Florianópolis. Para ele “não tem nada que prenda a gente por aqui”. Porém, Andréa, no último trimestre da gravidez, tinha receio de se mudar para uma cidade desconhecida e ficar longe da médica que acompanhava sua gravidez, principalmente por Bianca ter nascido prematura.

Figura 9: Mapa de Redes Família Marques



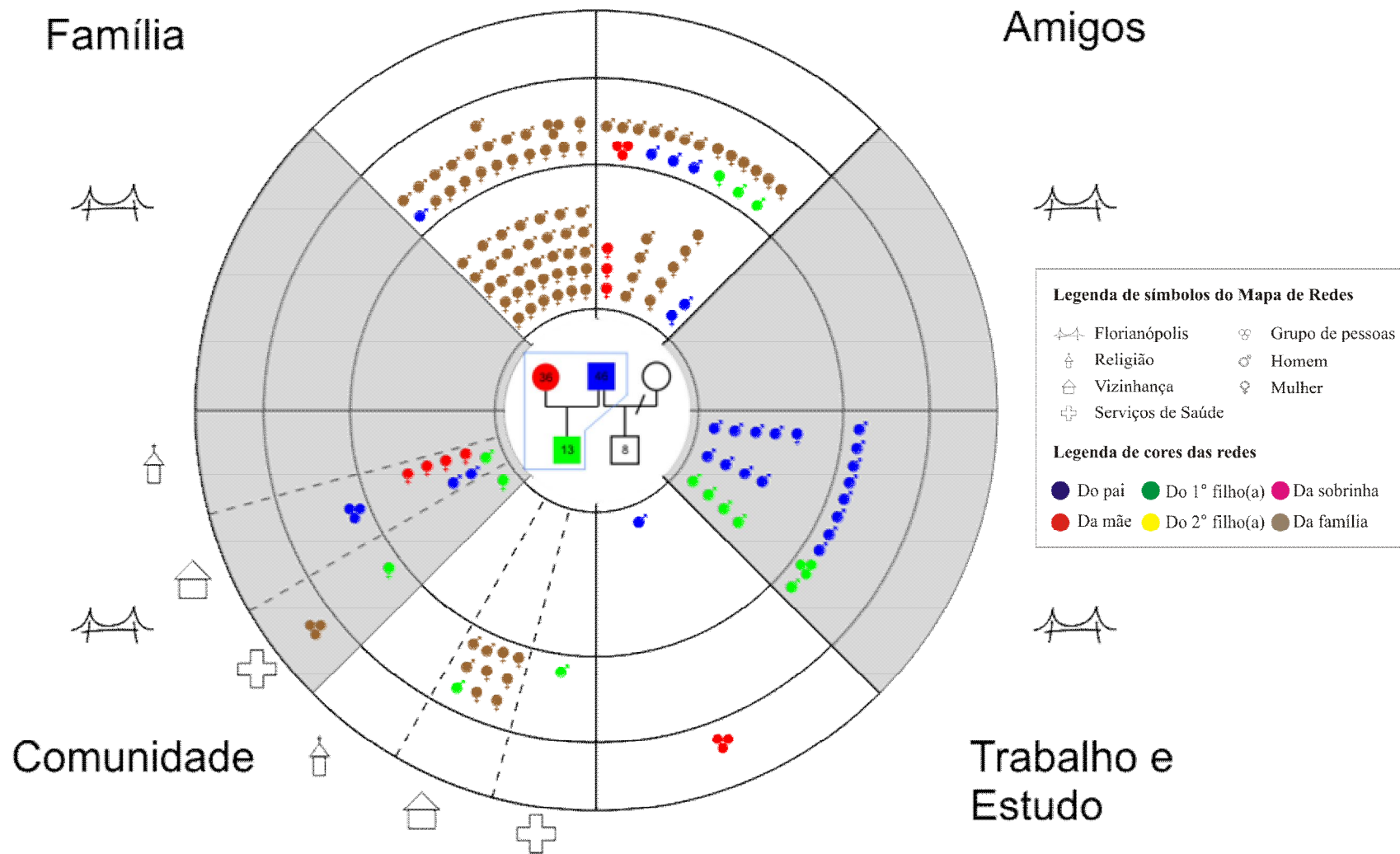
5.1.2.7. Família Barcelos

A família Barcelos, constituída por José (46 anos), técnico, Débora (38 anos), cabeleireira, e Tiago (13 anos), mudou-se para Florianópolis em decorrência de uma possibilidade de emprego para o marido. José e Débora nasceram no Maranhão, porém, desde 1976, ele vivia em Porto Alegre e ela juntou-se a ele em 1989. Tiago nasceu já na capital do Rio Grande do Sul. Em 2002 a família migrou para Olinda e depois para Vitória.

Na data da entrevista, esta família, em fase adolescente, estava em Florianópolis há um ano e um mês. Tiago reclamou da migração, ele afirmou que “não gosta daqui, eu achei bom porque moro perto do mar, mas daqui eu não gosto”. Débora, que tinha salão de beleza nas outras cidades, não estava trabalhando por não considerar viável financeiramente abrir um negócio. A família pensava em voltar para o Maranhão se a situação não melhorasse num prazo de dois anos.

A família Barcelos foi quem menos estabeleceu redes na cidade de Florianópolis. Sua concentração de redes encontrava-se nos quadrantes família, amigos e comunidade nas suas cidades de origem, e eram mantidos por contato telefônico e internet. Na capital catarinense, o marido e filho tinham vínculos, principalmente no quadrante do trabalho e estudo, e estes não eram compartilhados pela esposa. Débora se sentia frustrada porque não conseguia trabalho na cidade e os únicos contatos que possuía, em Florianópolis, estavam na vizinhança.

Figura 10: Mapa de Redes Família Barcelos



5.1.2.8. Família Cardoso

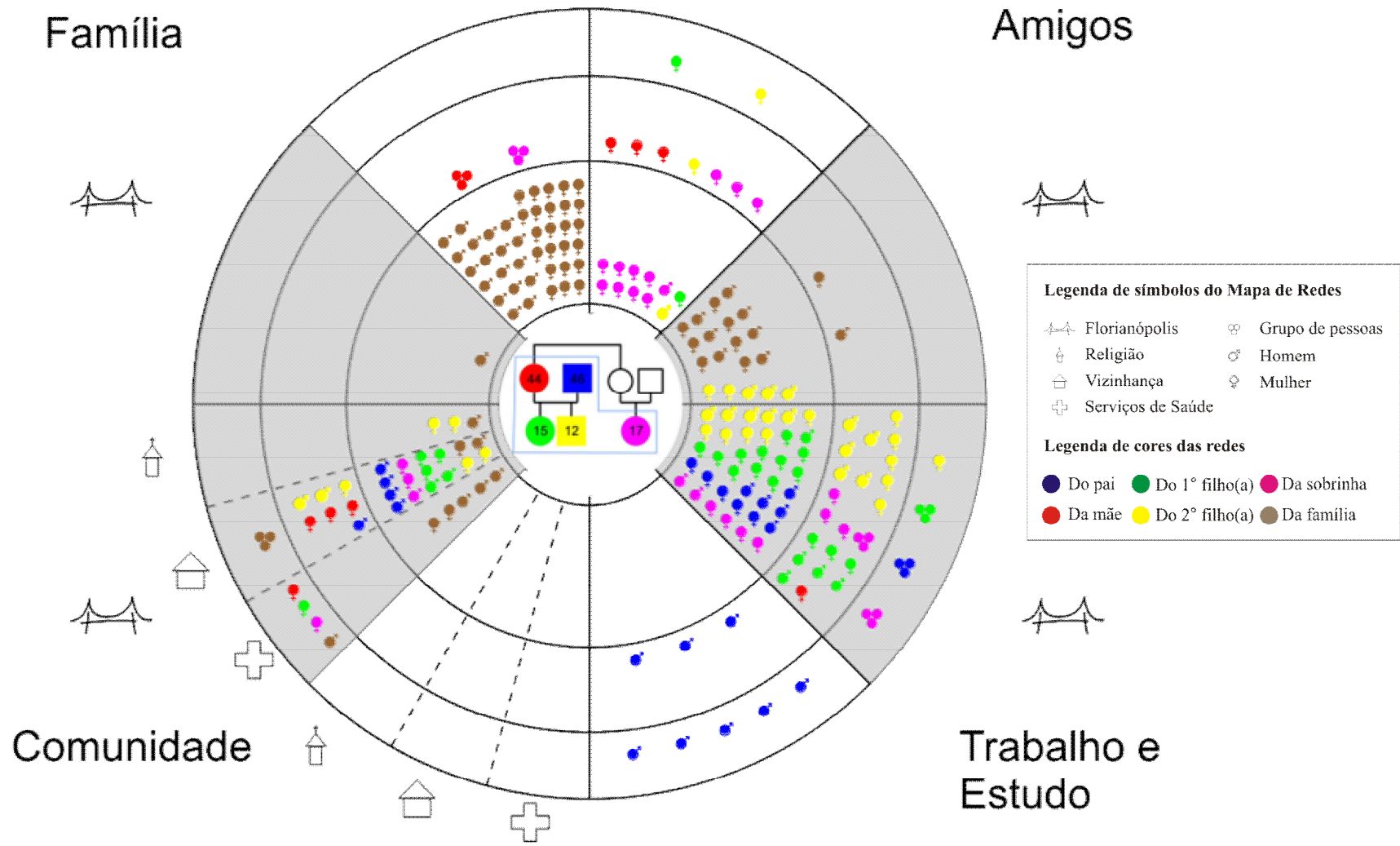
A família de Antônio (46 anos), técnico em manutenção, Silvia (44 anos), dona de casa, Amanda (15 anos), estudante, e Jorge (12 anos), também estudante, saiu de Aracaju para Lages há 10 anos, pois Antônio conseguira um emprego numa Escola Católica por indicação de um padre muito amigo da família.

Após uma reestruturação no colégio, Antônio foi demitido e quis retornar para a cidade natal. Silvia então propôs tentar a vida em Florianópolis e, na data da entrevista, a família já estava há 5 anos na capital catarinense. Vilma (17 anos) veio para a casa dos tios há um ano para estudar. Como não passou no vestibular, pretendia retornar para a Paraíba no final do ano escolar.

A rede da família Cardoso era ampla no primeiro nível em todos os quadrantes do Mapa de Redes. A família ampliada, embora distante geograficamente, foi considerada muito próxima e o contato estimulado por meio de visitas anuais, telefonemas e internet. Por sua vez, os amigos da cidade de origem já estavam mais distantes dos Cardoso, com exceção da sobrinha que estava menos tempo em Florianópolis e pretendia retornar para a Paraíba. No quadrante trabalho e estudo Silvia, por não trabalhar nem estudar, foi quem tinha apenas uma relação de segundo nível, enquanto que os outros membros familiares já haviam formado suas redes. Toda família também tinha, em Florianópolis, vínculos na comunidade, distribuídos entre as áreas da religião, vizinhança e saúde.

A família, em fase adolescente, migrou quando estava na etapa de aquisição. Antônio pensava em retornar no futuro para o nordeste, para na “velhice a gente estar mais próximos dos parentes”, porém Silvia e filhos não queriam mais sair de Florianópolis, o que corrobora o mapa desenhado pela família.

Figura 11: Mapa de Redes Família Cardoso



5.1.2.9. Família Nunes

Luise (47 anos), psicóloga, conheceu Florianópolis no final da década de 70 e se apaixonou pela cidade. Em 1989 retornou com esposo e filhos e todos também gostaram da cidade, porém na época não puderam migrar em função do trabalho do marido.

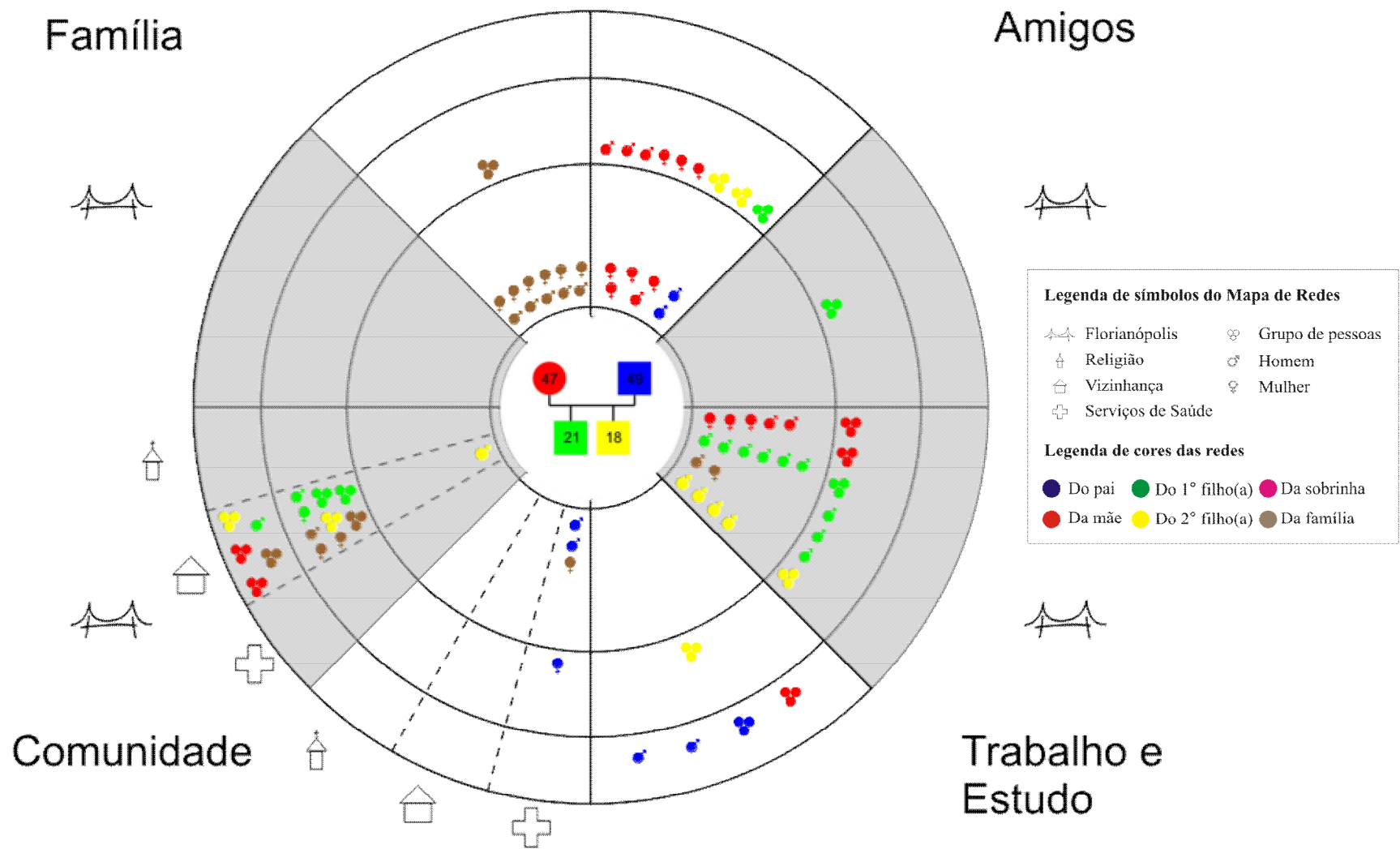
O filho Gustavo (21 anos) veio primeiro, há 3 anos (da data da entrevista), para cursar Engenharia. Nesta época, Gilberto (49 anos) teve uma doença grave e se aposentou. Gilberto, Luise e Renato (18 anos) migraram de Santos para Florianópolis há 1 ano e 8 meses com o objetivo de reunir a família e buscar qualidade de vida⁴. Luise relatou que “o Gustavo entrou [na faculdade], o Renato também tinha planos de vir, aí o Gilberto aposentado e a cidade que eu gostei desde muito tempo e eu disse *vambora*”.

No mapa da família Nunes percebeu-se que, em Florianópolis, as principais redes estabelecidas foram na área de trabalho e estudo por parte da esposa e dos filhos. Na comunidade, a família relatou que começava a estabelecer vínculos, embora apenas Renato relatou possuir uma amizade mais próxima. O relacionamento com a família ampliada manteve-se próximo, apesar da distância geográfica, já que os cultivavam com visitas frequentes e contatos por telefone e internet. Gilberto manteve-se próximo do médico que, segundo ele, salvou sua vida e por isto voltava mensalmente para São Paulo a fim de fazer acompanhamento. Na capital catarinense, Gilberto não conseguiu estabelecer redes por considerar os nativos fechados e pela sua doença dificultar sua saída de casa.

Luise, que trabalhava como psicóloga escolar em Santos, passou a trabalhar como agente imobiliária. A família, em fase madura, pretendia permanecer em Florianópolis, a não ser por Gustavo que não acreditava que a cidade oferecia oportunidades de trabalho na sua área.

⁴ Qualidade de Vida foi definida pela divisão de Saúde Mental da OMS "a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações" (WHOQOL GROUP, 1994).

Figura 12: Mapa de Redes Família Nunes



5.2. Apresentação das categorias, sub-categorias, e elementos de análise

5.2.1. Quadro 1: Sistemas de Categorias que organizam os temas com suas respectivas subcategorias e elementos de análise

Categoria de Análise	Subcategorias	Elementos de Análise
1. Construção do Processo de Migração	1.1. Motivos	Financeiro/trabalho Qualidade de vida Outros: estudo/religião
	1.2. Decisão	Escolha da cidade Projeto de vida familiar Providências Intervenção familiar
	1.3. Expectativas	Sentimentos Migrações anteriores Conhecimento <i>a priori</i> Mídia
2. Adaptação da família migrante	2.1. Moradia	Escolha do lugar
	2.2. Comparação cultural	aspectos geográficos (beleza e clima), estruturais (saneamento básico, comércio, segurança, transporte, opções de lazer), econômicos (custo de vida) e sociais (relacionamentos, ritmo de vida).
	2.3. Preconceitos	Sotaque/Bairrismo
	2.4. Reavaliação Projeto de vida familiar	Estudo Trabalho/Questões de gênero
	2.5. Biculturalismo	
3. Transfiguração do mapa de redes significativas	3.1. Quebra da rede de origem	Família Amigos Comunidade Trabalho/Estudo Rede Virtual
	3.2 Reconstrução de redes no contexto migrante	Novas redes Aproximação de outras famílias migrantes
	3.3 Suporte social	Sócio-comunitárias
4. Migração Familiar e ciclo vital	4.1 Fase do ciclo	Aquisição Adolescente Madura
	4.2 Configuração familiar	Estrutura Dinâmica (funções familiares/papéis) Valores
	4.3 Fronteiras dos sistemas e subsistemas	
5. Metáforas		

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao iniciar a análise e discussão dos resultados desta pesquisa, cabe trazer à tona num primeiro momento, os pressupostos epistemológicos nos quais se ancorou a compreensão dos dados e por consequência a sua análise. A perspectiva da complexidade e intersubjetividade foram os eixos principais sobre os quais foram construídas as categorias, as quais tentaram capturar e integrar os diferentes aspectos presentes no processo de mudança a que as famílias participantes estiveram expostas quando da escolha pela migração. Neste sentido, a perspectiva da complexidade (Morin, 1996; Vasconcellos, 2002) permitiu a leitura da diversidade de aspectos que se caracterizavam pela sua recursividade, na medida em que a análise de um estava necessariamente implicada nos outros.

Os resultados enunciaram a configuração familiar e a rede social das famílias migrantes que foram mapeadas pelo Mapa de Redes, que por sua vez foi co-construído com as famílias. As narrativas eram recortadas e agrupadas aos dados obtidos nos Mapas de Redes, que, à luz do aporte teórico desta pesquisa, formaram as categorias que nomearam as peculiaridades de todo processo, apresentadas seguindo a ordem do quadro 1.

6.1. Construção do processo de migração

De acordo com o conceito adotado nesta pesquisa no qual migração é um processo dinâmico e complexo (Moré e Queiroz, 2007), entende-se que esta se inicia antes da mudança propriamente dita. Assim, esta categoria abarcou a etapa preparatória para a migração, na qual tanto os movimentos familiares de ordem prática, em termos de organização, como a dimensão psicológica, que contempla os sentimentos e expectativas

dos envolvidos, interferiram na adaptação da família ao longo de todo o processo migratório (Sluzki, 1980; Tizón, 1993; Calvo, 2006).

As famílias estudadas migraram a fim de concretizar um projeto migratório. No processo de decisão da migração, elas precisaram escolher para qual cidade partir, quais providências deviam ser tomadas, bem como ver se a migração vinha ao encontro do projeto de vida familiar e não apenas de um de seus membros. Os entrevistados relataram que, nesse momento, sofreram influência da rede social, principalmente da família extensa, que apoiava ou boicotava a migração.

6.1.1. Motivos

Nesta sub-categoria foram elencadas as razões que levaram a família ao processo de migração. Oportunidades de trabalho e crescimento financeiro apareceram como os principais agentes motivadores, mas a busca de qualidade de vida, estudo e religião também foram apontados pelas famílias pesquisadas.

A oportunidade de **trabalho** do marido e um bom **retorno financeiro** foram citados por seis famílias como o principal motivo da migração. Embora estes dois aspectos estejam intimamente relacionados, tendo em vista que o retorno financeiro advém do emprego, as famílias que alegaram que estavam desempregadas na cidade de origem enfatizaram que vieram pelo trabalho e a mudança foi uma questão de necessidade e não de opção, como exemplificado no relato abaixo:

Por causa do meu trabalho, né? (...) Fácil não é, mas é uma necessidade. Eu também não poderia ficar lá sem emprego (Família Barcelos).

A família Cardoso migrou sem ter um emprego garantido na cidade. Neste caso quem estimulou a vinda para Florianópolis foi a esposa, pois acreditava que, por ser

capital, a cidade oferecia mais possibilidades de emprego e porque gostava muito da cidade e queria vir na tentativa de “*unir o útil ao agradável*”.

Foi quando ele ficou desempregado, aí fizeram uma proposta pra ele vir pra cá. Ele veio pra cá pra Florianópolis atrás de emprego, foi uma luta grande porque emprego, como se sabe, não é fácil... (Família Cardoso).

A ênfase no aspecto **financeiro** ocorreu nas famílias que eram empregadas na cidade de origem e migraram em função de uma maior remuneração e *status* social. Em todas as famílias pesquisadas a oportunidade de trabalho era do marido, como mostram os depoimentos que seguem:

Na verdade foi para assumir uma supervisão aqui no Estado de Santa Catarina, com sede aqui em Florianópolis. Como era uma situação de ganho financeiro a gente veio (Família Santos).

Foi uma decisão de trabalho (...) eu tô aqui pela questão de trabalho. Porque eu não vou te dizer que eu não tenho um bom trabalho, que eu não tenho um bom salário, porque se eu te dissesse isso, seria mentira. Então eu tô aqui em função disso... (Família Souza).

A predominância dos aspectos profissionais e financeiros na motivação para a migração entre os participantes desta pesquisa coaduna-se às afirmações de Koremblum (2003) no sentido de que a maior parte das famílias muda de cidade em função de um de seus integrantes, normalmente o pai, ter boa oportunidade profissional, trazendo principalmente melhora no aspecto econômico e pessoal, já que com sua transferência vai obter novos desafios e *status* profissionais.

Por sua vez, a **qualidade de vida** foi apontada pela família Nunes como o principal agente motivador para a migração. Nesta família, em fase madura, o marido já estava aposentado, possibilitando que agora fosse possível concretizar o sonho da esposa de morar em Florianópolis. Embora tenha priorizado a qualidade de vida, Luise também incluiu o aspecto financeiro e o estudo dos filhos na motivação:

Tinha uma qualidade de vida boa, se fosse uma cidade pior, com certeza a gente não viria. Mas como era uma cidade melhor e uma qualidade de vida melhor, e eles teriam uma logística melhor, né? Então juntou tudo e viemos embora (Família Nunes).

O fato de esta família ter migrado com esta motivação vai ao encontro da pesquisa de Cervený e Oliveira (2002) que categoriza a busca da qualidade de vida nas famílias em fase madura como uma preocupação em cuidar da saúde, encontrar tranquilidade e curtir a vida.

Nesta fase do ciclo vital, na qual os filhos se tornam independentes, o filho mais velho, que migrou antes dos pais e irmão, justificou que ele veio em função dos estudos, e, segundo o pai, não influenciado por eles:

“gozado é que (...) nós não influenciemos, não falamos assim ‘ó, a melhor faculdade que tem é em Florianópolis’ (...), parece bobagem assim (...), mas ela é encantada pela cidade, ele também criou uma magia pela cidade. Eu também vim por causa deles. E ele, esse aí [o caçula] veio de reboque” (Família Nunes).

Outras famílias citaram a qualidade de vida melhor apenas como um atrativo, mas não como a razão principal da mudança residencial. A família Freitas, por exemplo, alegou o clima ameno e as belezas de Florianópolis como incentivadores da mudança, embora o real motivo fosse o **estudo** do marido. A migração, neste caso, implicou uma perda financeira momentânea, pois a mulher deixou o emprego em virtude da mudança por optar em ficar com o filho pequeno.

A família Monteiro também não teve retorno financeiro e tampouco veio por razão de trabalho, qualidade de vida ou estudo. A religião e a vontade de contribuir em projetos sociais de sua Igreja foi o que trouxe esta família para Florianópolis, ou seja, a motivação foram os valores familiares, como se verifica no seguinte relato:

Por uma vontade de vir ajudar o trabalho da Igreja aqui, esse foi o principal motivo da nossa mudança para cá, de vir desenvolver outros projetos aqui. (...) A gente não tem remuneração alguma, a gente tem outros meios de vida, mas a gente veio por esse propósito principal que era a questão de trabalhar na Igreja (Família Monteiro).

Os motivos foram os pontos de partida que deram início ao processo de migração nas famílias pesquisadas. Neste trabalho eles foram considerados elementos transversais, tendo em vista que sustentaram todo o projeto migratório e atuaram como agentes estressores ou facilitadores do estabelecimento das famílias na cidade de destino e, portanto, constituem aspecto que deve ser levado em consideração quando ocorrem intervenções com migrantes (Moré e Queiroz, 2007).

6.1.2. Decisão

Quando as famílias estavam diante de razões para deixarem as cidades nas quais viviam, iniciou-se o processo de decisão da migração que já implicava um movimento familiar em direção ao novo, que, segundo Moré e Queiroz (2007), gera transformações nas relações familiares.

Os participantes desta pesquisa relataram que eles precisaram decidir para qual cidade partir, ver se a mudança ia ao encontro do projeto de vida familiar e com isto abdicarem de vínculos laborais e afetivos. A partir de então iniciaram os preparativos necessários para que pudessem migrar. No processo decisório eles buscaram a opinião de familiares e amigos, o que, conforme Prado (2006), pode tanto auxiliar na decisão da mudança ou bloquear e criar um estado de tensão na decisão pela migração.

As famílias Souza e Marques, que migraram por motivos profissionais e financeiros, relataram que não fizeram a **escolha da cidade**, mas que isso se deveu à

empresa que contratou e ofereceu a vaga de trabalho em Florianópolis, e portanto foi sentido por elas como uma imposição, o que está retratado nos depoimentos abaixo:

A escolha foi pela empresa (...) ou era aqui ou era em lugar nenhum, (Família Souza).

Porque o local que eu fui convidado foi pra vir pra aqui. Realmente não tinha assim, uma escolha. Foi me dado um local, ó, é lá pra Florianópolis e não tinha coisa de escolha (Família Marques).

Em outra direção, a família Monteiro, que migrou por motivo religioso, afirmou que a escolha da cidade foi em função de seguir a vocação e a vontade de Deus:

Na verdade, na verdade mesmo, o principal motivo não foi tanto a questão da cidade, mas foi a questão do trabalho aqui, da Igreja daqui, que era algo que Deus direcionou para nós e nós aceitamos e viemos (Família Monteiro).

Dentre as famílias pesquisadas quatro optaram diretamente pela cidade de Florianópolis para morar. Na família Freitas, que migrou em função dos estudos, o esposo passou no mestrado em duas faculdades em diferentes locais e preferiu a de Florianópolis “por proximidade com a cidade de origem”. A família Silva elegeu a capital de Santa Catarina por ser a cidade natal do marido e “aqui tu já não precisas ter muito dinheiro pra viver”. A família Cardoso decidiu por acreditar que, sendo a capital, haveria mais empregabilidade, e a família Nunes escolheu a capital catarinense porque era a “cidade dos sonhos” da esposa.

Estas quatro famílias, que de fato escolheram a cidade, foram as que não tinham previsão de sair de Florianópolis e que estavam construindo o projeto de futuro familiar na cidade. Apenas a família Freitas falou que retornaria para a cidade natal, tendo em vista que o marido havia passado em um concurso público e eles procuravam a estabilidade financeira, porém não descartavam retornar para Florianópolis no futuro.

Verificou-se ainda que as famílias que puderam escolher para qual cidade migrar foram as que tiveram mais facilidade de adaptação em Florianópolis, corroborando o dizer de Falicov (2001) de que a migração forçada dificulta a aceitação da mesma, já que a família sente mais dificuldade em saber se a migração corresponde ao **projeto de vida familiar**.

As migrações, por serem transições não-normativas, não são esperadas e resultam numa reorganização qualitativa, tanto a nível psicológico quanto comportamental (Bronfenbrenner, 1979/1996; Cowan, 1991). Neste processo as famílias desta pesquisa precisaram avaliar o projeto de vida familiar e verificar se queriam migrar ou não, se na cidade de destino teria emprego e estudo para todos os seus componentes, se era necessário pedir demissão ou se aposentar, se queriam ou não ter filhos nos próximos anos, enfim, ponderaram se a migração era viável para então construírem um projeto migratório.

A família Nunes relatou que para a migração convergiu a aposentadoria do marido, a possibilidade dos estudos dos filhos em uma universidade pública e o sonho da esposa de morar na capital catarinense, fazendo com que a família nuclear pudesse, dentro do projeto de vida, permanecer unida.

Nas famílias Santos, Freitas e Souza, a migração foi o que possibilitou a formação da família em si. Na primeira porque o casal morava em cidades diferentes e ela precisou migrar para poderem casar; na segunda porque ela engravidou e acompanhou o marido nos estudos, e na terceira quando o marido encontrou um emprego fixo, possibilitando que a família ficasse reunida, como exemplifica o depoimento abaixo:

Eu trabalhei algum tempo com implantação e, o que é que acontece: cada dia você está num lugar. (...) Quando você é solteiro, é até divertido, você está em vários lugares, conhecendo várias coisas diferentes, etc. Mas a partir do momento que você tem uma família, principalmente filhos, é uma coisa mais complicada. Então foi isso que fez a

família migrar (...) Aí eu pude trazer a minha família e estar aqui com eles (Família Souza).

A família Monteiro, diferentemente, tinha o projeto de vida familiar baseado na religião, “*focado com vidas (...), em um projeto de assistência social, um trabalho com dependentes químicos*”. Para eles o projeto foi elaborado por Deus e apenas seguido por eles.

Os principais **preparativos** relatados pelas famílias eram relacionados com o estudo e o trabalho. Em oito famílias as esposas abandonaram o trabalho ou o estudo em razão da migração, aspecto que será discutido mais detalhadamente na categoria 2.4, que abrangeu a reorganização do projeto familiar e as questões de gênero. Neste momento vale ressaltar que elas precisaram lidar com burocracias de demissão e trancamento de colégio ou faculdade.

As famílias que fizeram uma boa preparação evitaram desgastes na cidade de destino. A família Freitas fez inclusive um planejamento financeiro, tendo em vista que esposa não poderia trabalhar já que estava grávida e não acreditava que conseguiria emprego na cidade-destino nestas condições.

A decisão do que fariam com o imóvel na cidade de origem também foi bastante citada pelas famílias entrevistadas. As que tinham imóvel próprio alugaram para garantir uma renda extra. A família Nunes foi a única que vendeu o imóvel para adquirir outro na cidade de Florianópolis.

Assim que nós tomamos a decisão, em um ano, nós botamos o apartamento lá pra vender... vendemos a casa eu acho que em cinco, seis meses e viemos embora. Nós tivemos dez dias pra chegar aqui, comprar uma casa (...). Com vinte e cinco dias a gente tava mudando pra cá, com cachorro e tudo (Família Nunes).

A família Marques, que entre a decisão e a mudança levou apenas duas semanas, não teve muito tempo para preparativos – “*deu até a viagem realmente assim, deu uma*

base de umas duas semanas. Uma semana até a decisão, depois só marcar passagem, tudo foi bem rápido” (Família Marques).

A falta de preparação para a migração, conforme Falicov (2001), é um fator de risco para as famílias migrantes, pois ao organizarem os aspectos práticos para a mudança a família vai assimilando a idéia e tem tempo para uma pré-análise dos ganhos e a perdas que ocorrerão no processo, tal como relatou a esposa da família Souza, que concluiu que pedir demissão do emprego era “*uma decisão difícil, mas que valeria a pena*”.

Durante o processo de migração, foi verificada **a influência da família extensa** e amigos dos entrevistados, que apoiaram ou boicotaram o projeto migratório. A decisão foi da família nuclear, porém várias pessoas “palpitaram” nesta decisão, até porque, como afirma Calvo (2006), também foram afetadas por ela.

Dentre as famílias quatro afirmaram que seus parentes apoiaram a migração, e consideraram que isto contribuiu na adaptação em Florianópolis, pois se sentiam mais tranquilas com a decisão, o que confirma a pesquisa de Prado (2006), que reconheceu que o apoio familiar pode afetar significativamente a maneira como a família vivenciará seu processo migratório.

A migração familiar, que promove o afastamento da rede da família ampliada, quando conjugada com a transição para a parentalidade – que segundo estudo de Wendt (2006) pode contribuir para a aproximação com a família de origem (principalmente os avós) –, faz com que se acentuem os sentimentos de culpa por privar os filhos da convivência com os avôs. O casal da família Freitas relatou que, em razão da migração ocorrer junto com a gravidez, utilizou uma estratégia para diminuir o impacto e assim receber o apoio da família:

A gente contou primeiro que vinha pra cá e depois que ela tava grávida, né? Acho que foi isso... pra não impactar muito “Ah, tá grávida e daí vai pra lá e, tudo mais” (...). O

impacto seria muito grande. Principalmente pra minha mãe. As outras até nem tanto, mas pra minha mãe seria difícil. Aí ela até que aceitou bem... (Família Freitas).

Por sua vez, o boicote (atitude declarada ou não contra a migração) por parte da família extensa foi citado por três famílias participantes. A distância foi a principal reclamação dos que não migraram.

A família sim sempre tenta reverter a situação “poxa, vocês vão pra longe e vai ficar todo mundo aqui, vai ficar difícil de se ver”... aquela questão da saudade, da preocupação também, porque a gente tem criança pequena... Enfim, não é mudar de bairro, é mudar de Estado e tudo... um pouquinho distante... e no começo houve um pouquinho de resistência, mas agora todo mundo já se acostumou (Família Monteiro).

A família Silva foi a que apresentou a maior oposição à migração e afirmou que até hoje a família extensa continua pressionando para eles retornarem, como mostra o seguinte depoimento:

“da parte dele e da minha parte, ninguém gostou que a gente veio. Pela distância. (...) Ninguém achou ‘ah, que legal, vai que é uma oportunidade boa (...) fica todo mundo agora... ‘tu não tá entrando em contato assim com teus contatos pra conseguir alguma transferência, ou entrar em outra empresa aqui’ (...) falam até de ele deixar, pedir demissão, para a gente voltar. Aí vai voltar agora e vai ficar desempregado, vai ficar procurando emprego. ‘Ah, não tem problema, se vira por aqui’, não sei o que... Aí agora, ‘ah, vai ter neném’, aí vai voltar com dois filhos, desempregado? “Não, mas a gente dá um jeito”. Tem muito isso, né?” (Família Silva).

Confirmando o estudo de Prado (2006) que apontou que o boicote da família influi negativamente na nova empreitada, dificultando a adaptação no seu destino, esta família disse que não estava adaptada à cidade e planejava migrar novamente para uma cidade mais próxima dos familiares, e que só estava aguardando o nascimento do filho.

Nos resultados desta pesquisa observou-se que todas as famílias em fase de aquisição anunciaram que a posição da família, tanto de apoio como de boicote,

influenciou significativamente na decisão e na adaptação na cidade de destino. As duas famílias em fase adolescente não manifestaram o posicionamento da família ampliada, até porque, como já haviam migrado anteriormente, já estavam mais afastados da família extensa e a atual migração não afetou o relacionamento com os parentes. A família em fase madura declarou que conversou com os pais, até porque são idosos, mas estes não interferiram na decisão de migração.

6.1.3 Expectativas

O projeto migratório das famílias estudadas foi construído com base nas **expectativas** dos migrantes, numa junção de sentimentos e experiências anteriores com migração e com a cidade de destino (pessoais e divulgadas pela mídia). Para conseguirem deixar sua cidade natal, o movimento familiar foi de idealização e fantasias sobre a migração, dos ganhos que elas teriam: financeiros, profissionais, familiares e de qualidade de vida na nova cidade. Ocorre que estas expectativas foram quebradas e as famílias se frustraram ao chegar e não encontrar o que esperavam (Calvo, 2006).

Mesmo antes da mudança residencial, surgiram nas famílias **sentimentos ambivalentes** relativos à migração, tanto na nuclear que migrou como na que ficou. Nesta pesquisa os entrevistados relataram que o principal sentimento demonstrado pela família extensa era o de *preocupação*, como relatou a esposa da família Santos que os familiares “*ficaram preocupados pela responsabilidade de vir*”.

O sentimento de preocupação também apareceu nas famílias migrantes. Citou-se como exemplo relato da mãe da família Nunes, que se preocupou com o filho adolescente que perderia a rede de amigos, enquanto o mais velho, por já ter migrado antes já tinha uma rede em Florianópolis, bem como com os pais idosos, que ficaram na cidade de origem.

Em outra direção, a família Cardoso, que veio desempregada, apresentou sentimentos de preocupação e *fé*, que estavam diretamente relacionados a conseguir emprego e se estabelecer na cidade de Florianópolis:

A principio como a gente veio com muita dificuldade, a expectativa era, meu Deus do céu, Deus queira que lá seja melhor, que a gente consiga sobreviver lá, até porque Florianópolis é uma cidade cara de se viver, e a expectativa era essa, pedindo a Deus que desse certo, né? (Família Cardoso)

A ambivalência nos sentimentos, de *sofrimento* por deixar a rede social e de *esperança* de melhora econômica, oportunidades educacionais e sociais, também apareceu nesta pesquisa, conforme discurso da esposa da família Silva:

Agora eu, tipo assim, eu vim porque eu amo ele [o marido], eu quis vir pra cá com ele, mas tipo assim, se fosse pra eu escolher, se lá fosse bom o salário eu tinha ficado lá, porque eu nasci lá, sabe? Lá é muito bom (...) Claro, eu chorei um monte, né, porque, é difícil... é muito difícil. Mas, assim, seja o que Deus quiser. Eu vou ter que me acostumar (Família Silva).

Nesta pesquisa as **experiências anteriores com migrações** [o que consoa com a literatura de Calvo (2006)] também interferiram no processo de aceitação e adaptação das famílias na cidade de destino. As experiências anteriores, quando positivas, ajudavam o migrante a fazer projetos menos idealizados e fantasiosos e assim também menos frustrantes.

Nas famílias entrevistadas apenas as duas que estavam em fase adolescente já haviam realizado outras migrações em conjunto. Nas famílias em fase de aquisição as migrações ocorreram por apenas um dos cônjuges antes do casamento, por razão de estudo ou trabalho.

O **conhecimento a priori da cidade de destino** também sustentou o processo de migração, gerando muita expectativa para os migrantes.

Florianópolis possui características geográficas e sócio-econômicas que são um diferencial em termos urbanos das outras cidades. Por ser turística, das nove famílias pesquisadas, em seis pelo menos um de seus integrantes já havia vindo visitar a cidade, embora tenha afirmado que o conhecimento era superficial, como apontam os depoimentos abaixo:

Nós dois já conhecíamos, mas só pra passeio (Família Barcelos).

Não conhecia tão bem a ilha. Já conhecia mais Bombinhas, Itapema. A ilha em si não conhecia muito bem não. Praticamente nada (Família Santos).

Conhecíamos como turistas e normalmente acessando a beira-mar norte e indo pro norte da ilha, como a maioria dos turistas. Eu não conhecia nome de bairro, não conhecia o sul, nem a universidade eu conhecia... (Família Freitas).

Quando nós tínhamos um feriado, por exemplo, como quinta feira, que era feriado prolongado, a gente sempre vinha pra aqui pra Florianópolis. A gente vinha pras praias (Família Cardoso).

A família Nunes também conhecia Florianópolis por turismo e, como desde a primeira vez a esposa se declarou apaixonada pela cidade, eles relataram que a foram visitando para ver se todos gostavam dela antes da migração, o que provavelmente facilitou o processo de adaptação, já que conheciam o local para onde estavam migrando:

Olha, muito tempo atrás eu vim pra cá (...) e na época era só mar que tinha em volta e aí eu me apaixonei pela cidade. A gente já namorava na época, e então, eu falei: 'meu Deus, como eu adoraria ir morar lá', (...) e assim os poucos dias que a gente ficou aqui, cheguei a olhar umas casinhas que tinham próximas. (...) Mas aí o destino não quis. Nós retornamos aqui a passeio, em 1998, 99, aí os meninos também gostaram muito daqui. Nessa época que nós ficamos aqui, nós rodamos, só aqui dentro, quase mil e seiscentos quilômetros, quer dizer, que nós rodamos dentro da cidade, fomos de ponta a ponta. Aí ele [marido] viu, gostou e eu também já vi que ele ia gostar. Depois a gente veio várias vezes por causa dele [filho que migrou antes em função da faculdade] (Família Nunes).

Na família Monteiro a esposa tinha vindo à capital catarinense fazer turismo e o marido já havia morado na cidade quando era solteiro. A experiência foi relatada como positiva, tendo favorecido a adaptação familiar:

Ele já tinha morado aqui um tempo, já conhecia e já tinha gostado da cidade. E eu já tinha viajado para cá algumas vezes e já conhecia **(Família Monteiro)**.

No caso da família Souza, apenas o marido conhecia a cidade por razões profissionais, mas não por turismo, e alegou que seu conhecimento foi restrito:

“conhecia de estar aqui, saber onde fica no mapa, digamos assim, mas conhecer mesmo a cidade, onde se morar, e etc. ate mesmo o convívio com as pessoas, isso a gente passou até um pouco mais depois que a Tatiana e o Carlos vieram” **(Família Souza)**.

A situação da família Silva se diferenciou das demais porquanto o marido era nascido em Florianópolis e possuía toda uma rede na cidade, mas havia migrado para a cidade da esposa e retornou para a capital após três anos. Ele relatou que, embora tivesse a rede em Florianópolis, sentiu um estranhamento, pois quando retornou muita coisa estava diferente. A afirmação condiz com a literatura de Calvo (2006), que assevera que o retorno para cidade natal é sentido como uma nova migração, considerando que no período em que as pessoas ficam ausentes ocorrem mudanças tanto no indivíduo como na cidade. A esposa de Ricardo, por sua vez, relatou uma experiência de migração para Florianópolis que considerou traumática e o que a fez dizer que não retornaria mais para a cidade:

Porque eu já morei aqui uma vez, em 91. Eu vim trabalhar na casa de uma pessoa. Só porque eu vim pensando numa coisa e foi totalmente diferente. Aí foi onde eu fiquei desesperada, né? Fiquei desesperada, meu Deus do céu. (...) Daí eu ainda disse: “Praquela cidade eu não volto mais!” **(Família Silva)**.

A família Marques foi a única em que nenhum dos integrantes conhecia a capital catarinense e, conforme a esposa, eles vieram “*sem noção de nada*”, até porque desde a decisão até a viagem eles levaram apenas duas semanas, prejudicando a fase de preparativos, o que Falicov (2001) classifica como um fator de risco para a migração.

Florianópolis cada vez mais aparece na mídia como uma cidade com excelente qualidade de vida, com muitas praias, atraindo turistas de todas as partes do país. A **mídia** também ajudou a construir grandes expectativas nas famílias pesquisadas de que Florianópolis era uma “*cidade de primeiro mundo*”, como falou a esposa dos Souza. Com todas estas expectativas, quando a família chega e não encontra o que espera, há uma decepção que dificulta a adaptação da família (Calvo, 2006).

As famílias relataram que Florianópolis é transmitida na mídia com “*todo aquele ‘glamour’, que a gente pensa ‘nossa é verão’*”, como definiu a esposa da família Santos. Ela mencionou que já tinham lido que a cidade era linda e, neste aspecto ela concordou com a descrição que teve da cidade. Por sua vez, o marido da família Barcelos disse que achava exagerada a propaganda da cidade, como mostra o relato abaixo:

“o povo daqui faz muita propaganda pra pouca coisa. É exagerado. Porque em termos de beleza, isso aqui é tudo praia nativa. (...) Com exceção de umas duas praias, beleza natural não tem. Agora o que tem muito aqui, e que se investe muito e é o que se vende, é a imagem. Você faz uma fotografia e vende essa fotografia, trabalha ela na televisão e na mídia e vende bem. O pessoal daqui vende bem a imagem de Florianópolis. Muito bem vendida” (Família Barcelos).

Por sua vez, a família Cardoso destacou que via muita propaganda negativa na televisão, de acidentes e problemas policiais, mas considerava que para a população de Florianópolis a violência “*ainda não chega a ser uma coisa pra você se assustar. Claro que aos poucos a coisa tá tomando uma proporção, mas não vai chegar a mais do que isso não*”.

6.2. Adaptação da família migrante

Esta categoria alude à etapa de assentamento e o período de adaptação e integração com a nova cultura (Sluzki, 1980; Tizón, 1993; Calvo, 2006). As famílias pesquisadas foram atrás de moradia, trabalho e estudo, e iniciaram o processo de desconstrução das fantasias e idealizações e, quando não encontraram o que esperavam, sentiram-se excluídas, citando principalmente “bairrismos” e preconceitos com o sotaque, atestando o que disse Calvo (2006) sobre tais fatos dificultarem a aceitação da nova situação.

As expectativas foram ressignificadas à luz do viver cotidiano na cidade e as comparações culturais eram inevitáveis neste processo de constante avaliação de ganhos e perdas, influenciando o processo de adaptação das famílias. As vivências e os sentimentos despertados eram quase sempre ambivalentes e, mesmo as que estavam bem adaptadas permaneciam com o dilema do migrante (Falicov, 2001). Em algumas famílias já apareceram alguns sinais do biculturalismo, visto que conseguiam fazer a junção da cultura de origem com a nova (Moré e Queiroz, 2007).

6.2.1. Moradia

A escolha do lugar de moradia foi a primeira providência que as famílias precisaram tomar quando chegaram a Florianópolis. Em duas famílias o esposo veio para providenciar a moradia antes que a esposa viesse com os filhos. Um fator que interferiu diretamente na opção das famílias pela moradia foi o conhecimento *a priori* da cidade, que na sua maioria era em virtude de turismo e segundo eles superficial, e também a falta de referências, geográficas e sócio-econômicas da cidade, como de pessoas que auxiliassem neste processo:

Ó, pra você ter uma idéia, (...) entre a primeira vez que nós viemos aqui, dentro da ilha, e a segunda, pra locar imóvel, nós perdemos pelo menos sete dias, assim, somando o tempo, e andamos em torno de uns quinhentos quilômetros, dentro da ilha, até achar aí tudo mais, por não saber. (...) Então foi por acaso que a gente veio morar aqui (Família Freitas).

As famílias relataram que não tinham muita noção de distância e trânsito da cidade, o que dificultou muito a decisão de onde morar. Reclamaram principalmente das burocracias de aluguel (fiadores, cheque calção). O que os fez escolher morar nas praias foi que nestes bairros as exigências de papeladas para aluguel eram menores, e também porque esta opção ia ao encontro das expectativas de que viver em Florianópolis é viver na praia. Ocorre que, passado o período de assentamento, decidiram mudar de bairro, pois as famílias não se adaptaram, como mostram os testemunhos que seguem:

Nós nos mudamos primeiro local para os Ingleses (...) e lá ficamos por quatro meses. Porque quando a gente chegou aqui teve também a dificuldade de alugar porque eles querem dois fiadores do local. (...) Ele vir trabalhar aqui e também viajando e tendo todo o dia ter que ir lá pros Ingleses, onera, pois o carro não é a gás. E a gente veio de fora e não conhece ninguém. (...) O principal problema foi a locação, de início. E burocracia. Eles querem dois fiadores, se fosse um ainda seria difícil, imagine dois (Família Santos).

Quando eles vieram, eu já tinha olhado lugar para morar, já tinha uma casa alugada, etc, etc. só que é aquela coisa, como tudo é as pressas, tudo é na correria, e você não conhece bem o lugar, então você nunca sabe onde é um bom lugar para se mora e, onde não é um bom lugar para se morar... Aí eu estava morando inicialmente em Canasvieiras, que eles adoram Canasvieiras, mas na temporada não me agrada, porque fica muito cheio (Família Souza).

As famílias com mais referências na cidade tiveram mais facilidade de escolher o local de moradia. A referência da família Monteiro era a Igreja a qual pertencia, portanto escolheram uma casa nas proximidades. A família Nunes tinha um conhecimento mais profundo da cidade; já haviam vindo para Florianópolis várias vezes (tendo inclusive

percorrido toda a cidade em uma oportunidade), o filho já morava aqui em razão da faculdade e a opção era de compra e não de aluguel. Esta família que veio de Santos ficou inclusive satisfeita com a casa, que era maior do que aquela em que eles moravam lá, além de ser num bairro sossegado e sem barulho.

A família Silva também não teve dificuldades na escolha da moradia, pois o esposo era nascido em Florianópolis, tendo um amplo conhecimento da cidade e uma rede de apoio formada. Este foi inclusive um fator que ajudou na adaptação da família porque inclusive puderam viver numa casa no mesmo terreno dos pais dele sem pagar aluguel.

Por sua vez, a família Cardoso reclamou que se mudou para uma casa menor e com isto precisou se desfazer de muitas coisas, abaixando o padrão de vida, fato que dificultou a aceitação da nova situação. Como enunciou Calvo (2006), quando, ao chegar, as condições de vida são mais difíceis do que se imaginava e a família não encontra trabalho e moradia adequados, resta prejudicado o processo de adaptação, pois a família precisa lidar também com o luto do seu nível social.

Assim sendo, nesta pesquisa verificou-se que no período de assentamento (Sluzki, 1980; Tizón, 1993; Calvo, 2006) o conhecimento da cidade (geográfico, trânsito, sócio-econômico) e uma rede de relacionamentos configuraram-se em fatores facilitadores da adaptação da família na cidade de destino.

6.2.2. Comparação cultural

Neste item será apresentada a comparação cultural, que ficou evidente no processo de adaptação das famílias e revelou o impacto que sofreram com a migração. Os aspectos desta subcategoria foram diretamente relacionados à cidade de destino, Florianópolis, que possui características que ajudavam ou dificultavam a adaptação das famílias pesquisadas. Cabe ressaltar que elas comparavam Florianópolis com suas cidades de origem ou outras

idades conhecidas, de forma que alguns pontos que eram considerados positivos para umas famílias se tornavam negativos para outras. Este item está também relacionado com as expectativas que as famílias tinham da cidade e da migração e que já foram expostos na primeira categoria. Na narrativa das famílias estudadas apareceram principalmente os aspectos geográficos (beleza e clima), estruturais (saneamento básico, comércio, segurança, transporte, opções de lazer), econômicos (custo de vida) e sociais (relacionamentos, ritmo de vida).

Florianópolis foi considerada por oito famílias uma cidade bonita, com destaque para as belas praias e paisagem urbana em comparação com suas cidades de origem, conforme relatos abaixo:

Em relação à cidade, eu particularmente gosto mais, porque é uma cidade, como eu já tinha comentado com você, é uma cidade menos poluída, tem belezas naturais mais exuberantes do que Curitiba, digamos assim... (Família Freitas).

Praia pra todos os lados, né? Mineiro gosta pouco de praia... (Família Souza).

Para estas famílias os **aspectos geográficos** eram fatores que favoreciam a aceitação e adaptação na cidade. A esposa da família Silva, apesar de gostar da cidade, reclamou que sentia falta do cheiro de sítio da cidade natal, fato que segundo Calvo (2006) está relacionado ao luto pela terra natal. A família Barcelos, por sua vez, foi a única que avaliou negativamente a capital catarinense neste quesito, como aparece no relato que segue:

Agora a gente que conhece lá, é do nordeste a gente conhece aquelas praias todas que são lindas até o Rio de Janeiro vindo pelo litoral a gente conhece tudo aquilo ali, não dá nem pra comparar. Não tem comparação isso aqui com as praias mais simples de lá... (Família Barcelos).

A família Barcelos relatou que não estava adaptada na cidade, que não a havia escolhido e pretendia deixá-la quando possível, e esta impressão se coaduna com Calvo

(2006) quando afirma que, se a pessoa não quer estar num lugar, ela enfatiza os seus aspectos negativos, sentindo o ambiente como asfixiante.

A comparação com a cidade de origem ficou proeminente quando a família curitibana e a que veio de Lages consideraram o **clima** da cidade mais ameno, enquanto que as nordestinas e a paulistana reclamaram do frio de Florianópolis. A influência negativa do frio na adaptação ocorreu em virtude destas famílias se sentirem presas em casa por conta do clima, o que dificultou a sua socialização.

As famílias pesquisadas também reclamaram que as pessoas em Florianópolis são muito frias, fechadas e pouco receptivas para quem vem de fora, sendo difícil estabelecer vínculos e redes de **relacionamentos** com os cidadãos florianopolitanos. Segundo sete das nove famílias pesquisadas, existe um afastamento entre a população e quem é de fora:

*Tem uma certa distância de quem é de fora, não digo nem pra gente que vem bem de fora mesmo, né, até de pessoas aqui do lado que é do Rio Grande do Sul, eu noto que tem um certo... um afastamento mesmo, não querem realmente aquela convivência. (...) A cultura daqui é diferente também (...) é mais fria. (...) Lá no Nordeste o povo é muito caloroso, muito afetivo. (...) Você chega e as pessoas já te colocam dentro da sua casa, já te servem jantares, já vai abrindo a geladeira. Porque isso é das pessoas de lá. E aqui já é um pouco mais restrito (**Família Santos**).*

*Eu vejo que aqui a gente tem muita dificuldade de relacionamentos. Principalmente com o pessoal daqui mesmo de Florianópolis, aqui da ilha, né? Muita mas muita dificuldade mesmo. (...) Muito reservado o pessoal. (...) Tem um lado aqui que eu não gosto nem um pouco que é o lado de... exatamente assim de convivência, de a gente marcar algum encontro, uma praia, uma janta, um futebol, um negócio e o pessoal... (...) O pessoal é muito de combinar, de marcar, deixar tudo certo e não aparecer ninguém. E isso é uma coisa que é muito ruim (**Família Barcelos**).*

O pessoal aqui é muito fechado, né? Você vê, eu to morando aqui há um ano e oito meses, e aqui dá pra contar nesta mão quantas vezes eu falei com esse vizinho aqui. E você sente a diferença. (...). Tanto é que, se eu vou num lugar e começo a conversar, os caras já falam 'ah, tu não é daqui', porque as pessoas aqui são muito fechadas (...) Isso foi um dos fatores que eu estranhei, porque eu sou um cara que fala muito, tagarela,

mexo com todo mundo, brinco com todo mundo, e aqui não, aqui as pessoas são muito fechadas. A pessoa que troca uma idéia melhor com você, você vai ver, ela não é daqui, ela é do Rio, ou é de São Paulo ou é do Sul mesmo... (Família Nunes).

A dificuldade de relacionamento com os moradores da cidade foi relatada como um ponto desfavorável da cidade, que prejudicou a adaptação das famílias em Florianópolis.

As únicas famílias que não atribuíram esta característica para a população de Florianópolis foram a Freitas, que relatou que na cidade de Curitiba as pessoas são ainda mais fechadas, e a Silva, cujo esposo era nascido na capital catarinense e já tinha uma rede estabelecida na cidade, que, segundo Sluzki (1997), exerce a função de acesso para novos contatos.

Por sua vez, o ritmo de vida tranquilo da cidade foi classificado pela família Nunes como outro aspecto facilitador para a adaptação em Florianópolis, que, mesmo sendo capital, para eles permanecia com características de cidade pequena:

A gente essa semana ainda tava tão feliz assim, porque o diferente é que eu acho assim, o povo ainda tem uma alegria nas coisas pequenas. (...) Então, eu acho assim, são coisinhas bobas que a gente vai conhecendo nas pessoas, no povo, que encantam. (...) Então é assim, aqui tem vários lugares que são mais tranquilos, e à noite é tranquila, né? (...) Então, por exemplo, a nossa casa lá ficava em frente a um mercado, então à noite ligava aquele compressor. Então à noite, às vezes a gente acordava com o barulho dos compressores desligando e tal, aí quando a gente veio pra cá, a gente perdia a hora todo dia porque não tinha barulho nenhum, no primeiro domingo era um boi aqui na porta, uma cachorrada latindo, a gente não sabia o que era... (Família Nunes).

Para esta família a tranquilidade da cidade era um aspecto favorecedor da adaptação da família, até porque vinha ao encontro do projeto de vida familiar, que era motivado pela procura de qualidade de vida, corroborando com Cervený e Oliveira (2002) que afirmam

que as famílias em fase madura buscam sossego e tranqüilidade neste momento do ciclo vital.

Ainda sobre a tranqüilidade da cidade, oito famílias relataram que, comparada com a região de onde vieram, em Florianópolis ainda existe uma estrutura de **segurança**, ou pelo menos uma “sensação de segurança”, como afirmaram as famílias Santos e Barcelos, de modo que nesta pesquisa este item pôde ser considerado como favorável para a adaptação na cidade, como fica exemplificado nos depoimentos que seguem:

Eu acho que a violência ainda está começando. Diferente de outras cidades. Em Fortaleza você não anda no centro de bolsa que eles te jogam no chão e só soltam você quando arrancam a bolsa. (...) Em termos de violência aqui é o paraíso. Muita gente acha que já está um absurdo, mas aqui, tomara que nunca aconteça nada, o carro fica fora, não tem garagem, faz um ano ou mais, fica e tem CD e nunca aconteceu nada (Família Santos).

O mais favorável de morar em Florianópolis é ainda uma, entre aspas, aquela sensação de segurança. Porque Florianópolis, apesar de ser uma capital é uma cidade pequena com uma população que não é grande e você ainda tem, igual eu falei, entre aspas, uma falsa sensação de segurança. (...) Mesmo em Belo Horizonte a violência tá muito grande, uma coisa que assusta, e Florianópolis é aquela coisa, você ainda tem aquela sensação assim, de estar seguro, de ser um bom lugar para criar os filhos e etc. Isso é a melhor qualidade que a cidade tem... (Família Souza).

A família Silva foi a única que reclamou da segurança da cidade, até porque o marido era nascido em Florianópolis e considerou que a violência cresceu muito nos anos em que esteve ausente, sentindo um estranhamento em virtude das mudanças que ocorreram na cidade enquanto morou fora, fato que consoa a afirmação já citada de Calvo (2006) de que, quando a pessoa retorna para seu lugar de origem, sente como uma nova migração. A esposa desta família, que morava anteriormente em um sítio de uma cidade interiorana, também reclamou que se sentia insegura e com medo já que em Florianópolis aconteciam fatos que nunca tinha presenciado na sua cidade, tais como agressões entre alunos na escola do filho.

Por outro lado, as famílias que vieram de cidades maiores reclamaram da falta de **estrutura do comércio**, que não disponibiliza variedade de produtos e um amplo horário de atendimento para o consumidor, como exemplificado pelo depoimento da família Freitas:

Ainda faltam muitas opções de comercio, aqui na ilha. Principalmente no sul, aonde a gente se encontra. (...) Se precisa de alguma coisa de ferragem, por exemplo, um equipamento específico, você não encontra na ilha. Você tem que ir pra fora ou então ligar pra outra cidade. Eu acho que o comércio é fraco aqui, assim, em alguns aspectos. Mas tem melhorado, tem crescido, principalmente com a abertura desses shoppings novos aí, e mercados também... aqui no sul da ilha mesmo, abriu um mercado, a gente sentia falta de um mercado grande aqui (...) então daí, a gente vai se adaptando melhor com o que a gente estava acostumado lá, né? (Família Freitas).

Por este relato compreende-se que a família percebeu um crescimento de Florianópolis neste aspecto, favorecendo assim a sua adaptação, já que se estabeleceu uma relação com a cidade de origem. Para as famílias pesquisadas este crescimento também ampliou as opções de **lazer** na cidade, que eram, segundo elas, limitadas nas praias, com poucas alternativas principalmente no inverno.

Por outro lado, o crescimento de Florianópolis foi considerado desordenado pelas famílias e, de acordo com o esposo da família Souza, houve a preocupação com o turista e não com os moradores da cidade. Os entrevistados reclamaram principalmente do sistema de **transporte** e do **saneamento básico** da capital, como apontam os seguintes depoimentos:

Se eu pudesse não moraria aqui, só por um detalhe: porque eu tenho que todo dia ficar numa fila pra entrar aqui (...) E eu odeio ficar em trânsito lento. Então eu sei o que eu quero: eu quero, quando a gente for morar na nossa casa definitiva, eu quero morar perto pra trabalhar. Lá [Curitiba] também é complicado... mas aqui! Lá é devagar, mas aqui de repente tranca. Então é bem pior (Família Freitas).

Agora uma coisa que foi um impacto pra mim e que eu acho também até hoje é o transporte. Muito escasso o transporte (...). É muito ruim depender de uma condução de final de semana, que é muito diferente de São Paulo que num ponto de ônibus tem milhares de ônibus toda hora pra todos os destinos. Você não fica muito tempo amarrado num lugar. Assim, o transporte pra mim foi o que mais causa dificuldade (Família Monteiro).

O que eu não gosto é o trânsito daqui. É a coisa que eu mais detesto. A única coisa que eu não gosto é trânsito. Principalmente dia de chuva. Dia de chuva pra mim é uma desgraça (Família Silva).

Não tem rede de esgoto, Florianópolis. Aqui não tem rede de esgoto. Altamente perigoso esse tipo de coisa. Saneamento básico em Santa Catarina é o segundo pior no Brasil (Família Barcelos).

A parte de saneamento, né? A gente vê [o esgoto] chegando nas praias aí... Hoje mesmo a gente tava ali em Santo Antonio de Lisboa e... vê esgoto correndo direto pro mar, sem nenhum tratamento... (Família Marques).

Por fim, o alto **custo de vida** foi citado como um ponto negativo por cinco famílias pesquisadas. Este aspecto prejudicou a adaptação e a aceitação da cidade principalmente nas famílias que vieram motivadas pelo ganho financeiro. Estas famílias avaliaram que o salário era maior, mas os gastos também amplificavam, reduzindo os “lucros” da família e atingindo diretamente o motivo da migração, fazendo a família reavaliar seu projeto migratório, se realmente valia a pena permanecer em Florianópolis, como mostra o discurso da família Barcelos, que não se dizia adaptada e planejava deixar a cidade:

Mas é ruim, tá muito difícil, muito difícil, tá tudo muito caro nesse lugar. Caro demais. É tudo muito caro aqui. Tudo é caro aqui nesse lugar (Família Barcelos).

Ficou evidente neste item que as famílias que não estavam bem adaptadas na cidade vislumbravam menos aspectos favoráveis, pois ainda enfrentavam o luto pelas perdas das características da cidade de origem. Este fato condiz com a doutrina de Calvo (2006), que adverte que é comum o luto migratório, mas que tanto pode ser um processo simples, se a

migração for feita em boas condições, como complicado, quando a conjunção de circunstâncias sociais e pessoais negativas dificulta a elaboração das perdas por parte da família.

As famílias falaram que quando chegaram em Florianópolis se sentiram como turistas, mas passados os primeiros momentos de novidade, observaram as diferenças culturais, momento no qual, segundo Calvo (2006), aparece a nostalgia, que pode ser utilizada como refúgio e resistência ao novo meio, dificultando a reestruturação da nova vida e o processo de adaptação na cidade.

Assimilar as perdas exigiu das famílias pesquisadas um processo de reorganização, que foi facilitado quando as vantagens superavam as perdas e os participantes visualizavam que estavam ganhando com o processo de migração (Calvo, 2006). Cabe ressaltar que todas as famílias fizeram as comparações culturais e que mesmo as mais adaptadas não deixaram de fazer uma análise crítica da cidade e de relatar o luto pelas suas cidades de origem.

6.2.3. Preconceitos

O preconceito em relação ao **sotaque** e a presença de **bairrismo**⁵ na população de Florianópolis foram fatores mencionados pelas famílias que também dificultaram a adaptação na cidade.

Por se tratar de migração interna, as famílias não identificaram dificuldade com a linguagem, embora narrassem que nem sempre entendiam o que o povo nativo falava, por se tratar de uma fala rápida e com gírias próprias. Os entrevistados também contaram que o sotaque deles era alvo de gozação por parte dos moradores locais e que com isso sentiam

⁵ Aurélio (1975): “Bairrismo: qualidade de bairrista. Bairrista: Defensor dos interesses do seu bairro ou da sua terra.”

dificuldade de aproximação com as pessoas, como exemplificado pela fala da família Cardoso:

Eles falam (...), todo mundo, aquela coisa, assim, apesar de que a gente leva na brincadeira, não tá nem aí, mas acaba que às vezes você perde a paciência... Incomoda, porque todo mundo às vezes fica te imitando, teu sotaque... (Família Cardoso).

Apesar de colocarem o sotaque como um fator de discriminação, o que mais chateava as famílias eram as manifestações de bairrismo. Por estarem longe da terra natal, num processo de luto, no qual muitas vezes se idealiza a pátria, as famílias relataram que se magoavam muito com os comentários negativos sobre a cidade de origem. Nos depoimentos das famílias Santos, Monteiro e Cardoso foram citados bairrismos contra gaúchos, paulistas e nordestinos:

Pedro: *Eu acho que eu não tenho sotaque, mas o pessoal daqui “tu é do sul, né”, até que eu solto um “bah” aí pelo amor de Deus, descobrem que eu sou gaúcho. E quando falam mal de lá aí digo “eu também não gosto de gaúcho” e então eles: “ah então estes aí são simpáticos”. Talvez, assim, o que todo mundo fala, que aqui tem bastante bairrismo. Não sei por que, se é porque tem bastante migração gaúcha ou paranaense. Aqui dentro da ilha o que eu vejo que é muito forte que o povo da ilha é completamente diferente que o do interior do estado de Santa Catarina.(...).*

Juliana: *Eu já senti [preconceito] de mim através deles. Quando eu digo que sou casada com gaúcho é “não tem uma racinha melhor pra tu casar?” Você está entendendo, é por aí... Aí no trabalho, quando vou com os clientes eu já nem falo. “Por que você está aqui?” e eu “Porque meu marido é do sul”. Não entro que ele é gaúcho. E se perguntam se é daqui eu desconverso. Porque pra não mentir nem omitir eu também não invento. Porque é engraçado isso, é incrível, porque já me olham diferente, eu já senti e ele também, não?*

Pedro: *Na verdade eu não dou muita ênfase para isso. Preconceito eu acho que não. Na hora que eu vejo que o cara está me discriminando aí não dou nem bola pra ele porque eu me considero uma pessoa muito melhor do que a pessoa que está fazendo isso. Aqui tem muita piada, né. “Pow, tu é gaúcho” e começa a malhar, né. Mas é tranquilo, você tem que saber levar (Família Santos).*

Eu expliquei que eu era de outra cidade. E ele foi muito hostil comigo, falou que até podia mudar essa cidade então pra São Paulo, né, porque só tem paulista aqui, e eu não gosto de paulista. (...) Então uns e outros assim a gente encontra por aí, mas... a gente vai levando também, né? (Família Monteiro).

Graças a Deus a gente tem um círculo de pessoas boas, mas têm outras que torcem o nariz porque o fato de nós sermos do nordeste (...) Aqui tem aquela visão que o Nordeste é pobre, que o pessoal passa fome, mas não é. Se você for nos grandes centros, nas capitais, você só vê riqueza (Família Cardoso).

No que tange a bairrismo, a família Marques também relatou que não se sente acolhida pelos moradores da cidade e destacou que os florianopolitanos apresentam resistência por considerarem que os migrantes invadem a cidade e roubam oportunidades de trabalho dos nativos:

Aqui se acha que a gente veio invadir, veio tomar o espaço, veio ocupar o lugar que é deles e... alguma coisa parecida assim. Aí pelo outro lado, assim, como a gente falou, que se sente meio excluído. Por eles tu não tava aqui, entendeu? Volta pro teu lugar, volta... muitas vezes, assim, as pessoas notam pelo sotaque, tu não és daqui. (...) Muitas vezes acontece assim de alguém falar: ‘e o que tu tá fazendo aqui?’ Falei que meu marido veio trabalhar aqui. (...) Contrataram ele, pra vir pra cá. Eu faço questão de dizer, porque acho que ‘ah só veio porque foi transferido’ (...) Não, a gente é nordestino, veio lá de cima, mas escolheram ele lá de cima pra vir trabalhar aqui, entendeu? Aí eu às vezes eu faço questão de dizer, porque realmente, muitas vezes a gente se sente mesmo assim excluído. (...) Eu acho que a cidade favorecia qualquer pessoa que viesse de fora se acolhesse mais quem vem de fora. Acho que as pessoas ficam meio assustadas; que quem vem de fora vem pra tirar alguma coisa deles por eles imaginarem que isso é o paraíso, a ilha da magia, como todo mundo fala. Se não tem nada lá pra curtir então deixa pra quem tá aqui. Colocam uma barreira que quem vem de fora vai curtir no canto dele. “Aqui é nosso e pronto” (Família Marques).

Neste último relato percebe-se o sentimento de exclusão e falta de acolhimento dos migrantes por parte dos moradores da cidade, que criam uma barreira contra quem é de fora. Este aspecto prejudica a adaptação das famílias na medida em que dificulta a formação de redes sociais de apoio e suporte social. Corroborando Prado (2006), ao

postular que a falta de acolhimento aparece como geradora de forte estresse para os membros das famílias. As redes de apoios, segundo Calvo (2006), têm importante papel de ajuda no enfrentamento do luto migratório e, segundo relato das famílias pesquisadas, este apoio não aconteceu em Florianópolis. Cumpre pensar na importância da cidade criar políticas públicas para acolhimento e ajuda na socialização dos migrantes.

6.2.4. Reavaliação projeto de vida familiar

As famílias em fase de aquisição não relataram problemas na troca de colégio e **estudo** das crianças. Por serem crianças em idade pré-escolar, eles ainda não tinham uma turma formada e não reclamaram de trocar de escola. A família Souza inclusive elogiou a qualidade do estudo na cidade, pois considerava que o filho tinha mais atividades e estava aprendendo mais na nova escola.

A família que relatou dificuldade na adaptação do filho na escola foi a família Barcelos, em fase adolescente. Na entrevista o filho reclamou que não gostou do colégio e dos novos colegas. O pai disse que acreditava que a dificuldade tinha se ampliado pelo fato de ter trocado de escola na metade do semestre, como aponta relato abaixo:

O problema é a adaptação do colégio, porque já era meio do ano, entrou aqui já era final de agosto... até engrenar, né? Com as novidades, matéria... é muito difícil pra ele
(Família Barcelos).

O adolescente desta família possuía uma rede na cidade de origem que foi quebrada pela migração, dificultando a adaptação do filho no novo colégio, fator que a família considerou como prejudicial à aceitação da cidade por ele. Tiago falou que veio para Florianópolis porque não tinha opção, já que ainda dependia dos pais, discurso que se coaduna com Falicov (2001) quando afirma que os indivíduos que são persuadidos da migração, mas não convencidos, são os que sentem maiores dificuldades de adaptação na

cidade. Em contrapartida, o estudo dos filhos para a família em fase madura foi um fator facilitador, tendo em vista que eles desejavam estudar na universidade federal da cidade, que para eles era referência na área que queriam seguir.

As esposas das famílias Santos, Monteiro, Silva e Marques também estudavam nas cidades de origem e sentiram que o seguimento dos estudos foi lesado com a migração. A esposa da família Santos atestou que quando chegou na cidade, em razão de morar muito longe de faculdades e não se sentir segura de ir sozinha, só retomou os estudos no semestre seguinte quando conseguiram mudar para um bairro mais centralizado.

Por sua vez, a esposa da família Monteiro contou que o mais difícil era não ter com quem deixar o filho recém-nascido e que só conseguiu retornar aos estudos depois que os filhos estavam mais habituados à cidade. Já para Larissa, da família Silva, a migração prejudicou a conclusão do ensino médio, que ela fazia por meio de supletivo, e a transferência causou alguns transtornos, mas conseguiu concluir em Florianópolis.

Andréa, da família Marques, explicou que com a migração abriu mão de estudar, primeiro porque quando chegou na cidade morava muito longe e queria se dedicar para a filha e depois porque, quando finalmente estava disposta a retornar, engravidou e então decidiu não mais estudar e nem mesmo tinha previsão de retorno, como mostra depoimento que segue:

Eu tava fazendo faculdade, eu tava no quinto período e ia entrar no sexto. Aí tive que trancar... aí aqui não deu... Aí eu não voltei. Aí em fevereiro eu engravidei. Aí eu acho que eu já perdi agora até um tanto de vontade de voltar a estudar! (Família Marques).

No caso das famílias Freitas e Barcelos, as mulheres já não estudavam, mas deixaram seus trabalhos em função da migração. Maria Freitas não conseguiu trabalhar em decorrência da gravidez e nascimento do filho e, por isso, disse que aproveitou a migração e o fato de ter deixado o trabalho para poder cuidar do filho. Por outro lado, Débora

Barcelos, que já tinha o filho adolescente, não trabalhava por não conseguir montar seu próprio negócio em função dos custos altos de aluguel da cidade, desapontamento que se identifica na fala do marido:

É, porque na realidade ela sempre teve o salão dela, né? É outra coisa que a gente sempre teve dificuldade e estamos tentando até hoje é localizar um ponto que seja acessível e que a gente consiga montar de novo o negócio dela. Mas é ruim, tá muito difícil, muito difícil, tá tudo muito caro nesse lugar. Caro demais. Tu vai alugar uma sala de 40 metros quadrados, é um preço absurdo. Não tem condições um negócio desses... (Família Barcelos)

O inverso aconteceu na família Silva, na qual a esposa conseguiu um emprego por indicação da rede do marido. Ela relatou que estava contente, pois estava parada e assim não ficava tão sozinha enquanto o marido trabalhava e o filho estava na escola. Já na família Cardoso a esposa nunca trabalhou e a migração não alterou sua rotina.

O fato das mulheres pesquisadas se responsabilizarem pela casa e filhos vai ao encontro dos estudos de Koremblum (2003) de que muitas vezes famílias migrantes retomam modelos de funcionamento tradicionais. As esposas que deixaram de lado seu papel profissional tiveram também que lidar com este luto no processo de migração, dificultando a aceitação da cidade, o que ocorreu principalmente com as famílias Santos, Freitas e Barcelos. Em contrapartida, as mulheres das famílias Souza, Monteiro, Marques relataram que enfrentaram esta nova realidade sem problemas e que até gostavam de terem mais tempo para se dedicarem à família.

Na família em fase madura, que migrou em busca de qualidade de vida, o marido estava aposentado por motivo de doença e em Florianópolis não buscou novo emprego, enquanto a esposa, que também deixou o emprego em São Paulo, mudou de ofício e passou a trabalhar como agente imobiliária, considerando esta mudança positiva, como mostra depoimento que segue:

É, eu trabalhava em escola, trabalhei em escola durante muitos anos, depois eu fiquei em escola e à tarde dando aula de reforço. Aí fui dispensando já os alunos aos poucos, pra não deixar os alunos na mão, né? Aí quando chegou aqui, sabe quando tu quer mudar tudo, foi uma mudança radical. Aí cheguei fiz o curso de corretora de imóveis, levei, que é uns dois ou três meses, e na própria empresa que a gente comprou a casa eu pedi pra começar a trabalhar. Foi um desafio bem legal, assim, porque aí eu tive que conhecer a cidade muito rápido, e aí ele também conheceu junto, porque aí a gente ia junto decorando nome de rua e se localizando... (Família Nunes).

A mudança de trabalho e a busca de novos desafios a que esta família se propôs consoa com Cerveny e Oliveira (2002): nesta fase do ciclo vital muitas vezes as famílias procuram outras metas e desafios, liberando-se de antigas obrigações e re-avaliando os objetivos de vida.

6.2.5. Biculturalismo

Dentre as famílias pesquisadas apareceram algumas manifestações de biculturalismo, principalmente nas famílias Cardoso e Nunes, que diziam estarem adaptadas em Florianópolis e terem assimilado a cultura do lugar, sem deixar de lado a sua de origem, como mostram os testemunhos que seguem:

***Luise:** Eu acho que em pouco tempo já me sinto assim uma mané⁶.*

***Gilberto:** Então eu acho gozado, às vezes eu brinco com ela: ‘pô, tu já tá assim em tão pouco tempo’. Nós moramos a vida inteira em São Paulo e em tão pouco tempo de*

⁶ “**Manezinho** é o termo popularmente utilizado para designar os nativos de Florianópolis. É provável que "mané", do qual "manezinho" seria o diminutivo, derive de "Manuel", nome ibérico de origem hebraico-cristã outrora comum em Florianópolis/Nossa Senhora do Desterro. Os habitantes de vilarejos em regiões praieiras da ilha, afastadas do centro urbano eram chamados pejorativamente de *manezinhos da ilha*, caracterizados pelo falar rápido e cantante, com pronúncia peculiar. De alguns anos para cá, porém, o termo *manezinho da ilha* já não é tão pejorativo na região, e também os moradores das demais partes do município passaram a ostentar orgulhosamente essa qualificação. O tenista brasileiro, Gustavo Kuerten, se declarou *manezinho da ilha*, após vencer o Torneio de Roland Garros, dignificando este termo”. Fonte: Wikipédia - http://pt.wikipedia.org/wiki/Manezinho_da_Ilha

convívio aqui, eles já mudaram, como se fosse o dialeto, porque até o termo de falar, alguns modos de se falar, termos que o pessoal usa, ela acabou pegando (Família Nunes).

Morar numa capital como Florianópolis, pra gente é tudo, é tanto que eu digo, eu adoro. Minha terra eu não vou esquecer nunca, minha família, onde eu nasci, é tanto que todo ano eu tô lá, né? Que eu amo, tudo, mas aqui pra morar é o que eu escolhi é isso que eu quero. Mas não deixo de ir lá ver ninguém, porque eu também amo. Quando a pessoa diz, “ah, você é do” não me incomoda em nada. Eu tenho o maior orgulho. Não, eu sou de lá, mas eu não tô passeando, eu moro aqui. “Nossa, você não perdeu o sotaque”... E nem quero perder. (...) Mas quando nós viajamos pra lá, quando a gente volta, queira ou não queira a gente pega, volta um pouquinho das nossas raízes (Família Cardoso).

6.3. Transfiguração do mapa de redes significativas no processo de migração

Neste item foram analisados os dados da narrativa das entrevistas em conjunto com a análise dos Mapas de Redes das famílias. Com a migração das famílias, ocorreu a transfiguração dos mapas, que preservava integrantes da rede anterior e incluía novas redes. No dizer de Sluzki (1997), o novo mapa transformado a partir da migração contém pessoas remanescentes da rede anterior, membros que mudaram junto (os integrantes da família nuclear) e novos vínculos que se integram conforme tempo e circunstâncias permitem.

6.3.1. Quebra da rede de origem

A quebra da rede de origem ocorreu necessariamente com todas as famílias pesquisadas. Em virtude da migração deu-se o afastamento, pelo menos geográfico, de familiares, amigos de infância, de trabalho e estudo e da comunidade. O fato de a migração ser familiar fez com que não se separassem os membros da família nuclear, porém a perda de outros laços implicou um processo de luto por parte dos entrevistados.

Nesta pesquisa os entrevistados relataram que não sentiram uma quebra com a rede de **familiares**, pois, embora sentissem falta da rotina e do convívio mais freqüente, eles ainda mantinham contato por meio telefônico, internet ou reencontros, tanto por retornos à cidade natal como por parentes que vieram visitar a família em Florianópolis, como fica claro nos depoimentos seguintes:

Não, eu sei lá, eu nunca me afasto deles. Eu, credo, meu Deus do céu! Fala por telefone, quando a gente vai lá também. Eles ligam pra cá... (...) Não é a mesma coisa (...) diminuiu porque sempre a gente estava na casa um do outro, né? Eles sempre iam lá em casa a gente fazia um churrasco, alguma coisa e eu ia na casa deles... (Família Silva).

A minha própria mudança já afastou, não deixa de afastar. Porque já não tem aquela convivência diária. Mas sempre eu estou ligando. Minha mãe depois que eu vim pra cá já veio duas vezes. Primeiro passou dois meses e depois em maio passou um mês. Então assim. Eu já fui agora no feriado de setembro. Sempre que a gente tem condições e tem uma promoção de companhia aérea e dá certo. Combino também com meus horários de trabalho. (Família Santos)

Eu sinto falta da minha família, assim, sabe? Porque todo mundo é muito brincalhão, assim, é todo mundo muito junto. Então acho que teve essa separação, porque quando a gente chega lá, a gente parece uns artistas, umas pessoas famosas, porque é todo mundo em cima de você, querendo te abraçar, te beijar e é isso que a gente sente falta, né, do amor de todo mundo... (Família Cardoso).

A gente se fala toda semana, praticamente, com meu pai, a minha mãe, os pais dele também, os avôs, a gente se fala sempre. Até a minha mãe veio aqui e ficou alguns meses aqui, passou uns três meses (Família Monteiro).

A família Freitas falou inclusive que o afastamento da família ampliada favoreceu o relacionamento com eles, pois com a distância aumentava a saudade e não precisavam lidar com problemas de convívio:

Porque como a gente está longe, daí eu acho que quando a gente se encontra, é diferente. Porque antes assim, era uma coisa, como é que eu vou explicar... Não sei, agora, como você fica muito tempo longe, parece que você sente mais saudade, então

quando se encontra é mais animado, eu achei que melhorou até o relacionamento com eles... (Família Freitas).

Observando-se os Mapas de Redes de todas as famílias, verifica-se que, em se tratando de dispersão, as únicas famílias que possuem redes familiares em Florianópolis são a Monteiro, cujo esposo era nascido em Florianópolis, e a Cardoso, que tinha um irmão que veio para o sul antes deles e que os incentivou a migrar, o que respalda o entendimento de Prado (2006), no sentido de que carregar pessoas da antiga rede ajuda a diminuir a ansiedade diante do desafio de construir novas redes, além de trazer a confortável sensação de pertencimento.

Por outro lado, embora dispersas geograficamente, as famílias relataram que a acessibilidade não foi tão prejudicada, pois os recursos disponíveis facilitam a manutenção do contato, por meio de internet, telefone e inclusive promoções de companhias aéreas que viabilizam reencontros mais freqüentes com a família ampliada. Assim, não sentiram prejuízos nas relações com os familiares principalmente entre os que estavam, no mapa de redes, dentro do primeiro nível de relacionamento deste quadrante.

No tocante a amizades, as famílias proclamaram que sentiram uma diminuição dos números de **amigos** da antiga rede, e que o afastamento é maior do que com os familiares, como exposto nos seguintes depoimentos:

Com a mudança diminui muito, parece, o número principalmente de amizades (Família Freitas).

Ah, por mim, de ponto desfavorável são os amigos antigos, que agora estão distantes e o contato que tem é pouco (Família Silva).

Claro que a falta de proximidade acaba afastando um pouco. Porque se você está lá, vê mais vezes porque está próximo. Mas também não é aquela coisa de todo fim de semana ver, de todo dia se falar, não. Mas por estar próximo, vê mais constantemente. Mas os mais próximos são os que mesmo com a distância, se tem Internet ou telefone para falar, se procura esses aí. As pessoas mais próximas não se afastam (Família Marques).

O afastamento de amigos pode ser considerado um ponto que dificulta o processo de adaptação das famílias, principalmente no período inicial quando a família ainda está vivenciando o luto pelas amizades, o que, segundo Calvo (2006), não é um processo de perda total, já que ainda são possíveis reencontros através de visitas e meios de comunicação.

Por sua vez, a família Souza relatou que um ponto positivo da migração foi que possibilitou que fizessem uma reavaliação das antigas amizades, de modo que as que permaneceram, apesar da distância, foram as que eles consideravam verdadeiras:

Os amigos acabam assim, se distanciando. Então, eu acho que o afastamento em alguns pontos são bons. Por exemplo, a questão de amizades, você consegue distinguir melhor, quem são seus reais amigos e quem não são. Aquelas pessoas ali, que te ligam de vez em quando, ou que vão sempre à sua casa, ou melhor, no caso vão à casa dos meus pais, pra saber como é que a gente está, o que a gente tem feito e até mesmo quando você volta. É aquela questão de saudade, aquela pessoa que vai pra te procurar, e tal, pra conversar, pra saber como é que você está ou senão vai ali só porque tá indo, pra fazer uma média e etc. (Família Souza).

Dentre as relações de **trabalho**, na narrativa das famílias percebeu-se que ocorreu uma maior quebra nesta rede de relacionamentos, que segundo os entrevistados era sustentada principalmente pela proximidade e convívio profissional ou de estudo e que não se mantiveram com a distância geográfica. Por outro lado, as pessoas do trabalho que estavam dentro do primeiro nível de relacionamentos e que o vínculo extrapolou a esfera profissional foram alocadas pelos entrevistados dentro do quadrante amizades.

Eu tinha os amigos do trabalho, da faculdade, da família, os do colégio, pois conservo as amizades com colegas do colégio até hoje. Mas aí tudo quebrou (Família Santos).

Ao se observar os Mapas de Redes das famílias no que se refere a trabalho e estudo nas cidades fora de Florianópolis, percebeu-se que apenas a esposa da família Marques e o marido da família Barcelos ainda indicaram relações que eles consideravam de primeiro nível neste quadrante. As outras famílias destacaram que houve um distanciamento com as pessoas do trabalho e que mesmo com os recursos de internet e telefone os encontros passaram apenas a ser ocasionais.

As redes da **comunidade**, de acordo com os participantes, eram muito importantes, tendo em vista que davam para eles o sentimento de pertencimento, embora não tivessem tantos vínculos de primeiro nível como nos outros quadrantes. Ao migrar, as famílias relaram que sentiam falta dos rostos conhecidos, o que foi denominado por Calvo (2006) de luto pelo contato com o grupo étnico, no qual as pessoas se identificam e se reconhecem, conforme evidenciam os depoimentos abaixo:

Eu sinto falta daquela coisa de você estar num lugar, você conhece todo mundo, que você se sente... eu particularmente em que eu me sinto bem de estar (Família Souza).

Tipo assim, lá o pessoal que passa na rua, grita contigo e a gente fica até tarde conversando na rua. (...) É aquele negócio de tu ter nascido ali e ter se criado (Família Monteiro).

Ao analisar os Mapas de Redes, vê-se que as famílias Santos, Marques e Cardoso não contabilizaram ninguém da rede da comunidade fora de Florianópolis. Na área da Igreja, a família Monteiro identificou o pastor anterior no nível intermediário junto com outras pessoas da paróquia e a família Souza colocou a comunidade da Igreja já no nível três. Em ambos os casos as famílias declararam que com a migração o afastamento foi inevitável.

Ainda no mapa, na área da vizinhança, poucas pessoas foram mencionadas pelas famílias. A família Barcelos foi a que destacou um maior número de amigos na área da

vizinhança na cidade de origem, mas mesmo assim sentiram que este grupo se afastou, passando do nível um para o dois no mapa. As famílias Freitas e Monteiro, que também destacaram pessoas desta rede, sentiram que a migração distanciou o relacionamento. Na família Souza a esposa relatou que tinha uma grande amiga da vizinhança e que mesmo com a migração a amizade permaneceu por meio de contatos freqüentes pela internet e telefone.

Na área da saúde as famílias Freitas e Nunes registraram ainda ter contato com médicos das cidades de origem. A primeira pelo fato da esposa ter feito todo o acompanhamento pré-natal com a médica de Curitiba, e a segunda porque o marido teve um problema sério de saúde (o que o levou à aposentadoria) – ele dizia que devia sua vida ao médico que o salvou e só confiava nele, portanto a cada mês volta para São Paulo para fazer exames com ele.

Nesta pesquisa evidenciou-se que as redes dos quadrantes família e amigos foram as menos prejudicadas com o processo da migração, tendo em conta que os recursos de comunicação e transporte atuais permitem maior acessibilidade, tanto por visitas, como através dos meios de comunicação. De outro lado, as redes de trabalho, estudo e comunidade sofreram, com a migração, um rompimento maior.

Observou-se também que as pessoas que as família classificaram como sendo as do primeiro nível estabelecido por Sluzki (1997) e que não migraram são as que as famílias narraram sentir mais saudade, apesar de eles acreditarem que estes laços não quebram, pois, assim como a família procura manter contato, também são procurados por esta rede. A **rede virtual**, formada por recursos de internet (MSN, WebCam, Skipe, Orkut), bem como de telefonia, cada vez mais acessível, possibilita que os migrantes não percam estes laços de afeto, caracterizando-se o que Falicov (2001) denominou de perdas ambíguas, na qual as pessoas estão fisicamente ausentes, mas psicologicamente presentes.

6.3.2. Reconstrução de novas redes no contexto migrante

O freqüente contato com a antiga rede, apesar de essencial, pode prejudicar a **reconstrução de novas redes no contexto migrante**, pois as famílias não abrem espaço para o novo. Este fato se coaduna com as afirmações de Falicov (2001) de que o outro lado da perda ambígua é quando a família está fisicamente presente na cidade, mas psicologicamente ausente, pois está presa na sua antiga rede.

As famílias relataram nesta pesquisa que tiveram muita dificuldade de estabelecer novas redes em Florianópolis, principalmente por considerarem que as pessoas da cidade eram muito fechadas, como já foi exposto no item **comparação cultural** da categoria 2.

A família Santos disse que teve muita dificuldade em criar rede na cidade, pois considerava os florianopolitanos muito rígidos e pouco acessíveis. Ao analisar o mapa de redes desta família, verifica-se que as únicas pessoas incluídas na rede em Florianópolis pertenciam ao trabalho e que não estabeleceram nenhum vínculo de amizade ou comunitário no período de um ano e dois meses em que estavam na cidade. Com esta falta de vinculação, Juliana reclamou que sentia muita solidão:

Juliana: Em contrapartida se dá muita solidão. Porque tu não tens tuas origens, tuas raízes. Não tem com quem conversar, não tem justamente aquela pessoa que tu digas “olha estou bem, estou mal”, entendeu. Me sinto só. Muito só. Eu falei sincero (Família Santos).

O sentimento de solidão de Juliana, mesmo tendo colegas na faculdade e no trabalho, condiz com Calvo (2006) quando o autor propugna que é comum os migrantes se sentirem solitários, pois, além de sofrer o luto pela rede anterior, o processo de construção de novas redes é lento, tendo em vista a necessidade de se adaptar às formas de ‘ser e estar’ do novo contexto.

De forma geral, o trabalho e o estudo foram os principais agentes propiciadores de redes para as famílias pesquisadas, até mesmo em virtude de o trabalho e o estudo serem o motivo de sete entre as nove famílias participantes. Importa ressaltar que nesta pesquisa as mulheres acompanharam seus maridos e que, por deixarem de trabalhar e estudar na cidade para permanecerem com as famílias, o estabelecimento de suas redes ficou condicionado às redes dos maridos, o que prejudicava a adaptação em Florianópolis, como mostram os relatos que seguem:

Aqui eu não conheço ninguém, não sei mais (...) só saio com ele e converso com quem ele conhece (Família Freitas).

Eu também não saio muito, e o fato também da gente não estar trabalhando, não tá conhecendo muita gente, então eu fico mais é em casa e quando eu saio já tenho aquelas amigas que eu vou, então eu não tenho muitas amizades aqui em Florianópolis (Família Souza).

Ela já não pode nem fazer isso porque ela fica mais aqui em casa, é só aqui na vizinhança, não tá trabalhando, e se tu não tá trabalhando tu não tem um contato mais externo com as pessoas... A única dificuldade é essa de trabalho, de ter um círculo de amizade... mas isso é com o tempo, né? Com o tempo a gente vai conseguir (Família Barcelos).

A predominância da rede no trabalho nesta pesquisa, em função do emprego ou estudo do marido, vai ao encontro do estudo de Prado (2006), em que nos casos de serem os maridos os responsáveis pela mudança, prevaleceu a sua Rede Social, geralmente trazida do ambiente profissional.

De outra parte, as famílias com filhos pequenos também disseram que os filhos favoreciam a formação de rede, principalmente das mulheres, pois as crianças logo criavam amizades e assim as mães quebravam as barreiras, se conheciam e criavam vínculos na comunidade. Este fato ficou bastante evidente no relato da família Freitas:

Por causa do Gabriel ajudou a ampliar o ciclo de amizades. Todos vêm falar “ai, que bonitinho” e aí fica mais fácil para as pessoas puxar assunto (Família Freitas).

No Mapa de Redes da família Freitas nota-se que o filho, mesmo tendo apenas um ano de idade, fez amizade com seis crianças da vizinhança e a mãe criou vínculo com as mães, o que confirma a pesquisa de Prado (2006), que detectou que famílias com filhos pequenos se mostram mais abertas para a construção de novas redes sociais, além de serem influenciadas pelas redes dos filhos, nas quais acabam se relacionando com os pais dos amigos deles, ampliando assim seus contatos.

Em outra direção, a família Monteiro, que migrou em função do aspecto religioso, narrou que seu círculo de amizades em Florianópolis foi construído com famílias da Igreja:

A gente fez amizades excelentes aqui, ótimas pessoas que são como família agora já pra gente, com quem a gente conversa. Têm muitos casais que são de São Paulo, que são de outras cidades, aqui na Igreja, e também não tem familiares aqui, então a gente acaba sendo um pouco da família um do outro (...) A gente não teve perda de não ter amigos, de não criar vínculo, confiança, pessoas que nos auxiliam. Isso a gente conseguiu (Família Monteiro).

Corroborando a narrativa, no Mapa de Redes da família Monteiro extrai-se que a maior parte das redes da família em Florianópolis estava alocada no quadrante da comunidade, dentro da área da Igreja. Fora da Igreja apenas o filho mais velho do casal tinha amigos no colégio. Como no momento da entrevista o pai estava trabalhando muito pouco e a mãe estava recém retornando para a faculdade, eles praticamente não mencionaram redes significativas nos outros quadrantes. De toda maneira, como se percebeu no relato, as redes formadas por meio da Igreja eram muito próximas e facilitavam o processo de adaptação na cidade, já que, apesar do fato de serem de migrantes eles possuíam um sentimento de pertencimento na comunidade da Igreja.

A família Cardoso também criou bastante rede na comunidade, pois, como o pai trabalhara numa escola em Lages, quando veio para Florianópolis procurou o colégio dos

filhos para participar da Associação de Pais e Professores – APP. No prédio também se candidatou para fazer parte do conselho fiscal. A família Cardoso apresentou o mapa com maior número de vínculos, distribuídos entre todos os quadrantes, fato que auxiliou a adaptação da família na cidade. Cabe assinalar que esta família era a que estava há mais tempo em Florianópolis, tinha mais integrantes, os filhos e sobrinha já eram adolescentes – portanto com redes próprias –, fatores que contribuem para a formação de redes.

Além da família Cardoso, as famílias Souza e Marques foram as que apresentaram redes no quadrante de amigos na cidade de destino, embora tenham destacado que esta rede era formada basicamente por pessoas que tampouco eram nativas de Florianópolis:

Eu tenho dois amigos que são daqui. O resto é de São Paulo, é do Maranhão, do Rio Grande do Sul, é de Minas... (Família Souza).

Porque um ano e meio quase que a gente tá aqui, a gente não tem um amigo, que é daqui. A gente não é convidado pra ir pra um aniversário, uma festa... (...) Todo o círculo de amizade que a gente conseguiu fazer são todos de fora, São Paulo, Espírito Santo, Porto Alegre, entendeu? Aí nesse ponto eu não me sinto muito bem. (...) Por ter vindo pra essa empresa que eu trabalho, ter vindo muita gente de fora também, de outros estados, tudo, aí o pessoal também chegava um pouco perdido, a gente foi se unindo, fez aquela turma... (Família Marques).

A **aproximação das famílias migrantes** pesquisadas com outras também de localidades diversas, auxiliou no processo de adaptação das famílias, na medida em que elas podiam compartilhar sentimentos e experiências relativos à migração, bem como criar um grupo em que não se sintam excluídas.

Nesta pesquisa observou-se a importância da formação de novas redes no processo de aceitação da cidade de destino. As famílias que conseguiram estabelecer redes mais próximas, para todos os integrantes, foram as que se consideravam adaptadas na cidade. Consoante Prado (2006), quando a família migrante atribui um significado importante aos vínculos da sua nova Rede Social, observa-se maior comprometimento com o novo local

de moradia, que vai desde participar de algum movimento religioso até utilizar os serviços disponíveis na comunidade. .

6.3.3. Suporte social

Esta sub-categoria abarcou as narrativas sobre o suporte social que as famílias receberam durante o processo de migração, período no qual as famílias ficam vulneráveis e em risco de sofrerem problemas de saúde (Aspesi, Dessen e Chagas, 2005). Sete famílias pesquisadas relataram que se sentiram desamparadas quando chegaram a Florianópolis porque, além de terem se afastado de pessoas que lhes davam suporte na cidade de origem, não tinham ninguém de referência na cidade. A falta de apoio, mesmo que informal, foi, segundo os entrevistados, prejudicial principalmente no momento da chegada:

É, não conhecíamos ninguém e confesso que eu já tive experiências de morar em outras cidades. Quando você conhece uma outra pessoa, tudo fica mais fácil. (...) Eu fiz universidade no interior do Paraná e uma pessoa me recebeu lá, foi bem menos traumático do que aqui. Assim, principalmente ficar batendo a cabeça até encontrar as coisas, no início (Família Freitas).

Os serviços de saúde fazem parte dos recursos formais e devem ser capazes de verdadeiramente apoiar a família durante períodos de situações adversas, sendo fatores de proteção de saúde e desenvolvimento das famílias (Salva, 2003; Werner, 1995; Rutter, 1987). A família Souza disse que foi importante a visita de uma agente de saúde na sua casa, que registrou a família e disponibilizou os serviços do posto. A mesma sorte não teve a família Monteiro, que reclamou inclusive de preconceito por parte dos funcionários do posto de saúde, como mostra o seguinte depoimento:

Até quando... logo quando eu cheguei, fui a um posto de saúde que o meu filho tomava vacina ainda, e o rapaz do posto de saúde me tratou super mal, porque ele viu que... eu

expliquei que eu era de outra cidade. (...) Foi muito hostil, muito mal educado, no ambiente de trabalho, que não deveria ser (Família Monteiro).

A família Silva foi a única que citou o Centro Comunitário e a Universidade Federal (com destaque ao atendimento do Hospital Universitário) como fontes de suporte social. Cabe destacar que nesta família o esposo era nascido em Florianópolis e havia trabalhado como enfermeiro na cidade, portanto conhecia muitas pessoas que ajudaram quando a família precisou de suporte de saúde por motivo de doença do filho de sua esposa.

No que concerne às religiões, a família Monteiro contou que recebeu muito apoio de sua igreja evangélica, até porque a migração foi em virtude de trabalhar nos projetos voluntários. Para as outras famílias as organizações religiosas, embora não tenham oferecido nenhum tipo de suporte direto, tiveram um papel importante no acolhimento das famílias, visto que auxiliavam na formação de redes, já que os participantes da pesquisa se sentiam acolhidos e reconhecidos por um grupo, tal como indica a seguinte narrativa:

Porque quando eu tava indo muito no Santuário, às vezes eu encontrava as mesmas pessoas. A gente acabava se cumprimentando e tinha uma senhorinha que sempre me via, aí, quando um domingo que eu não ia ela: “ah, senti sua falta, e do seu menininho” Que ela ficava olhando o Carlos, porque ele ficava comportado dentro da Igreja. Ela dizia “gente, que é difícil uma criança comportadinha” aí vai conhecendo... (Família Souza).

6.4. Migração familiar e ciclo vital

A quarta categoria desta pesquisa identificou o momento do ciclo vital das famílias e verificou o impacto da migração na sua configuração. Os entrevistados relataram que, para se adaptarem na cidade de destino e se manterem unidos, precisaram rever os papéis de cada pessoa na família, o que consoa com Minuchin (1982), que afirma que a família é

sujeita à pressão interna, decorrente das mudanças evolutivas, e à pressão exterior, proveniente das exigências de se acomodar às instituições sociais significativas [alteradas com a migração em virtude da mudança de contexto]. Para o autor estas exigências geram um impacto em todos os integrantes do grupo familiar e requerem uma transformação constante da posição de um em relação aos outros, de maneira que todos possam crescer, enquanto o sistema familiar mantém continuidade.

Nesta pesquisa os entrevistados enunciaram que em virtude da migração ocorreram tanto transformações entre os integrantes da família nuclear, como nas fronteiras com a família ampliada, que ficaram mais nítidas em razão do afastamento geográfico.

6.4.1. Fase do ciclo vital familiar

Das nove famílias pesquisadas sete estavam em **fase de aquisição** no momento da migração, inclusive a família Cardoso, que estava em fase adolescente no momento da entrevista, pois já havia migrado há 5 anos e os filhos entraram na adolescência em Florianópolis.

Os motivos de migração para estas famílias foram predominantemente profissionais, financeiros e de estudo. Como bem disseram Cervený e Berthoud (2002), nessa etapa de vida a família tem a tarefa de aquisição do patrimônio, fato que fica ilustrado no depoimento da família Santos:

Eu gostei do aspecto principalmente que a gente melhorou. Graças a Deus a gente tem até o luxo de comprar algumas coisas. Por isso que mesmo com a tristeza de estar distantes, a infra-estrutura a gente tem um pouco. E tem coisas positivas também, tem muitos aspectos que a gente melhorou bastante, já adquirimos algumas coisas do lado financeiro que contribuíram muito. Então não adiantava estar na minha cidade com o povo todo ali e não crescer profissionalmente. Num apanhado geral foi muito bom, pois a gente adquiriu muitas coisas porque ele teve a promoção pra vir pra cá (Família Santos).

A família Santos, que ainda estava na etapa de formação do casal, também sublinhou que, por serem recém-casados quando vieram, além da migração, precisaram se adaptar ao relacionamento do casal, até porque tiveram um período muito curto de namoro:

***Pedro:** A gente é muito novo e chegar numa cidade assim... a gente recém-casados, tem toda aquela adaptação. Acho que o melhor é a experiência. A experiência até de viver como casal, sozinhos, só eu e ela enfrentando aí a vontade um do outro.*

***Juliana:** Não tem esta história de discutir e ir pra casa da mãe, né. Eu não vou pra casa da minha irmã, conversar lá e quando estiver tudo calmo eu volto pra casa. Então se discute no máximo ele vai pro quarto e eu fico na sala (risos). É o máximo que dá!*
(Família Santos).

Neste relato percebe-se o nascimento da família, através da formação do casal, coadunando-se com Cerveny e Berthoud (2002), que dizem que, de um modo geral, nesta fase são revistas as formas de relacionamento e adquiridos novos papéis entre os membros da família. Com a migração, o casal sentiu que este processo ficou mais intenso, pois precisaram enfrentar tudo sem nenhum suporte familiar, o que corrobora a literatura de Sluzki (1997) de que, com a perda de numerosos segmentos da rede social, as relações de casal se vêem sobrecarregadas, já que um (ou ambos) desejam que o outro satisfaça as funções que previamente eram realizadas por outras pessoas (familiares ou amigos).

No depoimento da família Freitas foi dito que, além de sentirem falta da presença dos avós nos cuidados com o filho, também lamentavam que eles não pudessem acompanhar o desenvolvimento do neto:

*Quando você casa já há uma diferença, o teu relacionamento com a família ganha força e quando você tem filho ganha muito mais força. Então a gente sente bastante falta disso. Não só pra, ah vamos nos livrar dele, deixar ele lá com os avós e tudo mais (...)
Sente falta, assim, do convívio, de contar como estão as coisas e também eles querem ver o crescimento dele... **(Família Freitas).***

As famílias com filhos pequenos e em idade escolar afirmaram que as crianças foram importantes na formação de redes, principalmente das mães que não estavam trabalhando ou estudando em prol de cuidarem de suas famílias (Prado, 2006). A facilidade de construção de redes por parte das crianças pequenas e em idade escolar corrobora o dizer de McGoldrick (1989/2001) de que os filhos têm um papel importante na família quando da migração, pois tendem a se adaptarem mais rapidamente do que os pais e assumem o papel de traduzir a nova cultura.

Se por um lado, na fase de aquisição, os filhos pequenos facilitavam o processo de adaptação na cidade de destino, por outro lado a família Barcelos, em **fase adolescente**, contou que o filho veio contrariado e teve muita dificuldade de adaptação, e que mesmo depois de dois anos em Florianópolis ainda reclamava da mudança (McGoldrick, 1989/2001; Cervený e Berthoud, 2002; Prado, 2006).

Além da oposição do filho, a esposa da família Barcelos também precisou enfrentar a perda forçada da sua ocupação profissional, pois não conseguia montar seu salão e trabalhar em razão dos aluguéis serem muito altos, dificultando ainda mais a aceitação da cidade de destino.

A família Nunes foi a única que migrou na **fase madura**. Diferente das famílias em fases de aquisição e adolescente, esta família esperou a aposentadoria do marido para poder migrar, motivados pela busca de qualidade de vida oferecida pela cidade.

Assim, como na pesquisa de Prado (2006), na qual apareceram sentimentos de culpa e preocupação com pais envelhecendo e com probabilidade de adoecer por ser difícil estar junto deles o quanto gostariam, a família em fase madura também demonstrou estes sentimentos com seus “velhos”, como aparece no depoimento que segue:

A única coisa que segurou um pouco foram os velhos, lá, né? Os avós... Isso foi uma barra, porque a minha mãe vai fazer agora oitenta anos, ano que vem. Meu pai tem setenta e seis

anos. E a mãe dela também tem setenta e quatro anos, mas a mãe dela tá espertíssima, né? Tanto é que ela vem visitar... (Família Nunes).

Para que a família Nunes pudesse migrar, os integrantes precisaram lidar com o sentimento de *culpa* por não poderem desempenhar o papel de cuidadores da geração mais velha, o que ratifica a tese de Cervený e Oliveira (2002) de a incorporação do papel de cuidador dos idosos por parte do casal é freqüente nesta etapa do ciclo. Vale ressaltar que mesmo distante geograficamente, esta família se sentia responsável e atenta às necessidades dos avós.

6.4.2. Configuração familiar

As configurações das famílias pesquisadas passaram por um processo de rearticulação durante a migração, até porque, segundo Sluzki (1997), quando ocorre uma mudança de localização geográfica todos os membros perdem segmentos de sua rede social pessoal, de forma que funções interpessoais que antes eram desempenhadas pela antiga rede se tornam deficitárias. Para suprir estas carências, até porque leva tempo para estabelecer novas redes, os entrevistados passaram por reestruturações na configuração familiar, modificando os relacionamentos dentro e fora das famílias.

Considerando-se o conceito de estrutura proposto por Cervený e Berthoud (1997), de que a estrutura familiar é vislumbrada por meio de dados objetivos que desenham o grupo familiar, as **estruturas** das famílias pesquisadas podem ser visualizadas tanto na Tabela 1, que apresentou os dados Sócio-Demográficos, como nos genogramas inseridos nos Mapas de Redes das famílias.

No que diz respeito à estrutura familiar, a migração atingiu a classe social das famílias, que em sua maior parte foi favorecida em virtude das oportunidades profissionais ou de estudo que, apesar das perdas imediatas resultaria em ganhos futuros. A família

Monteiro foi a única que relatou ter perdas financeiras, tendo em vista que estavam trabalhando em um projeto voluntário na sua Igreja.

O número de componentes foi alterado pela migração na família Silva, tendo em conta que um filho não migrou para ficar com o pai na cidade de origem. Esta quebra foi relatada por Larissa como causadora de muito sofrimento, pois sentia muita falta do filho e culpa de não estar com ele, embora tenha afirmado que foi o filho que decidiu ficar com o pai, como mostra relato que segue:

Até hoje pra mim é tipo assim, é uma coisa que só eu sei! (...)E eu sofro. Eu sofro bastante. Só porque não adianta eu sofrer porque eu sei que ele tá longe. Não adianta eu sofrer uma coisa que é em vão, então eu aproveito quando eu tô perto dele. De dois em dois meses a gente vai pra lá, daí eu aproveito aquilo, entendeste? O pai dele que chorou quando ele veio embora. Eu não consegui chorar, eu não sei por que eu não consegui chorar. Só que hoje eu tenho saudade pra caramba. (...) Eu sei que eu tô trabalhando aqui, eu tô dando duro... ele sempre pediu um tênis, eu mandei comprar, daí ele ganhou. É bola de futebol, é camisa de jogador... Ele gosta de futebol, daí ele só fala que quer entrar numa escolinha de futebol, eu disse: “meu filho, se tu tivesse com a mãe tu estaria lá, na escolinha de futebol”, porque aqui é o que mais tem, né? Mas ele disse que não ia deixar o pai sozinho, porque senão o pai ia ficar triste... Não sei se também foi um jogo... tipo assim, do pai fazer em cima dele, né? Ah, eu nem sei, só sei que às vezes eu me pergunto assim, ah, as pessoas devem achar que eu sou um monstro, né, deixar meu filho lá. Mas, eu não deixei com gente estranha. Ele não ficou com gente estranha, ficou com o pai dele, né? Acho que não sou a primeira nem a última que isso acontece... (Família Silva).

No caso da família Barcelos, o filho de José com a primeira esposa morava com a mãe, mas de qualquer forma visitava bastante a família e era muito amigo do irmão. A migração também provocou afastamento geográfico, embora toda a família tenha afirmado que ainda mantinha bastante contato com ele por internet e telefone. Por sua vez, a família Cardoso teve o acréscimo de uma sobrinha que migrou para estudar em Florianópolis, fato

que foi considerado muito positivo, pois ela era muito amiga de todos e, em especial, se tornou muito companheira de Silvia.

No mais, as famílias Santos, Freitas e Marques sofreram alteração na estrutura em razão do nascimento de um filho, fato que não foi ocasionado pela migração, entretanto se tornou para eles fator decisivo para deixar Florianópolis, já que queriam que os filhos ficassem mais próximos das famílias ampliadas.

A **dinâmica familiar**, corroborando Cerveny e Berthoud (1997), foi considerada nesta pesquisa como o conjunto de formas de funcionamento das famílias e observada através das metas e funções familiares, dos papéis assumidos pelos seus integrantes, dos tipos de comunicação estabelecidos e de como a família se reorganizou na transição da migração.

Observou-se que as metas familiares estavam imbuídas na construção do processo de migração (discutidos na primeira categoria), que revela a dinâmica dos migrantes. A motivação e a decisão para a mudança se tornaram possíveis e de fato se concretizaram nas famílias cujo projeto migratório ia ao encontro de suas metas familiares.

A necessidade de *construção da família* ficou evidenciada nos entrevistados que estavam em fase de aquisição, destacando-se os Santos, Freitas e Souza, que explanaram que a migração permitiu que a família fosse formada, enquanto que os participantes que estavam em fases adolescente e madura ressaltaram como meta familiar a importância da *manutenção da família nuclear reunida*, como exemplificado no depoimento da família Nunes:

A gente sempre foi muito unido. Então a gente de família mesmo, era sempre tudo sempre nós quatro. (...) A gente não foi nunca apegado a coisas materiais, graças a Deus, então pra nós, a casa lá, a gente preferia ficar com a família (Família Nunes).

A *construção e manutenção do patrimônio familiar* foi uma meta trazida por todas as famílias pesquisadas, principalmente aquelas em fase de aquisição. Inclui a

família Monteiro, que teve perdas financeiras em razão da migração, ansiava a construção de um patrimônio e a estabilidade financeira da família na cidade de destino. A *promoção do estudo e a formação profissional* dos cônjuges e dos filhos também foram anunciadas como metas importantes para as famílias pesquisadas.

Dentre as funções e papéis familiares, foi verificado nesta pesquisa que:

a) as mulheres tornaram-se as principais cuidadoras da organização da casa e do cuidado dos filhos, abrindo mão muitas vezes da carreira em prol da família, como mostra depoimento que segue: \

A rotina mudou completamente. A minha então, nem se fala! Antes eu tinha... mal ficava em casa, tinha lá uma moça que lavava roupa pra mim, então era só sábado dava aquela ajeitada na casa e era aquela minha rotina de trabalhar fora mesmo. E aqui, mudou completamente. É só cuidando da casa e fazer comida, então... e agora com ele [filho], cuidar dele o dia inteiro, então mudou completamente! (Família Freitas).

b) de modo geral os homens ficaram responsáveis pelo sustento econômico, principalmente nas famílias que migraram em função do trabalho do marido, que relataram que se sentiram sobrecarregados com esta responsabilidade, o que pode ser visto no discurso da família Freitas:

Quando os dois trabalham é uma coisa, né? E quando um só trabalha, as exigências de um com o outro muda bastante. Eu senti uma responsabilidade bem maior, né, por eu estar trabalhando... (Família Freitas).

c) os casais também relataram que precisaram rever o relacionamento em função da migração:

Aí surgem pequenos desentendimentos a principio por isso. Por quê? Porque ela abandonou tudo o que ela tinha, que já era, vamos dizer, o chão dela, que já era seguro para ela, como pessoa. E aí, o que é que acontece? Tá aqui, eu saio para trabalhar e ela tem que ficar em casa, não conhece ninguém, precisa de uma farmácia e às vezes não sabe onde é, precisa de um supermercado, às vezes não sabe onde é (...). Essa

adaptação inicial foi bem complicada. Mas aí, depois disso, na minha opinião, a nossa vida melhorou (Família Souza).

d) ocorreram mudanças no relacionamento de pais e filhos, principalmente por estarem longe da família ampliada e então os pais precisarem cuidar dos filhos em tempo integral:

Se mudou, foi pra melhor. Pelo fato de que aqui não tem a avó perto, não tem o tio perto, tem o pai e a mãe, então ele ficou mais apegado ainda à gente... (Família Monteiro)

e) as famílias ficaram mais unidas, pois com a rede diminuída os integrantes das famílias nucleares assumiram mais funções, aspecto que foi considerado positivo pelos pesquisados, como mostram os seguintes relatos:

A mudança foi até acho que pra melhor, assim, pelo fato de que, ainda em São Paulo nós tínhamos o vínculo familiar, assim, eu e a família dele. (...) A gente vindo pra cá é um ao outro, assim, toda situação e todo o tempo, pra qualquer coisa, somos nós dois que temos que resolver aqui, a gente tem que se ajudar. Quando um está triste o outro tem que tentar ajudar, quando ta alegre, compartilhar... Então acho que isso até fortaleceu a relação, a amizade, porque não tem como ser diferente também (Família Monteiro).

Eu acho que a gente ficou mais próximo. Por estar tão assim, distante da família (...) passou um ano e um mês pra poder viajar, então acho que a gente ficou mais próximo. (...) Tem mais união entre nós três, tudo assim, e sair mais junto, porque lá era menos, porque, por ter um vasto leque ali de cantos pra se ir, família, aquela coisa todinha, às vezes um ia pra um canto, um ia pra outro... (Família Marques).

Meu marido está empregado, nós somos uma família feliz e sempre vivemos bem. Às vezes a gente tem umas brigas bestas, mas qual casal que não tem? Somos uma família sempre unida, sempre estamos juntos (Família Cardoso).

Acho que a gente ficou um pouco mais unidos também, né? Porque não tem mais aquela de sair toda hora, por exemplo, pra ir visitar um parente alguma coisa assim... a gente fica mais tempo em casa (Família Nunes).

Estes relatos demonstram que o relacionamento dentro das famílias melhorou, segundo os pesquisados, em razão da quebra das redes com as famílias ampliadas e, portanto, a necessidade de buscarem dentro do núcleo familiar afeto, apoio, cooperação e lealdade, que precisavam no processo de adaptação na cidade de destino. O diálogo freqüente foi outro fator da dinâmica familiar facilitador no processo de adaptação das famílias migrantes, como anuncia a esposa da família Silva:

Eu quase não tenho problema com ele (marido). Porque a gente conversa muito, entendesse? A gente conversa, a gente troca idéia... A gente conversa, a gente não discute, não fecha o pau, nada. Às vezes, né? Às vezes têm umas discordâncias, que a gente não é perfeito! (Família Silva).

Para os entrevistados, a família passou a se comunicar mais. Aquelas em fase de aquisição relataram que a decisão pela migração foi feita entre o casal, pois os filhos eram muito pequenos. A família adolescente disse que foi uma imposição e que ninguém teve escolha. Já no caso da família madura a decisão foi de toda a família, sendo que todos não só concordavam como desejavam migrar para Florianópolis.

Os **valores familiares** afetam todos os membros do sistema e, segundo Cerveny e Berthoud (1997) são desenhados por segredos, tabus, mitos, crenças, religião, rituais e cerimônias realizadas pelas famílias.

Nesta pesquisa, os valores familiares que mais apareceram foram: a) preservação da família unida; b) valorização do estudo, da profissão e carreira – itens que também foram considerados como metas familiares e discutidos anteriormente; c) preservação dos valores religiosos; d) comemoração de datas significativas.

As famílias Freitas e Souza narraram que sentiram impacto positivo na *religião* com a migração, pois com a mudança passaram a freqüentar a igreja por vontade própria e não por influência da família ampliada. Estas famílias disseram que se identificaram mais

com a forma de celebração das missas e com a paróquia e consideraram que a religião auxiliou na formação de novas redes:

Eu fui educada a ir na missa todos os domingos. Então a gente ia, mas lá eu me sentia até forçada a ir. Por quê? Porque como a gente morava perto da casa dos meus pais a igreja era a mesma. Então se a gente não ia, no final de semana já tinha aquela coisa, ah, por que é que vocês não foram à missa? Era uma cobrança. E aqui mudou, a gente continua indo praticamente todo domingo (...), mas aí é mais porque a gente gosta, porque a gente quer. A igreja a gente se adaptou melhor aqui, né? A gente gosta mais do padre, e tudo, então acabou sendo melhor também pra gente nessa parte (Família Freitas).

A família Monteiro, que migrou em razão da religião, afirmou que a vivência religiosa se ampliou em Florianópolis, já que estavam na cidade para este fim. No Mapa de Redes desta família verifica-se que a maior concentração de redes deles está na área da comunidade ligada à Igreja, tendo em vista que a religião era o principal valor da família:

Intensificou a religião, né, a gente veio pra cá e intensificou bastante. Até porque aí a gente passou mesmo a realizar os projetos e cuidar e tem uma responsabilidade sobre isso... A gente desenvolve algumas obras assistenciais na cidade, a gente trabalha dentro da Igreja com assistência social realmente, a gente trabalha também com o apoio à pessoas dependentes de drogas, então acentuou-se o nosso trabalho (Família Monteiro).

Por sua vez, as esposas das famílias Santos e Silva consideraram que a migração diminuiu o contato com a religião, tendo em vista que os maridos não as acompanhavam à igreja e por não encontrarem na cidade um grupo com o qual se identificaram. Elas informaram que chegaram a procurar a Igreja algumas vezes, porém acabaram desistindo.

As famílias pesquisadas relataram que as *comemorações de datas significativas*, quando possível, eram realizadas junto com as famílias ampliadas e preferencialmente nas cidades de origem. A família Freitas inclusive organizou a festa de aniversário de um ano do filho na cidade de origem, pois disseram que aqui não teriam tantos convidados e

faziam questão da presença de toda a família na festa, além de que as celebrações familiares se tornavam motivos para que visitassem a cidade de origem:

Outra hora é um aniversário, um batizado ou é... sempre tem alguma coisa da família lá. O aniversário de um ano dele foi lá. Então já tive que ir uma vez pra organizar alguma coisa, daí no meio, daí ir uma semana antes do aniversário, pra terminar de organizar, então sempre é tudo lá, né? É raro a gente ir só pra visitar (Família Freitas).

A proximidade da cidade de origem – Curitiba – com a cidade de destino – Florianópolis – facilitava para esta família a manutenção dos rituais com o sistema familiar e com isto a manutenção dos vínculos significativos, o que respalda o estudo de Prado (2006): as famílias com mais proximidade geográfica tendem a investir na manutenção das antigas redes sociais.

Por outra parte, a família Marques, que não pode ir no Natal para a cidade de origem, reclamou de estarem sozinhos e não terem em Florianópolis amigos que os convidassem para passarem as festividades com eles.

Nesta pesquisa verificou-se a importância do estudo das configurações familiares no processo de migração, na medida em que estas sofrem transformações, e que a capacidade da família de adaptação a estas mudanças favoreceu ou dificultou o processo de adaptação na cidade de destino, corroborando Minuchin (1982) quando afirma que a estrutura familiar deve ser capaz de se adaptar, transformando-se de forma a atender às novas circunstâncias, mas sem perder a continuidade, que proporciona um padrão de referência para seus membros.

Por fim, vale destacar que as divisões feitas nesta categoria foram apenas didáticas, já que a compreensão das configurações familiares deve ser do todo, respeitando-se assim a complexidade do sistema familiar. De acordo com Moré (Comunicação Oral, 2005),

compreender a estrutura de uma família necessariamente implica conhecer a sua dinâmica, pois ambas são faces da mesma moeda, de modo que uma não pode ser compreendida sem a outra.

No processo de migração das famílias pesquisadas, as posições e os papéis, que faziam parte da organização, foram desafiados e colocados à prova no jogo interacional da família, e foi a partir deste jogo que se constituiu a dinâmica dessas famílias.

6.4.3. Fronteiras dos sistemas e subsistemas

Esta subcategoria abarcou o conceito de fronteira de Minuchin (1982), que tem impacto decisivo na organização da família. Sabe-se que o estabelecimento de fronteiras faz parte da configuração e que as alterações nos subsistemas conjugais e parentais foram discutidas juntamente com os papéis e funções familiares. Neste item destacam-se as mudanças nas fronteiras com as famílias ampliadas.

De acordo com os entrevistados, a mudança geográfica favoreceu o estabelecimento de fronteiras mais nítidas com as famílias ampliadas, já que com a migração precisavam resolver os problemas sozinhos, sem tanta interferência dos familiares, pois não podiam contar com a mesma intensidade de contatos como quando estavam em suas cidades de origem, conforme exemplificam depoimentos que seguem:

Mas às vezes você tá com a sua família, você tem um desentendimento, aí você vai pra casa do seu pai, ela vai pra casa da mãe dela, aí são opiniões diferentes, em torno de um milhão de coisas diferentes, entendeu, você fica se espelhando (...) É aquela coisa, querendo ou não, você tá ali no meio de família, você escuta, você vê coisas que acontecem, diferentes com outras pessoas e quando você discute, briga por algum motivo, qualquer coisa é suficiente para às vezes agravar aquela situação ali, o comentário ali. Então aqui eu vejo que isso mudou e melhorou bastante (Família Souza).

A família Monteiro explicou que o relacionamento com os pais melhorou, pois deixaram de ter o desgaste do dia-a-dia e passaram a aproveitar mais os momentos juntos. O esposo da família Marques postulou que com a migração o pai percebeu que ele agora era adulto, melhorando seu relacionamento com ele. A família Nunes enfatizou que quando morava perto dos pais estava sobrecarregada de cuidados com eles, como mostram os depoimentos abaixo:

Eu acho até que a distância, assim, com coisas que são rotineiras de repente um desgaste no relacionamento com os pais, porque você tá sempre, tá constante. Isso você morando longe não tem. Quando se vê é tempo de matar a saudade, de conversar. Até a gente já foi duas vezes para São Paulo desde que a gente tá aqui, visitar a família, tudo e quando chega é tempo de conversar, de falar de coisa legal, de matar a saudade mesmo (Família Monteiro).

Com o meu pai assim, por a gente estar meio distantes, melhorou nossa relação. Dá mais abertura. É como ele percebeu que agora eu sou adulto. (Família Marques)

E quando tá muito tempo junto, não dá valor, né? Aí quando vieram à praia agora, a gente já se apega mais, muito tempo sem ver, assim, já dá mais valor, né? Começa a sentir falta... (...) Aí num ponto foi até bom o desligamento um pouco da família lá, porque os meus pais na verdade sobrecarregavam, em termos de afazeres e tudo, então o meu irmão era muito mais folgado com os velhos, sabe? Então, num sentido foi até bom (Família Nunes).

Por fim, na entrevista da família Freitas foi colocado que com a migração as fronteiras com a família ampliada ficaram mais nítidas e que mesmo retornando para a cidade de origem o relacionamento será modificado, o que condiz com Calvo (2006) quando proclama que, ao retornar para a cidade de origem, a pessoa/família precisa enfrentar uma nova migração e conseqüentemente uma nova transfiguração do Mapa de Redes. Finaliza-se este item com o depoimento da Família Freitas:

Então eu tava sempre, todos os dias quase eu passava lá na casa dela [mãe]. Porque daí eu trabalhava e era caminho. (...) Ao retornar para Curitiba vai ser uma readaptação. (...) Nós vamos voltar, mas o relacionamento já vai ser diferente (Família Freitas).

6.5. Metáforas

No final desta análise e discussão dos resultados, deparou-se com vários relatos dos familiares, riquíssimos em conteúdos, que confirmam os objetivos deste estudo. Arriscou-se, portanto, em selecionar algumas falas dos participantes não utilizadas nas descrições acima, como uma maneira de reafirmar os aspectos estruturais e dinâmicos das famílias migrantes.

A expressão destas falas organizadas se dá pelo fato de que, nos anexos optou-se por colocar somente uma entrevista completa como exemplo, considerando-se que as demais estão contidas no cenário deste trabalho. esta categoria buscou uma releitura de algumas palavras e expressões que foram utilizadas pelos entrevistados, estabelecendo relações de significados e concepções que desvelam as vivências dos migrantes.

Metáforas relacionadas aos aspectos culturais de Florianópolis:

“Aqui não tem a conversa de elevador”

“O povo mora numa cidade linda para ficar trancado no escritório”

“Se não fossem... se não se achassem tão o umbigo do mundo, aqui seria o melhor lugar pra viver do Brasil”

“Florianópolis é a cidade dos sonhos... a ilha da magia como dizem aí”

Metáforas relacionadas ao projeto de vida familiar:

“Se eu achasse um trabalho para ganhar a metade do que eu ganho aqui, eu já teria ido embora”

“Eu fico aqui enquanto a gente estiver lucrando, conseguindo as coisas...”

Metáfora relacionada à adaptação na cidade:

“Eu não sou turista aqui”

Metáfora relacionada à transfiguração da rede:

“Vou ter que sair da saia... como se diz, debaixo da saia da mãe, mas no caso é debaixo da saia do lugar, né?”

Assim, esta categoria corrobora Canolla (2000), quando afirma que os sentidos das metáforas não são alcançados pela substituição de um termo pelo outro, mas quando permitem a representação dos dados concretos e subjetivos da realidade por meio de uma linguagem utilizada no cotidiano, pois as palavras e expressões utilizadas estabelecem relações de significados e concepções que revelam as vivências das famílias migrantes.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A base desta pesquisa concentrou-se no tema família e migração. Especificamente, caracterizaram-se os aspectos das redes sociais constituídas no processo de migração e sua influência no ciclo vital das famílias. A identificação das configurações familiares enfatizou a estrutura, dinâmica e valores das famílias e as modificações ocorridas com o processo migratório.

Para dar conta da caracterização das redes sociais das famílias migrantes e, através delas, identificar aspectos da rede social facilitadores e inibidores do processo de inserção de migrantes na comunidade, foi necessária a adaptação do instrumento Mapa de Redes proposto por Sluzki (1980, 1990, 1997). O mapa adaptado permitiu uma melhor visualização da dispersão da rede, com a divisão dos quadrantes em duas áreas, assim como o acréscimo de vizinhança e religião no quadrante *comunidade* permitiu que na análise fosse possível verificar em quais áreas da comunidade o migrante conseguiu estabelecer mais facilmente suas redes.

Nesta pesquisa observou-se a importância da formação de novas redes no processo de aceitação da cidade de destino. As famílias que conseguiram estabelecer redes mais próximas, para todos os integrantes, foram as que se consideravam adaptadas na cidade. As escolas, empresas, igrejas e postos de saúde se configuraram em locais privilegiados para a inclusão dos migrantes nas redes sociais.

Na construção do processo de migração foi verificado que as famílias para as quais a migração vinha ao encontro do projeto de vida familiar, e que tiveram a possibilidade de escolha da cidade, tempo para preparativos para a mudança, bem como apoio e suporte familiar, relataram mais facilidade de adaptação na cidade de destino. Experiências anteriores com outras migrações e o conhecimento *a priori* da cidade também favoreceram

sobremaneira, tendo em vista que estas famílias tinham expectativas mais próximas da realidade.

Por sua vez, as famílias que relataram que não puderam escolher a cidade, que não tiveram tempo para preparação, que a família ampliada se opôs à migração, que não conheciam a cidade – ou apenas superficialmente - foram as que afirmaram maior dificuldade de aceitação de Florianópolis.

No processo de adaptação das famílias, outro fator que interferiu negativamente foi a manifestação de preconceito e de bairrismo por parte dos moradores nativos da cidade. Os entrevistados consideraram os florianopolitanos muito fechados, com pouca abertura para estabelecimento de redes. Este fator interfere no processo principalmente porque dificulta a reconstrução de novas redes para os migrantes. Nesta pesquisa os participantes enfatizaram que não receberam suporte social em Florianópolis, aspecto também considerado desfavorável, principalmente no período de chegada das famílias na cidade.

No que tange à verificação do momento do ciclo vital em que as famílias se encontram, percebeu-se que a fase de aquisição foi favorável à migração por possibilitar que as famílias atingissem o propósito de crescimento profissional e financeiro. No entanto, estes ganhos não foram vistos como suficientes para sustentar a motivação de permanecer em Florianópolis, tendo em vista que a maior parte destas famílias pretendia deixar a cidade. A família que migrou na fase adolescente foi a que apresentou maior dificuldade de adaptação na cidade, em virtude da oposição do filho adolescente e da perda do papel profissional da mulher. Por seu turno, a família em fase madura considerou este período evolutivo favorável para a migração, pois seus integrantes já haviam atingido os objetivos profissionais e vislumbraram a mudança como uma possibilidade de melhorar a qualidade de vida.

Verificou-se que a migração teve impacto no ciclo vital de todas as famílias, independentemente da fase evolutiva, tendo em conta sua atuação como um estressor horizontal imprevisível que ao coadunar-se com as transições desenvolvimentais, ocasionava momentos de estresse que repercutiam na dinâmica familiar, oras facilitando e oras prejudicando o processo de adaptação das famílias.

O posicionamento da pesquisadora frente às famílias e à análise e discussão deste estudo também não foram deixados de lado, considerando-se que a crença da *intersubjetividade*, que constata a impossibilidade de existir um conhecimento objetivo do mundo. Esta pesquisa teve um efeito recursivo na pesquisadora, que por ser moradora nativa de Florianópolis, surpreendeu-se diversas vezes com o relato dos entrevistados que apontavam características da cidade que ela não reconhecia. As críticas feitas para a cidade e seus moradores promoveram a necessidade da pesquisadora se diferenciar e re-significar seu contexto de origem, buscando o distanciamento necessário para a conclusão deste trabalho e assim a possibilidade de uma reflexão crítica.

Ressalta-se a necessidade de aprofundar as pesquisas brasileiras no concerne ao tema migração associado aos valores familiares, questões de gênero, bem como às fases do ciclo vital. O estudo das redes sociais voltado para o aperfeiçoamento de projetos de políticas públicas de suporte social também contribuiria na inclusão e desenvolvimento das famílias.

Os dados deste trabalho devem subsidiar o trabalho das equipes de saúde da atenção básica, porquanto o processo de migração exige uma atenção especial, no sentido de gerar uma produção científica que contribua com as políticas públicas, de forma a implementar programas de educação para saúde e prevenção e sustentar ações de promoção da saúde para a família migrante.

Acredita-se que o desenvolvimento de programas de suporte social de atenção às famílias migrantes contribui para a abertura e construção de novas redes, considerando que acolhe o impacto decorrente das inevitáveis transformações que ocorrem ao longo do processo migratório e que gera bases para uma mediação para que a família continue o desenvolvimento do seu ciclo vital, possibilitando que as famílias se sintam pertencentes à cidade de destino, sem precisarem abdicar da antiga rede.

O processo migratório não traz apenas desenvolvimento significativo para as famílias, mas também para a cidade que recebe a migração. Hoje Florianópolis não é mais “um pedacinho de terra perdido no mar”, pois, com a contribuição das famílias que migraram para a cidade, constituiu-se numa cidade cosmopolita, reconhecida não apenas pelas suas “belezas sem par”, mas pela possibilidade de acolher e sustentar projetos familiares com qualidade de vida.

8. REFERÊNCIAS

- Andolfi, M. (1996) A linguagem do encontro terapêutico. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Aspesi, C. C., Dessen, M. A., Chagas, J. M. (2005) A ciência do desenvolvimento humano: uma perspectiva interdisciplinar. In: Dessen, M. A., Costa Junior, A. L. (orgs.) A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras, Porto Alegre: Artmed.
- Berg, B.L. (1995). Qualitative research methods for de social sciences (2.ed.). Needham Heights: Allyn and Bacon.
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (1998) A pesquisa em psicologia: análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In: Romanelli, G., Biasoli-Alves, Z. M. M. (orgs.) Diálogos Metodológicos sobre prática de pesquisa. Ribeirão Preto: Legis Summa.
- Boekstijn, C. (1989). Intercultural migration and the development of personal identity: the dilemma between identity maintenance and cultural adaptation. International Journal of Intercultural Relations, 12, pp. 83-105.
- Brasil. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística – IBGE (2004) Tendências Demográficas: Uma análise dos resultados da amostra do Censo Demográfico 2000.
- Bronfenbrenner, U. (1986) Ecology of the family as a context for human development: research perspectives. Developmental Psychology, 22 (6), 723-742.
- Bronfenbrenner, U. (1979/1996) A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Calvo, V. G. (2006) El duelo Migratório. Revista Trabajo Social, 7, 77-97.
- Canolla, C. (2000). As metáforas da produção: reflexões sobre o discurso de operárias. DELTA, 16 (1), 55 – 82.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1989/2001) As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar – Uma Estrutura para a Terapia Familiar. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cervený, C. M. O., Berthoud, C. M. E. (orgs.) (1997) O ciclo vital da família: nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cervený, C. M. O., Berthoud, C. M. E. (orgs.) (2002) Visitando a família ao longo do ciclo vital. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cohen, R., Siegel, A. W. (1991) Context and development. Hillsdale: LEA.

Cowan, P.A. (1991) Individual and family life transitions: a proposal for a new definition. In: Cowan, P.A., Hetherington, M. Family Transitions. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.

Dessen, M. A. (1997) Desenvolvimento familiar: transição de um sistema triádico para poliádico. Temas em Psicologia, 3, pp. 51-61.

Dessen, M. A., Braz, M. P. (2005) A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. In: Dessen, M. A., Costa Junior, A. L. (orgs.) A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras, Porto Alegre: Artmed.

Falicov, C.J. (1996). Mexican Families. In: McGoldrick, M., Giordano, J. & Pearce, J. K. (Eds.). Ethnicity and Family Therapy. New York: Guilford Press.

Falicov, C. J. (2001) Migración, perdida ambigua y rituales. Perspectivas Sistémicas, n° 69, Buenos Aires: Artes Gráficas Buschi.

Ferreira, A. P. (1996). A migração e suas vicissitudes: análise de uma certa diversidade. Tese de doutorado (Doutorado em Psicologia Clínica), Rio de Janeiro: PUC.

Ferreira, A. B. H. (1975) Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Figueiredo, L.C.M., Santi, P.L.R. (2003) Psicologia, uma (nova) introdução. 2. ed. São Paulo: EDUC.

García, M. J. O., Rodrigues, V. M. (2002) Modelo sistémico e inmigrantes: reflexiones y experiencias desde los Servicios Sociales. Cuadernos de Trabajo Social, 15, pp. 261-269.

Gil, A. C. (2002) Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª. Ed. São Paulo: Atlas.

Hill, R. (1970) Family development in three generations. Cambridge: Schenkman.

Hull, D. (1979). Migration, adaptation, and illness: A review. Social Science and Medicine, 13, pp. 25-36.

Kreppner, K. (2000) The child and the family: Interdependence in developmental pathways. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16, pp. 11-22.

Kreppner, K. (2003) Social relations and affective development in the first two years in family contexts. In: Valsiner, J., Connolly, K. J. (orgs.) Handbook of developmental psychology. Londres: Sage.

Lisboa, T. K. (2002) Mulheres migrantes de origem cabocla e seu processo de "empoderamento". Katálisis, 5 (1), pp. 35-47.

Marra, C., Feijó, M. (2004) Mapas das redes culturais: um instrumento para o trabalho com famílias e casais em contexto de migração. Família e Comunidade, São Paulo, vol. 1, nº 2, pp. 27-42.

McGoldrick, M. (1989/2001) Etnicidade e o Ciclo de Vida Familiar. In: Carter, B. & McGoldrick, M. As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar – Uma Estrutura para a Terapia Familiar. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

Minuchin, S. (1982) Famílias: Funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas.

Minuchin, S., Fishman, H. C. (1990) Técnicas de terapia familiar. Tradução: Kinsch, C., Maia, M. E. F. R. Porto Alegre: Artes Médicas.

Moré, C. L.O., Queiroz, A. H. (2007) Migração, movimento e transformação: irrupção do novo nas relações familiares. In: Cervený, C. M. O. (org) Família em Movimento. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Mota, E. L. A., Franco, A. L. S., Motta, M. C. (1999) Migração, estresse e fatores psicossociais na determinação da saúde da criança. Psicologia Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 12, n. 1, pp. 119-132.

Najmanovich, D. (1995) El lenguaje de los vínculos, de la independencia absoluta a la autonomía relativa. In: Najmanovich, D., Dabas, E. Redes. El lenguaje de los vínculos: Hacia la reconstrucción y el fortalecimiento de la sociedad civil. Buenos Aires: Paidós.

Narvaz, M. G., Koller, S. H. (2004) O Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano. In: Koller, S. H. (org) Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Prado, A. E. F. A. (2006) Família em Trânsito: Tecendo redes sociais. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Psicologia Clínica), São Paulo: PUC: Universidade Católica de São Paulo.

Rauen, F. J. (1999) Elementos de iniciação científica. Rio do Sul: Nova Era.

Renner, C. H., Patarra, N. L. (1980). Migrações. In: Santos, Sztricsangi L. F. L. (orgs). Dinâmica da população: teoria, métodos e técnicas de análise. São Paulo: T. A. Queiroz.

Rodgers, R. (1960) Proposed modifications of Duvall's life cycle stages. New York.

Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanism. American Journal Orthopsychistry, 57 (3), pp. 316-331.

Sales, T. (1991) Novos fluxos migratórios da população brasileira. Revista Brasileira de Estudos de População, Campinas, 8 (1/2), pp. 21-32.

Silva, M.R.S. (2003) A construção de uma trajetória resiliente durante as primeiras etapas do desenvolvimento da criança: o papel da sensibilidade materna e do suporte social. Tese de Doutorado (Doutorado em Enfermagem, Saúde e Sociedade), Florianópolis: UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina.

Silva, M. R. S., Elsen, I., Lacharité, C. (2003) Resiliência: concepções, fatores associados e problemas relativos à construção de conhecimento na área. Paidéia, 13 (26), pp. 147-156.

Sluzki, C. E. (1980) Migración y conflicto familiar. Terapia Familiar, Buenos Aires, ano 3 (6), pp. 87-107.

Sluzki, C. E. (1990) Disrupción de la red y reconstrucción de la red en el proceso de migración. Sistemas Familiares, Buenos Aires, ano 6 (2).

Sluzki, C. E. (1997) A rede social na prática sistêmica. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Strauss, A. L., Corbin, J. (1990). Grounded Theory Research: Procedures, Canons, and Evaluative Criteria. Qualitative Sociology, London, 13, pp. 3-21.

Tavares, J. (org.) (2001) Resiliência e Educação. São Paulo: Cortez.

Tizón, J. (1993): Migraciones y salud mental. Promociones y publicaciones Universitarias.

Triviños, A. (1987). Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas.

Vasconcellos, M. J. E. (2002) Pensamento Sistêmico – O novo paradigma da ciência. Campinas, SP: Papyrus.

Vianna, E. C. (1998) A migração em um novo contexto sociocultural: o provisório-permanente. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Saúde Pública), Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública Fundação Oswaldo Cruz.

Walsh, F. (1998) El concepto de resiliencia familiar: Crisis y desafio". Sistemas Familiares, 14 (1), pp. 11-31.

Wendt, N. C. (1998) Fatores de risco e proteção para o desenvolvimento da criança durante a transição para a parentalidade. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Psicologia), Florianópolis: UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina.

Werner, E. E. (1995) Resilience in development. Current Directions in Psychological Science, 4 (3).

9. ANEXOS

Anexo1



**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Vimos através deste convidá-lo(a) a participar da pesquisa intitulada “Migração Familiar: da quebra à reconstrução das redes sociais significativas”, realizada pela mestrandia Ângela Hering de Queiroz e pela orientadora Prof^ª Dra. Carmen L. Ojeda Ocampo Moré, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Esta pesquisa tem como objetivo caracterizar o impacto da rede social constituída durante o processo de migração no ciclo vital da família.

A entrevista será gravada em áudio, sendo que seu nome, ou qualquer dado que possa lhe identificar, não será usado. A sua participação é absolutamente **voluntária**. Caso se recuse a participar, isto não trará qualquer penalidade ou prejuízo para você. Mantém-se o direito de desistir da participação a qualquer momento.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar da pesquisa, solicitamos a sua assinatura em duas vias, sendo que uma delas permanecerá em seu poder.

Qualquer informação adicional ou esclarecimento acerca desta pesquisa poderá ser obtido junto às pesquisadoras pelo telefone 3235.1200 / 3331.8214.

Eu, _____, abaixo assinado, declaro por meio deste documento, meu consentimento e em participar da pesquisa "Migração Familiar: da quebra à reconstrução das redes sociais significativas". Declaro ainda que estou ciente dos objetivos da mesma, consentindo que a entrevista gravada em áudio seja realizada e utilizada para a coleta de dados, bem como de meus direitos de anonimato e de desistir a qualquer momento.

Florianópolis, ____ de _____ de 200__.

Assinatura

Anexo 2

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado

Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada**Objetivo:**

Caracterizar o impacto da rede social constituída durante o processo de migração no ciclo vital da família.

1. Dados de Identificação:

Nome da mãe: _____

Idade: _____ Nível de escolaridade: _____

Ocupação: _____

Se trabalha fora de casa, quantas horas por dia? _____

Nome do pai: _____

Idade: _____ Nível de escolaridade: _____

Ocupação: _____

Se trabalha fora de casa, quantas horas por dia? _____

Nome do filho(a): _____

Idade: _____

O(A) filho(a) frequenta instituição de ensino? Sim () Não () Desde que idade? _____

Tempo de permanência no dia: _____

Nome do filho(a): _____

Idade: _____

O(A) filho(a) frequenta instituição de ensino? Sim () Não () Desde que idade? _____

Tempo de permanência no dia: _____

Além dos pais e filhos, há outras pessoas na casa? _____

Estável () Temporário ()

Motivo _____

Renda familiar: _____

Quantos e quem trabalha: _____

2. Processo de Decisão da Migração:

- Cidade de Origem;
- Motivo da migração;
- Como foi o processo de decisão da migração;
- Como foi feita a escolha da cidade de destino;

- De quem foi a idéia de migrar? Alguém foi contra? Quem era a favor?
- Quais providências precisaram ser tomadas para que a migração pudesse ocorrer;
- Quais pessoas da família migraram – alguém da família nuclear não migrou? Alguém além da família nuclear migrou?

3. Processo de Adaptação na Cidade de Destino:

- A família migrou há quanto tempo;
- A família conhecia a cidade de destino;
- Quais providências precisaram ser tomadas na chegada à cidade destino;
- Quais os aspectos favoráveis e desfavoráveis da cultura da cidade de destino;
- Como se sentem na cidade que vivem hoje?
- Encontraram o que esperavam na que vivem hoje?
- Sentem falta de algo da cidade de origem?
- Existiram/existem dificuldades com a linguagem;

4. A Rede Social da Família

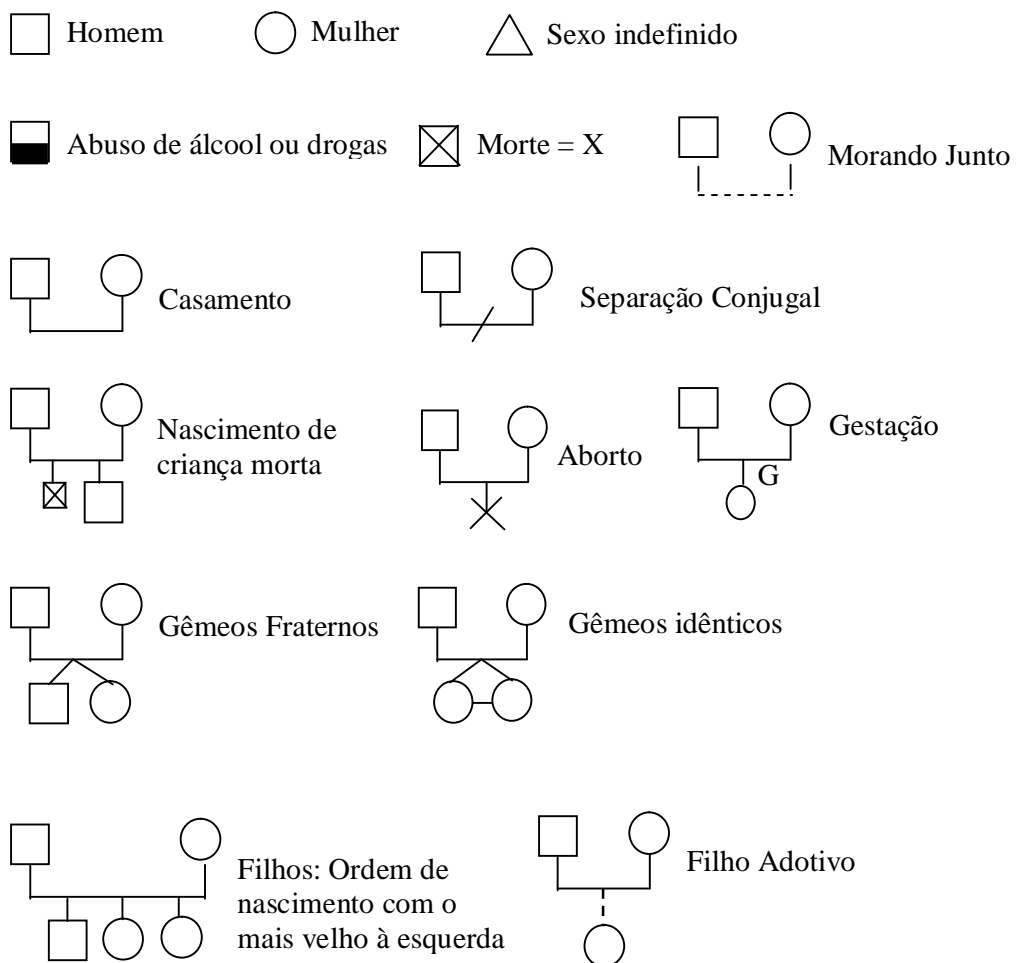
- A família conhecia pessoas na cidade de destino – se afirmativo questionar quem e qual o nível de relacionamento com estas pessoas;
- Receberam algum apoio quando chegaram na cidade;
- Existiram mudanças no relacionamento entre os familiares – família nuclear e extensa;
- Existiram mudanças na rotina da família;
- Existiram mudanças de atividades recreativas – favoráveis ou desfavoráveis;
- Existiram mudanças de atividades religiosas – favoráveis ou desfavoráveis;
- Existiram mudanças de atividades sociais – favoráveis ou desfavoráveis;
- Existiram mudanças de trabalho – favoráveis ou desfavoráveis;
- Existiram mudanças financeiras – favoráveis ou desfavoráveis;

5. Expectativas da Família








- Como a família percebe o processo de migração;
- Quais as expectativas da família na cidade de destino;
- A família pretende permanecer na cidade destino, retornar para a cidade de origem ou ainda migrar para outra cidade;

Anexo 3: Legenda Genograma







Símbolos Genograma



Anexo 3: Legendas símbolos e cores**Legenda de símbolos do Mapa de Redes**

	Florianópolis		Grupo de pessoas
	Religião		Homem
	Vizinhança		Mulher
	Serviços de Saúde		

Legenda de cores das redes

	Do pai		Do 1º filho(a)		Da sobrinha
	Da mãe		Do 2º filho(a)		Da família

10. APÊNDICE

Entrevista Família Souza⁷

Entrevista com Fábio, Tatiana e Carlos da Família Souza

Ângela: ...você é o Fábio?

Fábio: (para o filho) Não fala junto não, hein.

Ângela: Não, pode falar (risos).

Carlos: Carlos.

Ângela: E quantos anos tu tens, Carlos?

Carlos: Quatro.

Ângela: Quatro anos? E já és assim grande? Meu Deus... E me diz, Carlos, de onde que vocês vieram?

Carlos: De Beao Horizonte.

Ângela: De Beao Horizonte... E há quanto tempo que vocês vieram aqui pra Florianópolis?

Fábio: (para Carlos) Você sabe?

Carlos: Muito tempo... (risos de todos).

Fábio: Entre idas e vindas já tem... Pra mim que to aqui há mais tempo, quase quatro anos. Agora a Tatiana e o Carlos, somando a primeira vez que eles vieram, depois voltamos para Belo Horizonte, depois fomos pro Rio Grande do Sul, e agora com essa volta... Uns dois anos mais ou menos, né?

Tatiana: Dois anos.

Fábio: Dois anos...

Ângela: E por que a família decidiu se mudar para Florianópolis?

Fábio: Para falar a verdade, não foi bem uma decisão de família, né? Foi uma decisão de trabalho, assim... Porque eu trabalho com telecomunicações e... O meu trabalho específico tem duas partes: uma é a parte de implantação de equipamentos e a outra parte é a de operação e manutenção dos equipamentos implantados ou de qualquer outro equipamento existente. No caso, aqui eu sou funcionário de uma empresa de Telecomunicação. E eu trabalhei algum tempo com implantação e, o que é que acontece: cada dia você está num lugar. Um dia eu estava aqui, outro dia eu estava no Nordeste, outro dia no Norte, outro dia... Mais pro sul ainda... E, a partir do momento que você constitui uma família... Quando você é solteiro, é até divertido, você está em vários lugares, conhecendo várias coisas diferentes, etc. Mas a partir do momento que você tem uma família, principalmente filhos, é uma coisa mais complicada. Então foi isso que fez a família migrar. Por que eu tive oportunidade de trabalhar com operação e manutenção, que é uma coisa fixa, eu trabalho com gerencia de equipamento. E aí eu pude trazer a minha família, a Tatiana e o Carlos e estar aqui com eles.

Ângela: E como é que foi o processo de decisão, Tatiana? Como é que foi pra ti, a decisão de vir, de sair de Belo Horizonte?

Tatiana: Não foi fácil. Por que... Eu, assim, adoro a minha terra, adoro Belo Horizonte. E também lá eu estava trabalhando, aí tive que largar o meu trabalho. Foi uma decisão difícil, mas que valeria

⁷ Todos os nomes foram alterados para preservar a identidade dos entrevistados

a pena. Assim, se a gente fosse por num papel, ia valer à pena. Mas aí a gente acabou vindo, e estamos aí, há dois anos.

Ângela: Mas a escolha de Florianópolis, foi pela empresa?

Tatiana e Fábio: Foi... pela empresa.

Ângela: Não foram vocês que escolheram, “ah, queremos ir pra Florianópolis”?

Tatiana e Fábio: Não...

Fábio: Porque a empresa tem... ela tem COM aqui em Florianópolis, né? Mas aí como eu trabalho hoje para a Empresa X ou era aqui ou era em lugar nenhum.

Ângela: E de quem foi a idéia de migrar então, foi nessa questão de trabalho... e alguém foi contra essa mudança de vocês, mesmo da família, ou os pais...?

Tatiana: Ah, com certeza, os pais... não queriam que a gente viesse. Principalmente muito, assim, agarrados com o Carlos. Os avós principalmente... ninguém gostou que a gente veio. Mas torceu pra gente. Falou: “Não, vai, porque vai ser bom para vocês e tal”. Mas muita gente foi contra.

Fábio: (rindo) Com certeza...

Ângela: Alguém que... vocês moravam junto com alguém e que daí não veio?

Tatiana: Não. Só nós três mesmo.

Ângela: E... assim, que providências precisaram ser tomadas? A tua (Fábio) transferência foi mais ou menos imediata, né? Foi pela empresa... mas e tu (Tatiana) precisou ver a questão de trabalho, quais foram as providências que precisaram de documentação, de escola, do Carlos, como é que foi?

Tatiana: É... o Carlos... na escola lá, ele tinha saído da escola em que ele estava, por causa que ele não estava adaptando bem, então ele ainda tava até sem estudar até tem... uma escola, assim, não fá... não teve problema. O meu foi o trabalho mesmo, que eu tive que pedir conta, eu tive que dar entrada na papelada toda e isso eu fiz aqui, eu não fiz lá em Beao Horizonte. Aí... foi só isso, só eu ter saído do emprego mesmo que foi o mais difícil, assim... e agora aqui eu não to trabalhando...

Ângela: Ah, daí tu não... aqui tu não... porque tu não procurou, não quis trabalhar aqui ou por que tu...?

Tatiana: Não procurei.

Ângela: Não procurou...

Fábio: Mas também foi uma opção minha a principio pelo seTomasnte: porque o Carlos tinha aquela coisa de se ambientar, e ela também, porque ele já não estava se adaptando na escolinha que ele estava em Beao Horizonte – por isso nós tivemos que tirar – e aí ele veio para cá, e já chegou... era final do ano, né, Tatiana?... meio do ano mais ou menos...

Tatiana: Nós chegamos em junho...

Fábio: Aí é aquela coisa de procurar outra escola no meio do ano... até porque criança, pra se adaptar é muito rápido. E aí eu optei, que seria melhor ela não trabalhar, por enquanto, pra ficar com o Carlos, pra dar uma atenção maior para ele... e até então a gente ta mais ou menos por aí... mais ou menos... todo mundo 100% ambientado, né? Praia pra todos os lados, né? Mineiro gosta pouco de praia... (para Carlos) né, Negão?

Ângela: (para Carlos) Você gosta de ir nas praias aqui de Florianópolis?

Carlos: (responde que sim com a cabeça)

Ângela: E vocês conheciam Florianópolis? (para Fábio) Tu já... tinhas vindo antes, né?

Fábio: Isso. Eu conhecia por que eu já tinha vindo antes. Mas quando eu estagiei aqui foi complicado, por que na época que eu vim, primeiro eu trabalhava com implantação. Então eu trabalhava 12, 14, 16, já cheguei a ficar 30 horas direto dentro da Brasil Telecom por que era muito trabalho, muita coisa para se fazer... eles precisavam de tudo para ontem...então eu conheci... assim, conheci Florianópolis de estar aqui, saber onde fica no mapa, digamos assim, mas conhecer mesmo a cidade, onde se morar, e etc. até mesmo o convívio com as pessoas... isso a gente passou até um pouco mais depois que a Tatiana veio. Que aí eu migrei, né, como te falei, para a operação, e aí você fica mais tranqüilo, por que você tem um horário de trabalho. Acontece às vezes de acontecerem imprevistos e você ter que trabalhar mais e etc, mas aí já é uma coisa mais estável, mais constante...

Ângela: (para Tatiana) E tu já conhecias Florianópolis?

Tatiana: Não. Não conhecia...

Ângela: Nunca tinhas vindo?

Tatiana: Nunca tinha vindo.

Ângela: E quando chegaram, quais foram as principais providencias que precisaram ser tomadas?

Tatiana: Moradia, né... foi o mais, assim...

Fábio: No caso, isso foi o que eu fiz, né? Porque quando a Tatiana e o Carlos vieram, eu já tinha olhado lugar para morar, já tinha uma casa alugada, etc, etc. só que é aquela coisa, como tudo é as pressas, tudo é na correria, e você não conhece bem o lugar, então você nunca sabe onde é um bom lugar para se morar, onde não é um bom lugar para se morar... Aí eu estava morando inicialmente em Canasvieiras, que eles adoram Canasvieiras, mas na temporada não me agrada, porque fica muito cheio. Ficamos um mês. Mas aí, no momento que você está no lugar, você vai se adaptando, você vai conhecendo melhor os lugares, as pessoas que moram na cidade, conversa com um, conversa com outro... e começa a se ambientar...

Ângela: E logo acharam uma escola pro Carlos ou ele só entrou no ano seguinte, na escola?

Tatiana: Não achamos, porque onde a gente estava morando que era aqui mesmo... no continente... tinha uma escola bem perto. Aí eu já procurei, né, pra ele... e ele já estudou... desde o ano passado que ele está estudando...

Ângela: E tu (Carlos), gostou da escola?

Fábio: (para Carlos) Responde pra ela...

Carlos: Gostei.

Tatiana: Qual foi a sua primeira escola?

Carlos: Planeta Criança...

Fábio: Agora, onde você estuda?

Carlos: Pingo no I...

Fábio: Isso...

Ângela: Pingo no I... que legal...e, quais são os aspectos que vocês gostam em Florianópolis? O que vocês acham de mais favorável de morar em Florianópolis?

Fábio: Na minha opinião, o que eu acho mais favorável de morar em Florianópolis é ainda uma, entre aspas, aquela sensação de segurança. Porque Florianópolis, apesar de ser uma capital, mas é uma capital... é uma cidade pequena com uma população que não é grande e você ainda tem, igual eu falei, entre aspas, uma falsa sensação de segurança. Porque...em grandes centros, igual eu trabalhei, em grandes capitais, São Paulo, Porto Alegre, a violência está muito grande...

Tatiana: Até mesmo em Beao Horizonte, né?...

Fábio: Mesmo em Beao Horizonte... a violência ta muito grande, uma coisa que assusta... e Florianópolis é aquela coisa, você ainda tem aquela sensação assim, de estar seguro, de ser um bom lugar para criar os filhos e etc. por aí. Isso na minha opinião é a melhor qualidade que a cidade tem...

Ângela: E assim, o aspecto mais desfavorável da cidade?

Fábio: O aspecto mais desfavorável da cidade?

Ângela: Ou os aspectos mais desfavoráveis...

Fábio: Eu diria os aspectos... eu vejo que... você é local? Você é daqui?

Ângela: Eu sou.

Fábio: Então desculpa a franqueza...

Ângela: Não, imagina... pode falar...

Fábio: ...mas eu vejo que Florianópolis é uma cidade que investe pouco nela para quem vive nela. Aqui as coisas giram muito em torno do turista. O turista, quando vai chegar, a temporada vai chegar, o turista quer isso, o turista quer aquilo... mas quando se trata da pessoa, da pessoa que é local, você tem poucos recursos. Eu vejo por exemplo, o transporte coletivo aqui é complicado... porque tem pessoas que trabalham com a gente no COM, trabalham em horários que... saem mais tarde, meia noite, uma hora da manha...e têm dificuldades com ônibus... essas coisas. Normalmente as pessoas que trabalham nesse horário *têm* que ter carro e, até mesmo as pessoas da cidade... eu tive uma certa dificuldade pra... pra me relacionar com as pessoas, tanto que o meu círculo de amigos... eu tenho dois amigos que são daqui. O resto é de São Saulo, é do Maranhão, do Rio Grande do Sul, é de Minas... e por aí vai... eu acho que... eu que sou mineiro, eu to acostumado assim... mineiro... dizem que é come quieto, mas ele é extremamente receptivo, prestativo e etc. e... as pessoas de Florianópolis elas não são muito isso não... elas vêem muito o lado delas...se você... eu vejo muito isso no meu ambiente de trabalho... se você é daqui, se você é local, tem gente disposta a ajudar e etc. se você não é... ou você ta aqui ocupando o lugar de alguém, de um deles, e até mesmo eles, pelo fato de eu falar que não tem uma estrutura legal pra eles que moram aqui... por que eles também não enxergam as coisas dessa forma... eu acho que pra partir pra uma mudança, você tem que ver um defeito. Por que se você acha que está tudo ok, a necessidade de mudança não vai surgir nunca...então, aqui eu vejo que as pessoas vivem mais ou menos dessa forma... não sei se é uma questão cultural, o que é que é...né? Mas na minha opinião é mais ou menos isso aí...

Ângela: E tu, Tatiana?

Tatiana: É, esse fato de... esse contato com o pessoal daqui, até eu mesmo que fico pelo bairro, conheço as pessoas na Igreja, nos... onde a gente mora, assim... eu não converso muito com as pessoas daqui eu acho que elas são meio... não são muito de cumprimentar, e tal... Então...e a maioria das pessoas que eu conheci também são de São Saulo, até de Minas mesmo eu conheci... e só... mas também o meu contato é pouco, né, o do Wiliian ainda é mais, né, por que você trabalha, né amor? E eu acabo... o meu contato é o mesmo dos dele. Então, eu conheço as pessoas que ele conhece. A gente sai junto, a gente vai pra praia junto, é as mesmas pessoas...

Ângela: E como é que tu te sentes em Florianópolis?

Tatiana: Olha, pra falar a verdade, eu... assim... é que eu também não saio muito... e o fato também da gente estar trabalhando, não ta conhecendo muita gente, então assim... eu fico mais é em casa e quando eu saio eu já tenho aquele... aquelas amigas que eu vou, então assim, eu não tenho muitas amizades aqui em Florianópolis, então não dá pra mim falar, ah, eu não... sabe...? Eu gosto... eu gosto daqui, eu acho... igual o Fábio falou, eu acho também que é uma cidade assim, mais tranqüila, até mesmo em vista de Beao Horizonte, eu gosto... agora to gostando mais... quando eu cheguei, eu fiquei meio assim... mas agora eu já estou acostumando mais, assim, aqui, em Florianópolis...

Ângela: E tu, Carlos, gostas de Florianópolis?

Carlos: Hu-hum...

Fábio: Responde pra ela...

Ângela: Tem que falar, senão o gravador não escuta...

Fábio: Exatamente, porque o gravador só grava a sua voz, ele não ta te filmando não...

Carlos: Gostei.

Ângela: É? E o que é que tu mais gostas aqui de Florianópolis?

Carlos: Hmm... de passear!

Ângela: De passear... e o que é que tu não gostas?

Carlos: Hmm... do esgoto... (risos)

Ângela: do esgoto? É isso aí... e tu, Fábio, como tu te sentes, em Florianópolis?

Fábio: Olha, Ângela... eu me sinto como eu falo pra todos os meus amigos, todo dia: eu to aqui pela questão de trabalho, ta... porque... eu não vou te dizer que eu não tenho um bom trabalho, que eu não tenho um bom salário, porque se eu te dissesse isso, seria mentira. Então, eu to aqui, em função disso... Mas é igual eu falo, pros meus amigos: Se eu achasse, em Belo Horizonte, um trabalho para ganhar a metade do que eu ganho aqui, eu já teria ido embora. Infelizmente lá, a gente não tem... é aquela coisa... quanto mais você se especializa em alguma coisa, mais restrito você ta no mercado de trabalho...e, é a minha condição. O equipamento que eu trabalho, tem pouca gente no Brasil que trabalha com isso e até por isso que, assim... eu não tenho nível superior, não sou engenheiro, eu sou técnico, mas ainda assim, eu tenho um salário mais alto do que muito engenheiro ganha. Então, esse é o problema: você ser especialista em alguma coisa, mas aquele equipamento não tem em qualquer lugar para você trabalhar... essa é a minha condição. Quer dizer... aí eu tenho esperança de... da OI, tem falado muito em migrar o COM dela... que o da fixa já é em Minas, em Belo Horizonte, mas o da móvel é no Rio. Então ela tem falado muito em migrar o COM dela por... por questões de segurança, de o Rio ser uma cidade perigosa, violenta, de migrar o COM dela para Minas. E ela também tem o equipamento que eu trabalho. Caso ela migre, eu vou tentar bastante, assim, intensamente. E aí, vou embora, deixo saudade só dos amigos... porque do resto... eu sou um mineiro atípico, eu não gosto de praias, então... pra falar, ah, tem praia pra todo lado... não é o que me prende num lugar...

Ângela: E encontraram o que esperavam de Florianópolis? Ou não?

Tatiana: Eu achava que era mais, assim... eu achava que... todo mundo falou que eu ia vir pra uma cidade de primeiro mundo... aí, eu falei assim, Nossa, que... No ensino, tudo bem, eu acho muito ótimo, no ensino... o Carlos, ele está no jardim e já sabe... assim, muitas coisas que ele aprendeu assim, muito rápido, né, Fábio?... Mas, assim, por ser de primeiro mundo, assim, eu não vi tanto assim... eu achava... quando eu to lá no serviço, algumas pessoas que vinham aqui como turismo, como turista, eles viam assim. Muita gente diz, sabe: "Ah, eu conheço lá, mas só passeando". Você, morar, no dia a dia, é outra coisa, aí não é tão... bem assim... mas é uma cidade boa, eu gosto de Florianópolis. Eu até, se a gente fosse ficar aqui mesmo... mas assim, como é muito instável... a gente não tem certeza se vai... quanto tempo vai ficar aqui, se vai ficar mais sei lá quantos anos, então, assim, não dá pra me programar muito pro futuro. O que eu penso: Ah, poderia procurar um emprego... até mesmo pra mim saber como que é... como é lá fora, procurar um emprego, aqui em Florianópolis...porque lá em Beao Horizonte eu sei... não é fácil. Em Beao Horizonte não é fácil você arranjar um emprego assim... você tem que procurar bastante, ainda mais se for um emprego bom. E aqui eu não sei, eu nunca procurei, pra mim ver como que é...eu tenho essa vontade, às vezes, de sair pra mim poder ver... mas é... é isso aí.

Ângela: E o que é que sentem... sentem falta de alguma coisa de Beao Horizonte? O que é que mais sentem falta de lá?

Fábio: Em primeiro lugar, com certeza, da família e dos amigos.

Tatiana: Da família...

Fábio: E segundo, aquela coisa... pra mim, né? Aquela coisa de você estar num lugar, você conhece todo mundo; que, você se sente... eu particularmente em que eu me sinto bem de estar. Eu não me sinto bem em Florianópolis. Não é o lugar em que eu cheguei, assim... que eu falei: não, eu me identifiquei com o lugar, é a minha cara! Florianópolis, infelizmente não é esse lugar...então aquela coisa, eu to aqui, como eu te disse, por necessidade, mas... felicidade... não é bem aquilo não...

Ângela: E teve alguma dificuldade com a linguagem? De falar diferente aqui e lá?

Tatiana: Ah, isso é em todo lugar. A gente entra num mercadinho aí, ah, você não é daqui, de onde você é? Todo mundo te pergunta isso. Você ta dentro da Igreja, se você fala “A paz de Marianato” pra alguém, olha, você não é daqui... tem curiosidade pra saber de onde a gente é... ai alguns já falam “Ah! Você é mineira...” eu falo: “é, eu sou mineira...” é sempre todo lugar que eu vou eles me perguntam do sotaque... é por causa do sotaque. E o sotaque deles aqui, eu já acostumei, o pessoal...

Ângela: Mas teve alguma dificuldade de entender alguma palavra?

Tatiana: Algumas pessoas como aquele senhor da máquina, que eu te falei que eu ficava assim tentando entender o que ele estava falando, mas eu não conseTomasa. Por sinal ele falava muito rápido, eu achei que ele falava muito rápido.

Fábio? É, pra Tatiana talvez haja alguma diferença, agora pra mim, como eu viajo muito... um dia tava... agora eu parei, né? Tem dois anos já, quase... mas como eu viajava muito, um dia no Sul, um dia no Nordeste, um dia no Norte, então aquela coisa, assim, do Brasil ser muito grande, né, várias culturas... e, pra mim foi tranquilo...

Tatiana: É, pra criança é que pega, assim, né, o sotaque. A gente ainda não pega assim, mas eu acho que se a gente tivesse mais contato com o pessoal daqui, talvez saia até algumas coisinhas. Mas o Carlos as vezes ele fala bem... assim, puxando o sotaque daqui...

Ângela: Ele já pegou o sotaque daqui, de manezinho, Carlos?

Tatiana: De manezinho?

Ângela: Tu já falas... como é que tu falas, com o sotaque dos teus pais ou com o sotaque de manezinho? Aqui da cidade de Florianópolis?

Carlos: O sotaque do meu pai e da minha mãe.

Ângela: Ah, tu tens o sotaque do teu pai e da tua mãe, né?... E ninguém da família de vocês ta aqui por Florianópolis, né, ficou todo mundo em...

Fábio: Ficou todo mundo em Belo Horizonte.

Tatiana: Só vem passear...

Fábio: Meu pai todo ano, com a minha mãe, no aniversário do Carlos, em outubro. Todo ano eles vem. E ano passado a minha sogra veio.

Ângela: E quando vocês chegaram em Florianópolis, vocês receberam o apoio de alguma instituição, ou de alguém, algum suporte? Tiveram algum suporte quando chegaram a Florianópolis?

Tatiana e Fábio: Não...

Ângela: Não tiveram nenhum, nem de posto de saúde, nem ninguém?

Tatiana e Fábio: Não...

Ângela: E teve mudanças no relacionamento entre vocês e entre vocês e a família de vocês? Teve esse afastamento físico, mas mudou a relação de vocês com a família de vocês? Como foi?

Tatiana: Não, não mudou. A gente ta sempre se falando por telefone, internet, então... a gente mata muito a saudade assim, e a gente... não mudou nada.

Fábio: Muda... é relativo, né, a mudança é relativo... porque, há aquela coisa de uma saudade maior, então, eu acho que a distancia, que o afastamento...

Tatiana: Mais os amigos, né? Os amigos acabam assim, se distanciando... alguns...

Fábio: Eu vejo que a distância e o afastamento em alguns pontos são bons, por que... até mesmo para um casal, às vezes você tá vivendo uma fase difícil, tá numa fase meio, de brigas e, sei lá, no relacionamento... e aí, por exemplo no meu caso, eu falo isso por causa da minha experiência com a Tatiana. Aí, você viaja e fica fora um tempo, e aí aquela coisa de você não estar junto ali todo dia, de repente pequenas coisas que estão te irritando diariamente você consegue contornar e aí, de repente você estando longe, é o que eu falo, às vezes você tem que dar um passo para trás, pra observar uma situação de um ângulo diferente, pra conseguir resolver aquele problema. É por isso que às vezes é muito mais fácil para você que está fora me dar um conselho, do que eu que to ali dentro daquele problema, que tenho conhecimento de toda a situação, mas não consigo enxergar uma possível solução. Então, eu acho que o afastamento em alguns pontos são bons. Por exemplo, a questão de amizades, você consegue distinguir melhor, quem as vezes são seus reais amigos e quem não são. Aquelas pessoas ali, que te ligam de vez em quando, ou que vão sempre à sua casa, ou melhor, no caso vão à casa dos meus pais, pra saber como é que a gente está, o que a gente tem feito e até mesmo quando você volta. É aquela questão de saudade, aquela pessoa que vai pra te procurar, e tal, pra conversar, pra saber como é que você está... ou senão vai ali só porque tá indo, pra fazer uma média e etc. então, acho que o afastamento tem os seus prós e os seus contras. Nada na vida é de todo bom nem de todo ruim.

Ângela: E na rotina da família de vocês, teve muita mudança? Na família nuclear, tu, a Tatiana e o Carlos?

Fábio: No meu conceito teve bastante, sim. No início, foi uma fase mais turbulenta, porque tem aquela coisa e tal, da Tatiana... eu, já era minha vida, de viver viajando, de estar num lugar e estar em outro... mas pra ela era novidade. Então ela estava, aquela coisa ali, acostumada, por exemplo... ela ia trabalhar, deixava o Carlos na casa dos meus pais, quando não podia ser lá, deixava na casa da mãe dela, ia trabalhar, tinha a rotina dela, os amigos e tal... no final de semana ia pra casa mãe, etc. veio pra cá... a princípio você chega com aquele ar, assim: eu sou turista. Aí, eu quero ir em todo lugar; Ah, ouvi falar que praia tal é bonita. Eu quero ir. Ah, ouvi falar que isso é bonito, eu quero ir... e aí, gera um primeiro desconforto pra mim, por exemplo, porque eu não sou turista. Eu não me vejo como turista, porque eu sou uma pessoa que trabalha eu preciso ganhar dinheiro. E aí eu sou uma pessoa que preciso ter uma vida, eu trabalho, e etc. eu não sou turista aqui. Aí surgem pequenos desentendimentos à princípio por isso. Por quê? Porque ela abandonou tudo o que ela tinha, que já era... vamos dizer, o chão dela, que já era seguro ali... para ela, como pessoa... e aí, o que é que acontece? Tá aqui, eu saio para trabalhar e ela tem que ficar em casa, não conhece ninguém, precisa de uma farmácia e às vezes não sabe onde é, precisa de um supermercado, às vezes não sabe onde é...então, no início isso foi uma coisa bastante complicada. Essa adaptação inicial foi bem complicada. Mas aí, depois disso, na minha opinião, a nossa vida melhorou.

Tatiana: Eu comecei a conhecer a cidade, andar pra todo lado...

Fábio: Começou a conhecer a cidade, começou a andar sozinha... e mesmo, aí a nossa vida pessoal já... por que aí... família é ótimo. Mas as vezes você tá com a sua família, você tem um desentendimento, aí você vai pra casa do seu pai, ela vai pra casa da mãe dela, aí são opiniões diferentes, em torno de um milhão de coisas diferentes, entendeu... você fica se espelhando: “Ah, mas o marido da fulana é isso, o marido da fulana é aquilo”... não que a Tatiana faça esse tipo de comentário com a família dela em relação aos problemas, ou que eu faça com a minha família, ou vice e versa, eu faça com a dela e ela com a minha... mas é aquela coisa, querendo ou não, você tá ali no meio de família, você escuta, você vê coisas que acontecem, diferentes com outras pessoas e quando você discute, briga por algum motivo, qualquer coisa é suficiente para às vezes agravar aquela situação ali, o comentário ali. Então aqui eu vejo que isso mudou e melhorou bastante. Pelo menos no meu ponto de vista, melhorou bastante pra gente...

Ângela: E nas atividades recreativas, tiveram mudanças?

Tatiana: Acho que aumentou. Acho que agora que a gente tem mais tempo, como eu não trabalho... porque em Minas, ainda tinha assim, o Fábio as vezes não trabalhava final de semana, lá em Belo Horizonte. Quando ele trabalhava, ele não trabalhava final de semana, e eu ainda trabalhava no sábado. Então a gente queria fazer alguma coisa e ficava preso ali, né, Fábio?

Fábio: Hu-hum...

Tatiana: E aqui, não. Eu to sempre disponível. Então se ele está de folga numa quarta-feira, a gente sai numa quarta-feira e vai passear... ah, eu acho que aumentou bastante, o nosso roteiro, assim, de passear...

Fábio: E a questão assim, de praias, né? Porque, como eu disse, eu sou um mineiro atípico, porque eu não gosto de praias. Mas, Dona Rosilene e o Senhor Carlos são bem...mineiros, assim, bem mineirinho mesmo... então...

Tatiana: Ah... eu gosto...

Fábio: Por exemplo, quando eu morei em Canasvieiras era uma maravilha pra eles, porque eles iam pra praia a hora que queriam...

Tatiana: Não, Canasvieiras a gente não curtiu muito.

Fábio: É, mas na Barra, por exemplo, foi só sossego. Então eu acho que além de ter aumentado a quantidade de lazer, deu uma diversificada, também. Porque, em Minas a gente ia ao Shopping, ao parque, essas coisas. E aqui você pode ir num Shopping, pode ir num parque, às vezes vai à praia...

Ângela: E nas atividades religiosas? Tu (Tatiana) já falou que vais à Igreja... E conseguiu encontrar aqui a mesma igreja que tu ia lá? Ou teve mudança?

Tatiana: Não, é a mesma. É a Católica que eu frequento. Aí eu comecei a frequentar em Canasvieiras. Lá a gente... eu adorava a Igreja lá... eu me senti bem, assim... apesar de que tem um diferencial da Igreja de lá e a daqui é o que? Mas são coisas assim, por exemplo: lá tem o folhetim, aqui não tem, coisas assim. Aqui a gente canta junto. Mas aí você vai acostumando. Agora quando eu fui em Minas em julho...

Fábio: A missa aqui é mais rápida...

Tatiana: É, quando eu fui em Minas em julho eu senti assim uma diferença, eu senti até, sabe... falei assim: “Mãe, como eu to acostumada” e eu estava assim... Então como é diferente... é um pouco diferente. É a mesma religião, Católica, mas tem uma diferença, assim, por causa de Estado, sei lá... aqui é de um jeito... mas aqui eu continuo frequentando a Igreja Católica e eu gosto tanto daqui... eu vou muito no Santuário ali no Continente... me senti bem, assim, em paz, numa boa...

Ângela: E não deixa de ser um espaço de encontrar pessoas, ou de...

Tatiana: Também. Porque, quando eu tava indo muito no Santuário, eu acabei... as vezes eu encontrava as mesmas pessoas. A gente acabava se cumprimentando e tinha uma senhorinha que... ela sempre me via, aí, quando... um domingo que eu não ia ela: “ah, senti sua falta, e do seu menininho” Que ela ficava olhando o Carlos, porque ele ficava comportado dentro da Igreja. Ela dizia “gente, que é difícil uma criança uma criança comportadinha... aí ela acabou... vai conhecendo...”

Carlos chama a atenção do pai, para mostrar alguma coisa.

Ângela: E no trabalho vocês já falaram, e no financeiro tu também já disseste que teve... a mudança pra cá, financeiramente foi mais favorável pra ti, né?

Fábio: Com certeza.

Ângela: E como vocês percebem a migração? Vocês não vieram então para ficar. Vocês pensam em voltar?

Fábio: Eu penso em voltar.

Ângela: (para Tatiana) Tu também?

Tatiana: Eu também.

Ângela: Mas quais são as expectativas que vocês têm aqui em Florianópolis? Quais são as metas que vocês têm? Vocês têm alguma meta?

Tatiana: Olha, eu acho que...tipo assim, vamos dizer, com o Fábio trabalhando aqui muitas coisas aconteceram, né, Fábio? A gente tem casa em Minas... a gente ficou de dar uma reforma boa na nossa casa em Minas...né? comprou um bom carro... eu acho que a gente teve muitas coisas boas aqui...é o que me faz sentir bem aqui em Florianópolis, né? Até por causa de algumas coisas que a gente tem alcançado. Então eu falo assim: “ah, Fábio... eu fico aqui enquanto a gente estiver bem”. Lucrando, assim, conseguindo as coisas...

Fábio: É, o meu foco também em termos de metas é... porque eu não consigo... eu não consigo me planejar, não sei se é porque eu não gosto daqui, porque eu não me sinto bem, eu não me planejo aqui. Eu não me planejo aqui em Florianópolis. Eu planejo, por exemplo, minha vida, o meu salário pra coisas que eu... mesmo se eu adquirir aqui, que eu possa carregar comigo. Por exemplo: como a Tatiana falou, adquirimos um carro melhor, agora no final do ano que vem eu já vou trocar de carro, fiz uma reforma na minha casa...

Ângela: Aquela lá de Minas?

Fábio: A casa lá de Minas. Tenho o intuito de comprar um outro apartamento... lá em Minas, entendeu? Então, o meu foco, os meus objetivos... é de conseguir levantar alguma coisa lá. E de repente quando eu sair da área de Telecomunicações... bom a gente estava conversando ontem... dois amigos mais eu, lá no local de trabalho mesmo... todo mundo foca a mesma coisa... de levantar uma grana, conseguir alguma coisa, e levantar uma grana e trabalhar em outro lugar.

Ângela: E vocês vão com frequência pra Minas?

Tatiana: Não... a gente foi em julho. Aí agora no final do ano o Carlos tá de férias... a gente vai de novo. Vamos passar o Natal e o ano novo lá.

Ângela: E agora eu queria desenhar com vocês... tem mais alguma coisa que vocês acham importante falar, que queiram falar da migração de vocês pra cá que eu não perguntei?

Fábio: Eu acho que basicamente é isso...

Ângela: Agora eu queria desenhar assim, com vocês um **Mapa de Redes**. O mapa de redes é mais ou menos assim:

A entrevistadora explica o Mapa de Redes para os entrevistados, como segue abaixo:

Ângela: (Marcando no Mapa) Aqui está o Fábio... Carlos, escolhe uma cor, Carlos!!!

Fábio: (para Carlos) Que cor que você quer pra você? Escolhe uma cor... laranja, amarelo, verde, roxo, azul, marrom...

Carlos: Marrom!

Ângela: Tá, então o Carlos vai ser o marrom.

Fábio: (para Carlos) Ficou bonito?

Ângela: Tu és esse quadradinho ali. E daí o mapa de redes é a gente desenhar quais são as pessoas que são do relacionamento de vocês. Daí a gente faz um ponto... cada cor pra cada um... faz um ponto pra cada pessoa do relacionamento de vocês, que são: pessoas da família, ou que são amigos, pessoas do trabalho, ou do colégio, do serviço de saúde, da comunidade, que normalmente entra a Igreja também nesse item... e daí aqui tem três círculos. No primeiro círculo, são aquelas pessoas com quem vocês falam que são muito próximas, que falam quase que diariamente, são as pessoas mais próximas que ficam dentro desse círculo. O do meio são aquelas pessoas com quem vocês têm uma rotina mais comum, mas que não são tão amigas, de contar segredos, de contatos... são as pessoas que vocês têm convivência, mas que não são tão próximas. E o terceiro são as pessoas que

tem bem menos contato, assim, mas que fazem parte do círculo de relacionamento de vocês. A gente pode até começar pelo Carlos?

Fábio: Posso ajudar? Vamos lá...

Ângela: Quem são os amigos do Carlos?

Tatiana: Daqui, Carlos...

Carlos: Daqui?

Tatiana: É.

Carlos: Ana...

Ângela: Aninha... ela é do colégio?

Fábio: Não. São amigos.

Ângela: Aninha...

Carlos: Josi...

Ângela: A Josi...

Carlos: Também não é do colégio.

Ângela: Também não é do colégio...

Carlos: Duda... não é do colégio também.

Ângela: Duda...

Carlos: Alisson...

Ângela: Alisson... nossa, quantos amigos que tem o Carlos...

Fábio: (para Carlos) Fala assim, Lu, que você é muito popular... (risos)

Carlos: Eu sou muito popular... e João Pedro.

Tatiana: E na escola nova?

Fábio: E os da escola?

Carlos: Na escola nova? Na escola nova é Jamila...

Ângela: Jamila?

Carlos: É.

Carlos: Joãozinho...

Carlos: E... Ricardo.

Tatiana: Você fala muito do Nicolas...

Carlos: Nicolas... o Nicolas é o mais bagunceiro...

Ângela: É o mais bagunceiro, o Nicolas?

Carlos: É...

Ângela: E quem mais? Que é bem amigo teu? E aqui na vizinhança tem algum?

Tatiana: A Bianca... você esqueceu da Bianca...

Carlos: Bianca...

Ângela: Da vizinhança? Ou é do colégio?

Fábio: Não, não... a Bianca tá entre os amigos dele...

Tatiana: Não, aqui a gente mudou faz pouco tempo... então ainda...

Ângela: Não tem ninguém ainda...

Carlos: Bianca!

Tatiana: Só os da escolinha mesmo...

Ângela: E da família, de quem que o Carlos é mais próximo? Não precisa necessariamente morar aqui, mas as vezes é uma pessoa, um avô, sei lá, que tá... muito próximo... quem que...

Carlos: Vô Marcelo...

Ângela: O vô Marcelo...

Carlos: Vovô Tiago...

Ângela: Vovô Tiago...

Carlos: Tomas...

Ângela: O Tomas é quem?

Tatiana e Fábio: O Tomaslherme...

Ângela: É primo?

Tatiana e Fábio: É priminho...

Carlos: Lucas... tá dentro da barriga da tia Mariana...

Tatiana: Não, já nasceu... é que ele sempre fala que o Lucas é irmão dele...

Ângela: Lucas...

Carlos: É irmão meu...

Fábio: Não, é seu primo... tio Picolé...

Carlos: Tio Picolé... (rindo)

Tatiana: (rindo) Pára, Fábio...Não, é tio Valmir

Carlos: Tio Valmir...

Fábio: (rindo) É tio Picolé...

Carlos: Tio Valmir, mas eu falo de tio Picolé mas é tio Valmir...

Ângela: Tá...Tio Picolé, eu vou escrever... (risos).

Fábio: É tio Picolé. Seu tio Picolé ficou famoso... (risos)

Carlos: Thais.

Tatiana: Priminha...

Ângela: Ele sabe bem, né, ele é bem ligado! Assim, quem que é da família, quem que é de onde... Quem mais?

Carlos: Neto.

Fábio: Neto. É o primo.

Carlos: Primo também.

Ângela: Quantos primos, né?

Carlos: E... Stela.

Ângela: É prima também?

Carlos: Pedro...

Ângela: Pedro... nossa, tem bastante primos...

Fábio: São sete ou oito...

O PAI SUSSURRA ALGUNS NOMES PARA O FILHO, DAQUI EM DIANTE...

Carlos: Vovô Marina e vovó Solange...

Ângela: Marina... vovó... Solange... Mais alguém que tu queres falar, que tu gosta muito?

Carlos: Padrinho Neném...

Ângela: Ah, tem um dindo?... E essas pessoas todas aqui moram...em Beao Horizonte?

Tatiana: Em Beao Horizonte.

Ângela: Padrinho Neném?

Carlos: Padrinho Neném!

Ângela: Padrinho... Neném... Mais alguém?

Carlos: Tia Mariana... Tia Vânia... (rindo)

Ângela: Olha, ele tá quase ocupando todo mundo... e todas essas pessoas são bem próximas dele?

Tatiana: São bem próximas.

Carlos: Tia Coralina...

Ângela: Tia Coralina?

Ângela: Tia Coralina...

Carlos: Tia Beatriz

Ângela: Tia Beatriz...

Carlos: Tia Rose... tia Beatriz é mãe da Stephany e do Neto... e do Juan.

Ângela: E do Pedro, né? E a outra? Era a tia Beatriz e a tia?

Carlos: Rose. Mãe do Tomas. E da Thais.

Ângela: E da Thais... Não esqueceu ninguém?

Carlos: Tio Aution...

Ângela: Ailton? (risos de todos)

Carlos: Ailton...

Ângela: Tio Ailton... Mais alguém que tu queres falar? Da tua família? A família tá grande, hein?

Carlos: Cabô!

Ângela: Acabou? E aqui da comunidade então não tem ninguém? Tem algum amiTomasinho dele, fora esses aqui que ficou lá de Beao Horizonte ou ele era muito pequenininho ainda quando saiu?

Fábio: Tinha o Vinícius que ele brincava muito...

Tatiana: É, tem o Vinícius, tem a Luciana, né?

Ângela: Mas que se afastaram, agora um pouco...

Tatiana e Fábio: É...

Ângela: Vou botar aqui... mais afastaram... Vinícius... mas se for pra lá pode encontrar, às vezes...?

Carlos: Luciana!

Fábio: O Vinícius é nosso vizinho lá... a Luciana já vai ser meio difícil, porque o pai dela também mudou para Espírito Santo...

Tatiana: E tem o... como é que ele se chama? Saulo?

Fábio: Saulo Júnior.

Ângela: Saulo Júnior... mas também está mais afastado?

Tatiana: Estão em Campo Grande agora...

Fábio: Não, o Saulo Júnior tá em Beao Horizonte...

Tatiana: Ah, ele não foi, não?

Fábio: Não...

Ângela: (para Carlos) São esses os teus amigos? Mais alguém que tu lembras e que tu queres falar?

Tatiana: (para Carlos) Lá de Beao Horizonte...

Ângela: Não? Já tem bastante gente aqui. Pra um menino de quatro anos, tem bastante gente...

Fábio: (para Carlos) Eu sou muito querido!

Carlos: Eu sou muito querido!! (risos)

Tatiana: Bem, daqui eu tenho a Gisele...

Ângela: Que é amiga?

Tatiana: Amiga... amigona... ficou a Gisele, ficou a... (Carlos fala algo e Tatiana ri)... a Bea...

Ângela: A Bea aqui?

Tatiana: É... a Bea.

Ângela: Ele (Carlos) tá vindo te lembrar das pessoas que tu tens que falar? (risos)

Tatiana: Não... é que ele quer que eu fale as mesmas, a Gaby, a Duda...(risos)

Fábio: Bea...

Ângela: Bea...

Tatiana: É que a Gisele é a mãe dos meninos, da Duda e da Gaby... Assim, as que eu sou mais amiga mesmo, são essas...

Ângela: É? Essas são as mais amigas... mas quais... tu tens alguns outros amigos que já não estão tão próximos? Por aqui, ou mesmo...

Fábio: A Francis... a Luciene...

Tatiana: A Francis, Luciene... a CiBeae...

Carlos: (ao fundo) Outra Tatiana que não é a minha mãe. Se chama Rosileide... (risos)

Tatiana: Dona Josiane...

Fábio: Dona Josiane...

Tatiana: A Dona Josiane que é uma pessoa muito legal...

Ângela: A Dona Josiane? E são pessoas que não são da comunidade, são pessoas amigas?

Tatiana: É, a Cibele e a Dona Josiane são... daqui... você fala assim, como? Vamos dizer... a Dona Josiane... eu tive contato com ela por que ela lava roupa...então aí a gente começou a lavar roupa com ela, né, Fábio? E eu fiquei muito, assim, próxima dela. Acho ela bem legal...

Fábio: Mas acaba que gerou um vínculo... por exemplo, ela é lá de Canasvieiras, então sempre que a gente vai em Canasvieiras visitar alguém, a gente vai lá na casa dela sempre.

Tatiana: A Cibele, que é manicure...

Carlos: Manicure!!!

Tatiana: Eu comecei a fazer unha com ela e gostei... a gente criou...

Ângela: Claro, cria... aqui do trabalho tu não tens ninguém, né? Porque tu não trabalhas... mas lá algum amigo que... mesmo que não esteja tão próximo hoje em dia que se tu...

Tatiana: Tem a Jana, Lú...

Ângela: Jana... Lú...

Tatiana: A Ceição...

Ângela: Como?

Tatiana: A Conceição. A Fernanda, Silvana...

Ângela: Essas são do teu trabalho de lá... e tu manténs ainda contato com elas, ou não?

Tatiana: Pouco... quando eu vou lá, eu ainda dou uma passada lá, onde eu trabalhava, e aí...

Ângela: Mas já não está uma relação próxima?

Tatiana: Não. Porque, assim, elas não me ligam, tal...

Ângela: Isso... Na área de saúde, tem às vezes algum médico, ou alguém que... ou pediatra até mesmo dele (Carlos), que vocês...tenham algum contato mais próximo?

Tatiana: Pediatra tem a do Estreito a... Dra. Kátia, que eu sempre levo nela, eu gosto... a gente tem a dentista Renata, também, que só vai nela...né, Fábio?

Fábio: A Dra. Renata...

Tatiana: É...

Ângela: Mas que daí são da família toda, né? A Kátia é só do Carlos.

Tatiana: Só do Carlos...

Ângela: E a Renata...

Tatiana: A Renata é de todo... a dentista da família toda...

Ângela: Mas não é uma relação íntima, né? É uma relação mais... social...

Fábio: Não, a gente tem uma relação até bem pessoal com a Renata.

Ângela: Mais próxima assim, ou...

Tatiana: Ah, não, mas é só lá no consultório, né, Fábio... a gente não tem muito contato.

Ângela: Visitar, ou telefonar...

Fábio: Não...

Tatiana: É só no consultório...

Fábio: Apesar de eu ter marcado várias vezes e não ir.

Tatiana: Assim, de trabalho, assim, eu fiz algumas amizades com o pessoal do Fábio... a Daniela, que trabalha com ele.. a gente vai sempre à casa dela, né, Fábio?

Fábio: É...

Tatiana: E tem o pessoal da outra... às vezes tem...

Ângela: Mais a Daniela... é do trabalho mais... dele, né?

Tatiana: É, trabalha com o Fábio...

Ângela: Mas eu vou... escrever em verde, mas vou deixar uma bolinha porque tu também... acabou se tornando... tua amiga, né? E... mais alguém, do trabalho? E na comunidade, da Igreja, que tu falaste? Tem alguém?

Tatiana: É igual eu falei, assim, eu cumprimento, mas eu não tenho ninguém que eu saiba o nome...

Ângela: Tá, então a comunidade da Igreja eu vou deixar uma bolinha só, aqui...

Tatiana: Você falou do posto de saúde...até quando a gente tava morando mais lá... em Capoeiras... teve uma moça do Posto de Saúde que foi lá no apartamento. Ela até que me falou das vacinas, falou pra mim ir lá... Ela tocou o interfone e fez uma entrevista com a gente também sobre o Posto. Pra fazer a ficha do Carlos... embora ela perguntou... se eu tinha plano de saúde, eu falei que tinha, que eu não freqüentava o Posto, mas ela disse “Ah, mas vamos fazer essa ficha, porque vai que precisa, até pra uma vacina, alguma coisa assim”... Aí eu falei “não, tá” e fui até lá uma vez pra poder tomar essas vacina... o cartãozinho de vacinas estava atrasado e tudo... foi só essa vez que eu fui... Aí ela sempre passava lá na rua... perguntava se o Lu... a família tava bem...

Ângela: Mas isso já tá mais distante, né?

Fábio: Hu-hum.

Tatiana: É, isso foi... bem no início, né?

Ângela: Agente... do... Posto de Saúde de Canasvieiras?

Tatiana e Fábio: Não, de Capoeiras...

Ângela: Uma pessoa que já fez parte mas que já está bem distante... aí a comunidade da Igreja, mas... aqui da comunidade tem mais alguém? Aqui da vizinhança, desse prédio aqui?

FIM DO LADO A DA FITA.

Ângela: Então são só, assim, vizinhos... eu vou botar aqui como mais distantes... vizinhos...porque tu não deixa de cumprimentar...

Fábio: Não, com certeza...

Ângela: Os vizinhos também tão aqui pra ti mais distantes... da família, pra ti são essas mesmas pessoas que o Carlos falou?

Tatiana: É, família a gente... que são próximos mesmo assim é... né? Por que tem também a minha avó, as minhas tias...

Ângela: Mas elas não são mais tão próximas, já são mais aqui nesse segundo círculo aqui... já estão... tu vê mais esporadicamente...?

Tatiana: É, porque eu assim, quando a gente vai em Beao Horizonte, eu vou lá uma vez, assim... não vou... não é igual quando eu vou na casa da minha mãe... eu estou lá em Beao Horizonte, eu fico lá quinze dias, os quinze dias eu vou na casa da minha mãe. Porque a gente vai, a gente fica na nossa casa. Mas eu vou lá e vejo a minha tia, assim, uma vez, no máximo...

Ângela: Tia...

Tatiana: É, a minha avó...

Ângela: Primos, tu tens?...

Tatiana: Tenho, muitos...

Ângela: Mas também não são tão próximos?

Tatiana: Não...essa mudança... que é tanta gente que a gente tem que ver em Beao Horizonte, e acaba passando muito rápido, e aí tem algumas pessoas que a gente acaba não vendo...

Ângela: Mais alguém da família, assim, especial, que tu queiras falar?

Tatiana: Tem as tias do Fábio, que eu também acabei... sempre que eu vou lá...eu vejo elas também... a tia Marina.

Ângela: Mas a família do Fábio, por que... aqui... essas duas são as duas famílias, né? Dos teus irmãos e aqui estão relatados os tios de todos os lados, é isso?

Tatiana: Pra falar a verdade, é só meu...(risos).

Fábio: Na verdade, todos os tios só do lado dela. Eu sou filho único.

Ângela: Ah, tu és filho único...

Fábio: Eu sou filho único...

Tatiana: A família do Fábio é muito pequenininha... é só essas duas tias que eu falei que às vezes eu vou sempre lá vê-las... (Carlos interrompe e pede aos pais para fazer algo. Eles autorizam). E... como ele não tem irmãos, os mais próximos são a mãe dele e o pai dele mesmo.

Ângela: A mãe e o pai dele, é isso?

Tatiana: E a minha família já é enorme. Nós somos sete irmãos. Então tem muita gente.

Ângela: E são todos bem unidos, todos os sete irmãos, assim, com os sobrinhos todos?

Tatiana: Todos. Estão sempre na casa da minha mãe.

Ângela: Quando tu vais pra lá também é motivo pra ele...

Tatiana: Ih, é... sempre. Essa semana... esse mês que eu fui lá, em julho a gente encontrou quase todos os dias...

Ângela: Mais alguém importante, assim, que tu tenhas uma rede de relacionamento maior?

Tatiana: Tem. De Minas também eu não falei das... que são amigas assim, a Denise, a Andrea... a Ana Paula

Ângela: E elas são bem amigas por que tu manténs bastante contato?

Tatiana: Contato, ah-ham... a Denise, a Andrea, a Ana Paula...

Ângela: Tu colocarias nesse primeiro círculo aqui então?

Tatiana: Colocaria... as três... que a gente tá sempre falando por e-mail, mesmo longe... ligam, né? A Ana Paula vai sempre lá na casa dos pais do Fábio e tá sempre perguntando pela gente...

Ângela: A Denise, a Andrea, a Ana Paula...

Fábio: E o Neném...

Tatiana: É, o Neném o Carlos colocou, né?...o Neném também é bem próximo da gente...

Ângela: Mas o Neném é o...

Tatiana e Fábio: É o padrinho do Carlos.

Ângela: Ele não é da família, então?

Tatiana: O Neném?

Fábio: Ele é quase da família, né? Mas assim, laço mesmo, familiar, não tem...aquela coisa sanguínea.

Ângela: Padrinho Neném...

Tatiana: E amigão...

Ângela: Que também é dos três, né?

Tatiana e Fábio: Hu-hum...

Ângela: Mais alguém? Lá de Minas ou mesmo daqui?

Tatiana: Eu falei a Luciana, não? A Luciana, é... aqui... que é uma assim, das minhas amigas que a gente continua tendo contato ainda...

Ângela: Ela é lá...

Tatiana: Do bairro...

Ângela: De lá? Mas de lá, né?

Tatiana: De lá...

Ângela: ...lá em Minas...

Tatiana: Acho que só...

Ângela: Aqui em Florianópolis, acaba reduzindo bastante né, mesmo o teu... o teu grupo, assim... de relação...? É mais... essas aqui... essas aqui...esses todos de qualquer maneira, estão lá... No trabalho aqui tu conheces a Daniela... Mais alguém que era do trabalho dele?

Fábio: O Adriano...

Tatiana: Ah... o Adriano, a Luciane...

Fábio: Não, a Luciane é esposa do Adriano. Ela já está aqui... aí é só o Adriano.

Ângela: A Luciane, é essa aqui...

Fábio: Não, essa é de Minas. É a Luciene.

Ângela: Luciene... é...

Fábio: Isso, ela entrou aqui...

Ângela: ... Adriano. Mais alguém?

Tatiana: Não. Porque o resto a gente vai num churrasco, assim, mais a gente quase não conversa, com os amigos dele...

Ângela: Então eu vou botar assim: mais um colega... de trabalho... do Fábio... que daí isso fica, assim, pra ti, mais distante, né?

Tatiana: É... Sempre tem um churrasco, um encontro na praia...

Ângela: Fábio... com dois “eles”, né?

Fábio: Com dois “eles”...

Ângela: E tu, Fábio, como é que é a tua rede?

Fábio: Trabalho: tem a Daniela, tem o Adriano... tem o Júnior...

Ângela: Bem próximos, daí...

Fábio: São bem próximos...a gente tá ali... em contato todo dia... Tem o Jessé... tem o Pirão... Que é Márcio... tem o Flávio... o Flávio eu acho que eu nem colocaria ele aí... eu colocaria ele entre os meus amigos mesmo...

Ângela: O Flávio?

Fábio: É... que é o Flavinho...esse que tá aí...

Ângela: Que é bem próximo?

Fábio: Bem próximo...

Tatiana: Ele é vizinho, ele é do trabalho...

Fábio: A gente tá junto todo dia... Tem o Tande...

Ângela: Do trabalho?

Fábio: Não, o Tande tá aqui entre os amigos também... desculpa... apesar de a gente trabalhar junto, mas, eles... são também como meus amigos... e lá no trabalho ainda tem o Sandro, o Coelho... Avane...

Ângela: Vani?

Fábio: Isso... esses são os mais próximos. Aí, os mais distantes aí tem...

Ângela: Tem vários...

Fábio: Um monte...

Ângela: Na área da saúde é mais a Renata, né, que tem...

Fábio: É, é mais a Renata...

Ângela: Da comunidade?

Fábio: Hmm... não tenho... muito assim, na comunidade...

Ângela: Da tua família também são todos esses...?

Fábio: É, da minha família mesmo é só o vovô Marcelo e a vovó Mariana, né, meu pai e minha mãe... bem próximos. Aí tem minhas tias, que na verdade não são tias, né? São primas da minha mãe... (risos) mas aí é como se a gente fosse...

Ângela: Que são essas mesmas aqui, né?

Fábio: É... a tia Marian, tia Perpétua, tia Claudete...

Ângela: Marian... Perpétua, Claudete...

Tatiana: quem é a madrinha... (Risos)

Ângela: Quem é a madrinha?

Fábio: A minha madrinha? (risos)... é, ela tá sempre perguntando, mas nunca vai lá em casa...

Ângela: É... já mais distante, aqui então?

Fábio: (com risos)... hmmm... quase aqui assim... dá pra por outro círculo?... E os meus primos...

Tatiana: Ô, Fábio... mas é por que ela é velhinha, não agüenta mais... você que não tem que... é você que tem que ir atrás dela...

Fábio: Ah, então você tá falando é da madrinha Alaíde... eu pensei que fosse a madrinha Correia...

Ângela: Primos...

Fábio: Basicamente isso... é igual a Tatiana falou, a minha família é pequenininha... meu vínculo mesmo, a minha grande ligação é a com...

Ângela: E esse primos são filhos dessas tuas tias que são primas da tua mãe.

Fábio: Isso, que são primas da minha mãe. Então, teoricamente são meus primos em terceiro grau.

Ângela: Mas que têm uma proximidade, assim...

Fábio: Tem...

Ângela: Não tão...

Fábio: Não tão próximos quanto os meus pais, mas, por exemplo, eu estive em Belo Horizonte, eu fui na casa deles e tal... ah, e nos amigos aqui também tem o Giovane... que é de Minas também... e o Neném e Paulinho.

Ângela: Neném é esse aqui que é o padrinho...

Fábio: Isso...é, exatamente...

Ângela: Neném e Paulinho...

Fábio: Neném...ou Mariana, só...

Ângela: Mas o Giovane era do trabalho, não?

Fábio: Não, não... ai, tá no mesmo lugar...

Ângela: Giovane?...

Fábio: Mariana e Saulo.

Ângela: Esses três são de Minas?

Fábio: São de Minas...a cho que basicamente é isso aí...

Ângela: E... assim... amigos de colégio, amigos... esses aí já ficaram mais distantes, né?

Fábio: Tem vários... mas até mesmo pelo fato de eu estar distante agora...

Ângela: Já estão... assim, mais longe...

Fábio: A proximidade fica uma coisa complicada... até mesmo pela distancia física. Mas quando eu estou em Belo Horizonte, ligam e tal...um ou outro aparece, tipo o Jairo...que apareceu aquele dia... o Fabinho...

Ângela: (para Tatiana) E os teus amigos de colégio, também estão assim, bem distantes?

Tatiana: Bem distantes...

Ângela: E lá na comunidade, em que tu ias na Igreja de lá... tens ainda contato com alguém?

Tatiana: Tenho...assim, nossa, eu fui lá na Igreja, aí muita gente chegou, porque sentiram saudade e tal, sentiam a nossa falta lá na Igreja...

Ângela: Na Igreja... de BH, né?

Tatiana: Lá tem mais coisa, assim, né, na comunidade... a gente... tem o...por exemplo, lá no Posto de Saúde faz...tem ginástica, esses negócios, né? Lá tem mais coisas...

Ângela: E daí tu participavas?

Tatiana: Não...pra falar a verdade, quem participa é a Dona Mariana, né?

Ângela: Então já é bem mais distante, né?

Tatiana: É...

Ângela: (para Fábio) Então, e aqui da comunidade tu não...

Fábio: Tem muita gente conhecida na comunidade... porque é aquela coisa, a gente mora há muito tempo no bairro, então querendo ou não...você conhece muita gente... tem gente às vezes que você não sabe o nome, mas você passa pela rua, cumprimenta...

Tatiana: E tem as pessoas da farmácia, que você conversa, né?

Fábio: É, da padaria... do mercado...

Tatiana: ... da padaria, da farmácia, o Nil da padaria...

Ângela: Mas aí eles são, assim, mais distantes que às vezes não sabe nem o nome, mas que são, assim...

Fábio: É, algumas gera aquele vinculo até assim, de por exemplo, você vai naquele lugar e encontra com aquela pessoa e pára, vai conversar sobre alguma coisa, trocar uma idéia...mais não tem aquele vinculo de amizade, etc...

Tatiana: ...O pessoal da mercearia, lá perto de casa...

Ângela: Se vocês precisassem de alguma coisa, pra quem vocês correriam?

Fábio: Aqui ou lá?

Ângela: Às vezes precisando aqui vocês poderiam recorrer mesmo à pessoas de lá, né? Porque se tem algum problema financeiro... quem que vocês procurariam?

Fábio: Eu, em primeiro lugar os meus pais... recorreria ao meu pai...

Tatiana: Eu... à Vi...(risos)

Fábio: E você à Vi, né, amor? (risos)

Ângela: Quem daria algum conselho, precisando de conselho, quem vocês também gostariam?

Tatiana: Minha família... minha mãe...minhas irmãs... eu tenho minhas irmãs mais velhas que eu sempre pergunto para elas as coisas ... e aqui a minha amiga Gisele... que já foi...

Ângela: Aqui em Florianópolis seria a Gisele.

Tatiana: A Gisele. A gente é muito próxima, assim...

Ângela: (para Fábio) E tu aqui, de Florianópolis, alguém?

Fábio: No meu caso, isso ia ser uma coisa muito difícil, porque eu sou uma pessoa extremamente reservada. Então não sou muito de participar os meus problemas e tal...eu sou aquele tipo de pessoa que as pessoas vem mais como pra chegar, pra trocar uma idéia, pra pedir uma opinião... mas eu não sou muito de ir pra conversar alguma coisa a respeito, pra perguntar...

Ângela: É mais ou menos isso. Tem mais alguém que vocês queiram falar, que tenham esquecido, que tenha lembrado? Quem que procuraria vocês, assim, se precisaria de... se precisa de ajuda? O contrário... também a Gisele te procuraria?

Tatiana: Procuraria... a Bea também acho que procuraria... você esquece de por o Marquinho aí, né?

Fábio: Ah, é... o Marquinho... o Marquinho é marido da Bea, ele pode entrar aí nos amigos de trabalho...que eu conheci ele devido ao trabalho...

Ângela: Marquinho... e a Gisele tu conheceste... por quê?...

Tatiana: A Gisele é... mulher do Tande...

Fábio: Mulher do Tande.

Ângela: Que daí é um casal bem próximo, né?

Tatiana: Que quando... eles também vieram pra cá...né? juntos...

Fábio: Nós trabalhávamos juntos em Beao Horizonte e aí fomos juntos no Nordeste, né? Eu e o Tande, no caso... aí nós fomos juntos pro Centro-oeste, aí viemos juntos pro Sul...

Carlos interrompe dizendo que está com fome. Tatiana diz que ele já vai almoçar e sugere que ele tome um chá. Fábio concorda. Tatiana vai atender Carlos.

Ângela: E ele, e o Tande, também veio agora, recentemente pra cá?

Fábio: Não. Eu, o Tande e o Flávio, nós viemos na mesma época... nós viemos em... eu e o Tande abril do ano passado. E o Flávio, porque tinha feito uma cirurgia, chegou um pouco depois, o Flavio chegou em junho.

Ângela: (para Carlos) Tu queres escrever mais alguém? Desenhar... lembrou de mais alguém pra colocar na tua...

Carlos: Lembrei!

Ângela: Quem?

Carlos: É...

Fábio: Não lembrou nada... (risos de todos)

Tatiana: Esqueceu...

Ângela: Lembrou mas já esqueceu...

Ângela: Obrigada. Queria agradecer mais uma vez a disposição de abrirem um espaço na agenda, para eu entrevistar!

FIM DA GRAVAÇÃO.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)